



Instituto Politécnico de Tomar – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro
(Departamento de Geologia da UTAD – Departamento de Território, Arqueologia e Património do IPT)

Mestrado em
ARQUEOLOGIA PRÉ-HISTÓRICA E ARTE RUPESTRE

Dissertação final:

O Arqueossítio da Medroa, Povoado ou Espaço Ritual?

Álvaro Batista

Orientadora: Ana Rosa Gomes Pinto da Cruz

Júri:

Ano académico 2014/2015



O Arqueossítio da Medroa
Povoado ou Espaço Ritual?

Álvaro Batista

Resumo: A presente Tese incide sobre o arqueossítio da Medroa. Nela pretendemos determinar sobre que tipo de ocupação nos encontramos se povoado ou acampamento ou um espaço ritual. Para isso se analisa os diversos dados da escavação assim como de sua indústria e os diversos vestígios do enquadramento da área e de alguns vestígios do concelho. A análise final aponta para um espaço fortemente ritualizado.

Palavras chave: Pré-História Recente, Medroa, Povoado, Espaço Ritual, Menir

Abstract: This thesis focuses on the arqueossítio of Medroa. We intend to determine what kind of occupation we found ourselves village or camp or a ritual space. For it analyzes the various excavation data as well as its industry and the various traces of the area framework and some vestiges of the county. The final analysis points to a highly ritualized space.

Keywords: Recent Prehistory, Medroa, town, Ritual Space, Less

A minha esposa e meus filhos
pela compreensão que sempre
demonstraram pela minha longa ausência
que a arqueologia sempre colocou em nosso lar.

| ÍNDICE | pág. |
|--|------|
| Agradecimentos | 5 |
| Introdução e Plano da Obra | 6 |
| I – Caracterização geográfica, geomorfológica e climática do concelho de Abrantes | 7 |
| 1 Os Solos | 11 |
| 2 Hidrografia | 11 |
| II – O “Povoado da Medroa” | |
| A) Fisiografia | |
| A1 Localização | 12 |
| A2 Geomorfologia | 13 |
| A3 Topografia | 14 |
| A4 Hidrografia | 15 |
| A5 vegetação | 15 |
| B) Metodologia | |
| B1 Prospeção | 16 |
| B2 Escavação | |
| B2.1 Razão da escavação | 16 |
| B2.2 Metodologia de escavação | 17 |
| B3 A planimetria | 20 |
| B4 A estratigrafia | 21 |
| B5 O menir a Sul | 25 |
| B6 As estruturas a Norte | 31 |
| B7 A cultura material: o espólio | 35 |
| B8 A radiometria | 100 |
| C) Enquadramento crono-cultural | |
| C1 Na área do “povoado” | 101 |
| C2 No concelho | 108 |
| D) Neolitização: correntes teóricas | 109 |
| D1 Tese de Neolitização para Abrantes | 116 |
| E) Discussão dos dados | 118 |
| F) Considerações finais | 125 |
| G) Bibliografia | 127 |
| H) Anexos | |
| H 1 Documentação fotográfica | 132 |
| H 2 Inventário do espólio da Medroa | 140 |

AGRADECIMENTOS

Qualquer obra, por menos envergadura que tenha, tem sempre alguém que de algum modo para ela contribuiu na sua construção, seja de modo direto ou indireto.

Esta não é excepção. Embora tivesse sido uma escavação de emergência da responsabilidade do gabinete de arqueologia do Município de Abrantes, o facto é que desde o primeiro momento deveremos agradecer a pronta disponibilidade da arqueóloga do Município, Filomena Gaspar, ao facultar o relatório de escavação para a execução desta tese. Mas outros não poderemos ignorar como o apoio do departamento de SIG da Câmara, particularmente ao João Rosa ou ao seu chefe, que sempre nos facultaram acesso a mapas. Também aos colegas de topografia aqui deixamos nosso agradecimento. Por outro não poderemos esquecer a nossa então chefe de serviço Dr^a Odete Dias pelo apoio dado enquanto estivemos em escavação e na elaboração do relatório. Ao serviço de transportes do Município nas pessoas dos Drs. João Silva e Hugo Silva, pelo esforço que sempre demonstraram na obtenção de transporte, dada a não vocação do Município para uma área como a arqueologia, que levantava sempre problemas de logística. Mas não só à tomada de consciência progressiva da importância da arqueologia por parte dos vários intervenientes do Município se deve o bom êxito da intervenção na Medroa. Também o proprietário do terreno o Sr. Jorge Manuel Gaspar Esteves, foi elemento crucial na defesa do local ao disponibilizar o terreno para a protecção da estação quando ao seu derredor foi efetuada uma plantação de raiz de pinheiras mansas. Aqui se evidencia a colaboração entre proprietários e a sempre problemática e mal compreendida arqueologia. Por último não poderemos esquecer a nossa orientadora da tese a Doutora Ana Pinto da Cruz pelo apoio prestado na sua elaboração, como pelo seu contributo na investigação que desenvolveu nesta área em torno da Pré-história recente.

INTRODUÇÃO E PLANO DA OBRA

A nossa tese centra-se fundamentalmente no arqueossítio da Medroa que nos levanta alguma problemática interpretativa não só pelo tipo de arquitectura “habitacional”, quer pela sua associação a um menir. Mas, várias são as linhas orientadoras que nos conduzem a um espaço que pode bem apontar para um local ritual.

Mas, esta visão terá de se alargar a toda a restante área circundante porque dela faz parte e é elemento integrante do todo. Isto leva-nos a uma interpretação alargada e a uma visão de um todo que se nos afigura interligado desde os enterramentos proto megalíticos à arte rupestre, bem como toda uma diacronia até ao bronze Final com as mamoas não megalíticas, mas que denotam toda uma longa continuidade num espaço de vivos e de mortos. Esta não integral ruptura está inscrita na arte rupestre da Arroiteia 2 e alarga-nos os horizontes interpretativos desta elementar forma de “escrita”.

A nossa visão se estende a outras áreas do concelho abrantino procurando respostas ou achegas ao que a interpretação do conjunto da área norte das freguesias de Martinchel e Aldeia do Mato nos revelaram.

É todo este conjunto que pretendemos abarcar em termos de conhecimento e relançar toda uma análise interpretativa. Será que somos infalíveis na nossa procura de respostas ou que respondemos de forma satisfatória às dúvidas que nos assaltaram? Talvez não, porque uma só leitura pode não ser a expressão total da realidade cultural de outrora. Buscamos um caminho, uma linha orientadora que nos conduza ao conhecimento daquilo que supostamente a leitura nos apresenta. Esse é o nosso propósito nas linhas que se seguem.

I – CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA, GEOMORFOLÓGICA E CLIMÁTICA DO CONCELHO DE ABRANTES

O concelho de Abrantes localiza-se a Nordeste do Ribatejo, no distrito de Santarém, tendo como pontos extremos do seu território os paralelos 39 14' 04'' e 39 38' 52'', respectivamente a Sul e a Norte, e os meridianos 7 56' 17'' e 8 21' 14'' W de Greenwich, respectivamente a Oriente e a Ocidente. É delimitado a Norte pelos concelhos de Vila de Rei e Sardoal, a Sul pelos de Ponte de Sor e Chamusca, a Oeste pelos de Constância e Tomar, e a Leste pelos de Gavião e Mação. Dispõe de uma área de 714,69 Km² e actualmente dispõe de treze freguesias (vd. Fig. 1). (SILVA, BATISTA e GASPAR 2009)

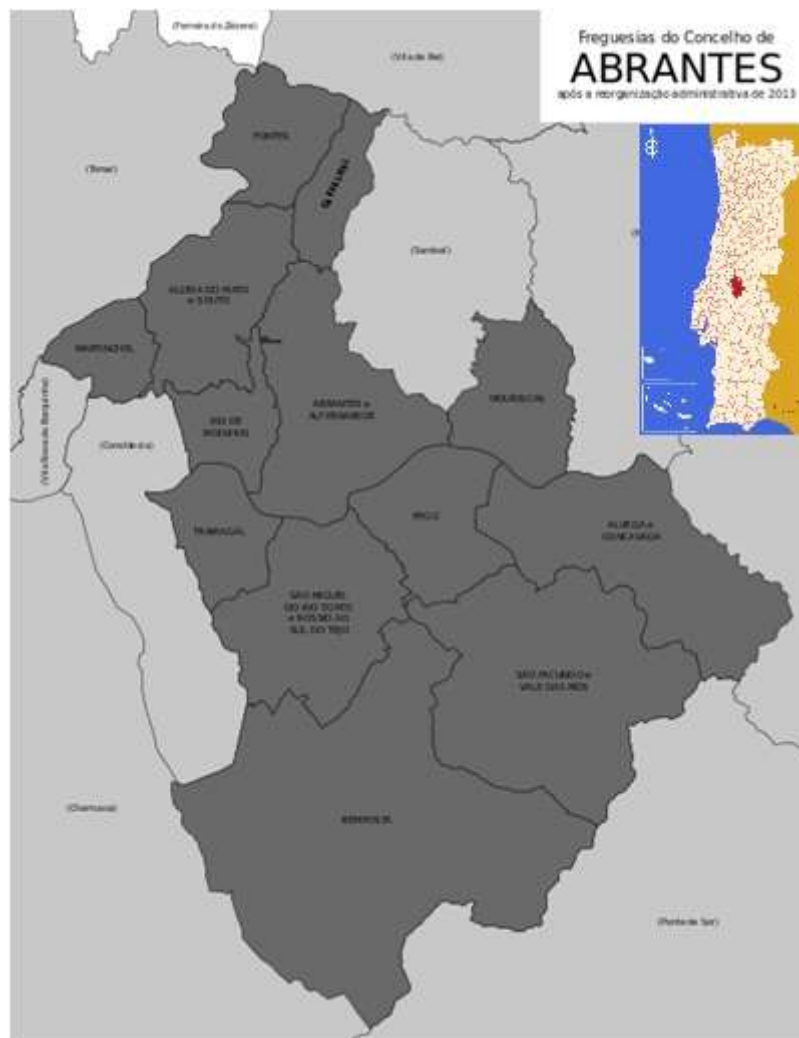


Fig. 1 Freguesias do Concelho de Abrantes

(Fonte: URL: https://www.google.pt/search?q=mapa+concelho+de+abranes&biw=1280&bih=705&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwig9J-z9KTJAhVMDxoKHRv_BnsQ_AUIBigB#imgcr=v0pv8GPkAQezWM%3A)

Em termos geomorfológicos o concelho de Abrantes situa-se numa zona de contacto de três importantes unidades geomorfológicas do país – o Maciço Antigo, a Bacia Terciária do Tejo e a Orla Mesocenozóica Ocidental (a Oeste do Zêzere com prolongamentos a sul do Tejo) (vd. Fig. 2).

Podemos distinguir no território abrantino três áreas de diferente formação geológica, uma a Norte, outra em torno do Tejo e a outra a Sul do Tejo.

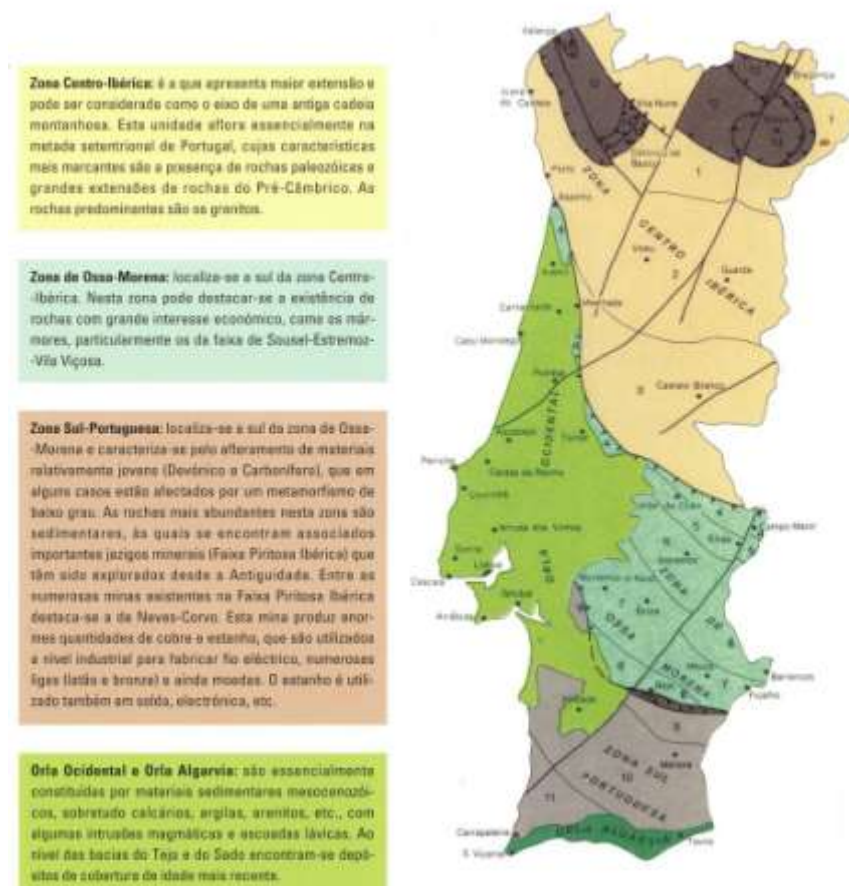


Fig. 2 As três importantes unidades geomorfológicas do país

(Fonte: URL:

https://www.google.pt/search?q=unidades+geomorfol%C3%B3gicas+de+portugal&biw=1280&bih=705&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjY7fXc9aTJAUBzhoKHZLhBuUQ_AUIBigB#imgsrc=f0y0u2p5DG-s4M%3A)

Embora o Precâmbrico e a “Série Negra” do Sudoeste Peninsular ocorra em Rio de Moinhos até Abrantes, Alferrarede e daí às Mouriscas flectindo para Norte para o Sardoal e à Serra de Tomar e ainda na margem Sul do Tejo desde Arrepiado até Rossio ao Sul do Tejo, o facto é que se encontra melhor representado na área Norte do Concelho onde predominam as formações geológicas inseridas no Maciço Antigo. (idem) É o caso dos afloramentos graníticos de Martinchel e Aldeia do Mato e a restante presença ao longo do vale em V encaixado do Zêzere e Codes do Maciço Antigo de xisto ou grauvaque. Aqui os relevos de maior altura são por vezes constituídos por

formações do Vilafranquiano ou Pliocénico, onde predomina o pinheiro bravo, pulmão do concelho. À medida que nos afastamos para Sul para junto do Tejo o relevo diminui de altitude e é coroado por formações Plistocénicas e por terraços fluviais. As zonas de menor altitude em torno do Tejo, constituídas por húmus revelam grande fertilidade, tais como as da Bacia Terciária de Rio de Moinhos, Alferrarede ou Alvega. Aqui predominam as formações cenozóicas, recobertas nas imediações do vale propriamente dito por um manto quaternário ou antropozóico, constituído pelas cascalheiras, margas, conglomerados, argilas, grés e areias. Há, todavia, que assinalar, como já referimos, o afloramento de algumas formações precâmblicas e paleozóicas, como é o caso do maciço rochoso de Abrantes e o do Tramagal, este também com intrusões graníticas bem evidenciadas (idem).

A Sul do Tejo é constituído na sua grande maioria por formações do Cenozóico moderno, que cobrem o soco antigo. O relevo já de características alentejanas, é dominado por peneplanícies de baixa altitude, suavemente onduladas, onde domina o sobro, e as pendentes apresentam valores pouco acentuados, sobretudo se comparadas com o Norte do Tejo, raramente ultrapassando os 5%. Os materiais de cobertura são constituídos indiscriminadamente por arenitos argilosos, areias e cascalheiras de planalto. Dignos de registo são os afloramentos graníticos e de rochas quartzo-dioríticas das proximidades de São Facundo, que forneceu o melhor conjunto funerário megalítico (idem).

Em termos climáticos estamos inseridos numa zona de transição entre o Norte atlântico, o Sul mediterrânico e o interior continental. As formas contrastantes do seu relevo concelhio, levam a alguma diversidade climática revelando-se o Sul mais seco que o Norte e o vale do Tejo com amplitudes térmicas menos acentuadas do que nas zonas planálticas. O clima pode, todavia, caracterizar-se, em termos globais, como quente e temperado e moderadamente chuvoso. Abrantes tem uma temperatura média de 16.4 °C. (Fig.3 e 4) A média anual de pluviosidade é de 773 mm. Os ventos dominantes são, durante o Estio, os do sector N.NO.O, e de Inverno os do sector N.NE.E, sem contudo atingirem altas velocidades (média entre 7-10 km/h).

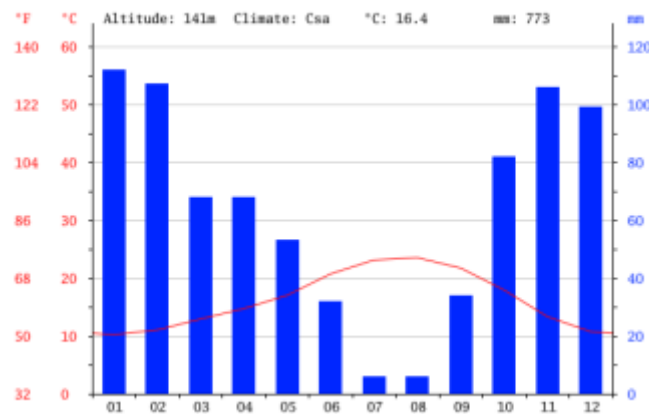


Fig. 3 Gráfico Climático

(Fontes: URL: https://www.google.pt/search?q=gr%C3%A1ficos+clim%C3%A1ticos+de+portugal+-+Abrantes&biw=1280&bih=705&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiYy4Kk96TJAhXF1RoKHRglCXsQ_AUIBigB#imgrc=7Kx2k9Xb3emTDM%3A)

Julho é o mês mais seco com 6 mm. Com uma média de 112 mm o mês de Janeiro é o mês de maior precipitação.

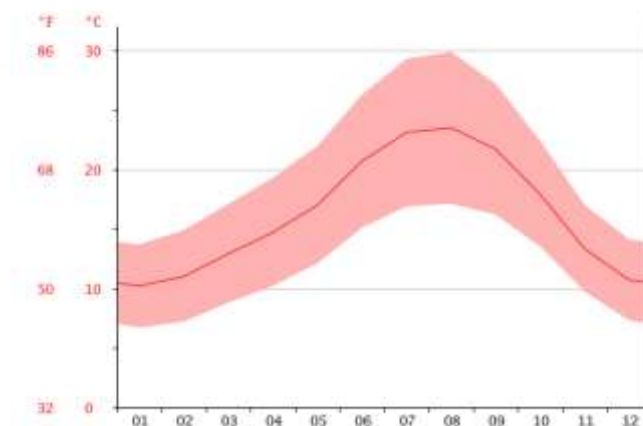


Fig. 4 Gráfico de Temperatura

(Fontes: URL: https://www.google.pt/search?q=gr%C3%A1ficos+de+temperatura+de+portugal+-+Abrantes&biw=1280&bih=705&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwj43fKi-KTJAhUDCBoKHYdaDksQ_AUIBigB#imgrc=Z8GQHAaETsq-kM%3A)

23.5 °C é a temperatura média do mês de Agosto, o mês mais quente do ano. Em Janeiro, a temperatura média é 10.2 °C. É a temperatura média mais baixa de todo o ano.

1 OS SOLOS

No geral, os solos abrantinos são incipientes, não evolucionados, imaturos e sem horizontes bem diferenciados. Predominam no concelho os solos litólicos não húmicos e os solos mediterrânicos pardos. Acompanhando o vale do Zêzere até à penetração na bacia do Tejo, encontram-se litossolos esqueléticos, com uma espessura efectiva inferior a 10 cm. São, portanto, solos de recursos edáficos geralmente muito limitados, com muito baixo fundo de fertilidade, pobres em matéria orgânica e com textura e espessura desfavoráveis. Somente 21 % dos solos têm uma capacidade de uso classificável entre “muito elevada” e “mediana”. São os aluviosolos, os coluviosolos e os solos hidromórficos. Nestes se incluem as várzeas de Alvega, do Pego, do Rossio ao Sul do Tejo, e em parte de S. Miguel do Rio Torto e Tramagal, na margem esquerda, e as de Alferrarede e Rio de Moinhos na margem direita, que representam apenas 2,2 % do concelho. Áreas depressionárias tradicionalmente sujeitas ao regime das cheias do rio Tejo, estes terrenos são, no entanto, de grande fertilidade (SILVA, BATISTA e GASPAR 2009).

2 HIDROGRAFIA

Abrantes dispõe de dois grandes rios. Um que passa pelo centro do concelho de Este para Oeste que é o grande rio ibérico, o Tejo e um outro que serve de fronteira a Oeste, o Zêzere (onde ao longo de suas margens se observa exploração mineira a céu aberto, talvez algumas já Calcolíticas), que desagua no Tejo em Constância. A servir de fronteira a Norte temos o rio Codes que desagua no Zêzere. Mas o Concelho ainda dispõe de alguns cursos importantes e que muito contribuíram para a presença humana na área. Na área de Rio de Moinhos (margem direita do Tejo) a ribeira de Rio de Moinhos e a da ribeira da Amoreira, onde em parte de sua margem direita se situa um importante povoado do Epipaleolítico e Neo-Calcolítico. Na mesma margem do Tejo e mais a montante, a ribeira de Abrançalha de onde é proveniente indústria bifacial quartzítica Paleolítica. Ainda mais para montante e defronte a Abrantes, a ribeira de Moinho do Meio. Sobre a sua foz no Tejo e na margem esquerda ergue-se o Cabeço do Caneiro e nele o povoado Neo-Calcolítico. Ainda algures na margem da ribeira, talvez por alturas do Carvalhal a referência antiga a uma Anta, já destruída. Continuando a seguir para montante e ainda na extensa bacia aluvionar do Rossio ao Sul do Tejo,

chegamos à ribeira de Coalhos na mesma margem esquerda do Tejo. Aqui ao longo de suas margens surge a indústria Paleolítica e o não menos importante povoado do Neolítico Cardial ao Calcolítico do Salvador com a maior representatividade de cerâmica decorada do Concelho. Próximo deste povoado provêm o único ídolo fálico do concelho e algures na margem da ribeira uma outra referência antiga às pedras d'Anta. A 18 Km para montante, encontramos a extensa bacia aluvionar de Alvega e o término do concelho na ribeira da Lampreia, de onde de sua margem foi recolhida a famosa placa de Juramento dos Aricienses da época romana. Nas margem do Tejo nos terrenos baixos de aluvião descortinam-se algum povoamento Neo-Calcolítico como os de S. João, de onde é proveniente um Ídolo Calcolítico da Deus Mãe, cuja leitura nos remete para uma origem mítica no Crescente Fértil. Agora retornando para jusante pela margem direita do Tejo vamos encontrar sobranceira à ribeira do Rio Frio a sua famosa Anta. Continuando para jusante até Abrantes os cursos de água são de pouca expressão, talvez excepção a ribeira de Alferrarede, junto a Abrantes (SILVA, BATISTA e GASPAR 2009).

II – O “POVOADO DA MEDROA”

A) Fisiografia

A1 Localização

O arqueossítio localiza-se a Norte do Concelho de Abrantes e pertence à Freguesia de Aldeia do Mato, Distrito de Santarém. Coordenada UTM, obtida por GPS: M 0561385/ 4376907 (vd. Fig. 4).



Fig. 4 Localização (Fonte: CMP 1: 25 000, f. 321, 1981)

Em termos de implantação, este “povoado” estende-se ao longo do topo da cumeeada de orientação Este-Oeste, em cerca de 300 metros, ficando a Este sobranceiro ao povoado de encosta Neo-Calcolítico da “Zambujeira”. Está implantado na zona de planalto à cota de 240 metros em terreno Mio-Pliocénico secundado principalmente a Norte por afloramentos de Gneiss do Maciço Antigo (Hercínico). A sua implantação aponta para três factores estratégicos. Desfruta em termos visuais de uma excelente posição, ora sobre as Antas de Vale Chãos, quer para o corredor de cumeeada que levaria à Pedra da Encavalada e povoados Calcolíticos Jogada e Chã bem como do vale para Norte para o rio Zêzere. Está posicionado sobre uma já provável via, que lhe passaria a poucos metros a Sul, talvez já de transumância, de orientação Este-Oeste que faria a ligação entre o Tejo e o interior do território para Vila de Rei e que a EM 358 sobre ela aponta estar implantada (BATISTA, Á 2004: 186). Esta via, é todavia mais notória para o Bronze Final, face à implantação das diversas mamoa ou *tumulis* já inventariados para Este, e implantadas ao longo desta. (BATISTA e GASPAR, 2007) Estes diversos *tumulis* remetem-nos para o Bronze Final, se atendermos aos resultados provenientes da escavação da mamoa ou *tumulus* 1 do Souto (CRUZ, A. 2008-2009) e (TOMÉ, T. 2008-2009), devido à sua similitude.

A2 Geomorfologia

O local encontra-se implantado em terrenos Mio-Pliocénicos de argilas e cascalheiras de quartzito, depositado sobre o substrato geológico do maciço antigo Hercínio a Norte, Nordeste, Este e Sul, predominando os gnaisses e xistos, intercalados por micaxistos, grauvaques, anfíbolitos e rochas carbonatadas (vd. Fig. 5). Situa-se a uma altitude média que rondará os 246 metros, implantada em solos de aptidão florestal, tendo no momento da descoberta pinhal ardido.

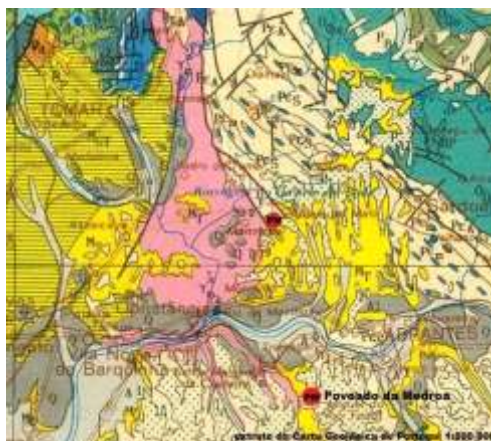


Fig. 5 A implantação geológica

(Fonte: CGP 1: 1000 000, 1982)

A3 Topografia

O “povoado” da Medroa localiza-se no planalto plano, com cerca de 300 metros, de orientação Este-Oeste a uma cota de 246 metros de altitude. Para Norte o planalto segue na direcção do marco geodésico da Chã e prossegue pela Jogada indo entrar na Barragem de Castelo de Bode. Para Noroeste uma linha de água segue e ganha expressão quando desce sobre as águas da albufeira do Castelo de Bode. No seu início é visto do menir as antas 1, 2 e 3 de Vale Chãos. O relevo do planalto da Chã quer a Este ou Oeste é marcado por declives acentuados e linhas de água pluviais de fraca expressão. Do “povoado” para Este o planalto prossegue mesmo para lá da aldeia do Carvalhal. Para Oeste e da aldeia da Medroa prossegue na direcção de Martinchel um extenso vale que passa no Monumento Megalítico do Alqueidão e desemboca no Zêzere. Para Sul tem início o vale que passa pelo povoado de Amoreira e desemboca na planície aluvial do Tejo. Para Sul e Este o relevo é quase uniforme, embora indo progressivamente diminuindo de altitude à medida que se aproxima da planície aluvial do Tejo. Este é marcado por inúmeras linhas de água que se dirigem para Sul na direcção do Tejo. Para Norte o planalto desemboca na ampla albufeira de Castelo de Bode e seria então marcado por vale profundo em V com declive de cerca de 150 metros de profundidade, antes da construção da barragem.

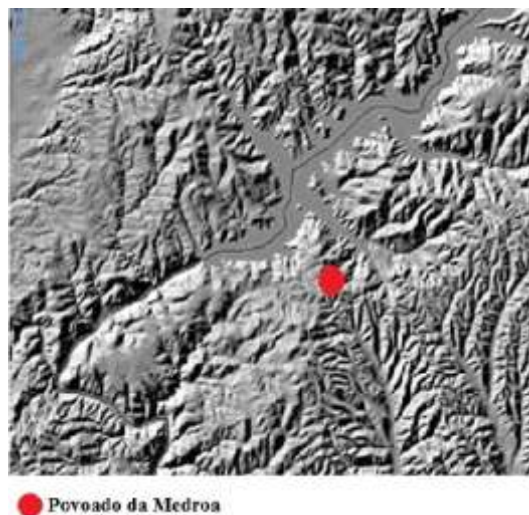


Fig. 6 O Povoado e o relevo (Fonte: MDT Itgeo)

A4 Hidrografia

A rede hidrográfica mais importante é a marcada pelo Zêzere e actual albufeira de Castelo de Bode a Norte. Mas vindo de Este o vale da ribeira da Aldeia do Mato tem também sua expressão, embora menos expressiva comparada ao Zêzere. As inúmeras linhas de água apenas ganham apenas expressão aquando de alguma pluviosidade, mantendo-se secas durante o verão.

A5 Vegetação

O solo do “Povoado” é marcadamente florestal (classe F), tal como toda a sua envolvente. Aqui predominava o pinheiro bravo (*Pinus pinaster*) (URL: <http://www.flora-on.pt/#/1pinus>), algumas azinheiras (*Quercus ilex*) (URL: <http://www.flora-on.pt/#/1quercus>) e algum sobreiro (*Quercus suber*) (URL: <http://www.flora-on.pt/#/1Fagaceae>). Em termos arbóreos observam-se algumas estevas (*Cistus ladanifer*) (URL: <http://www.flora-on.pt/#/1Cistus+ladanifer>), giestas (*Cytisus scoparius*) (URL: <http://www.flora-on.pt/#/1Cytisus+scoparius>), carqueja (*Pterospartum tridentatum*) (URL: <http://www.flora-on.pt/#/1pterospartum>), alecrim (*Rosmarinus officinalis*) (URL: <http://www.flora-on.pt/#/1rosmarinus>), rosmaninho (*Rosmarinus L.*) (URL: <http://www.flora-on.pt/#/1rosmarinus>). Actualmente a área do povoado foi reflorestada com pinheiro manso (*Pinus pinea*) (URL: <http://www.flora-on.pt/#/1pinus>).

[on.pt/#/1Pinus+pineae](http://www.flora-on.pt/#/1Pinus+pineae)) e o planalto para Sul/ Sudeste é todo ele reflorestado por eucaliptos (*Eucalyptus*) (URL: <http://www.flora-on.pt/#/1Eucalyptus+globulus>), que ganharam terreno ao pinheiro bravo (*Pinus pinaster*) URL: <http://www.flora-on.pt/#/1pinus>).

B) Metodologia

B1 Prospeção

Após a onda de incêndios de 2005 no Norte do Concelho de Abrantes, procedeu-se a prospeções de campo intensivas e sistemáticas, dirigidas para as diversas áreas ardidas.

Desta prospeção de campo, que incidiu particularmente nas freguesias de Martinchel, Aldeia do Mato, Carvalhal, Souto, Fontes, resultou no inventário de diversos arqueosítios, de variada diacronia. Nestes se incluem a descoberta de alguns monumentos megalíticos funerários, arte rupestre, prováveis monumentais mamóias megalíticas, pequenas mamóias ou *tumulis* funerários do Bronze Final e alguns “povoados” Neo-Calcolíticos das populações megalíticas agro-pastoris.

Esses locais então descobertos foram dados a conhecer por (BATISTA, e GASPAR, 2007) e (BATISTA, e CRUZ, 2007-2008).

B2 Escavação

B2.1 Razão da escavação

Este foi um dos primeiros locais a serem intervencionados após a sua detecção a seguir aos incêndios de 2005 (BATISTA, e GASPAR, 2007). A existência de um bloco granítico depositado na superfície do terreno, assim como indústria lítica e cerâmica na sua envolvente e cumeada e a probabilidade do local vir a sofrer destruição por alguma reflorestação, ditou essa emergência.

B2.2 Metodologia de escavação

Com a totalidade do pinhal de pequeno e médio porte ardido e a cobrir o solo, necessário foi limpar toda uma ampla área que abrangesse o bloco granítico bem como na direcção da cumeada. Foram limpos para o efeito cerca de 2500 m² de área.

Sem a pressão de tempo por parte do proprietário, que foi adiando a reflorestação, permitiu a realização de uma intervenção mais alargada e com ela, uma análise mais pausada. Mas desde o momento inicial da intervenção que o tipo de vestígios existentes assim o impunha. Após a implantação das diversas quadrículas, quer a Sul na área do Menir, quer a Norte na área da “cabana”, optou-se apenas por utilizar o uso de colherim desde a superfície ao topo da C4, embora esta C1 se revelasse com imenso carvão e material lenhoso ardido. E esta opção desde logo foi a mais correcta, embora com custos inerentes de tempo. Estávamos num local fortemente sujeito aos agentes atmosféricos naturais. Na área de declive a Norte observava-se uma camada alaranjada que aparentemente era estéril em termos arqueológicos. Os buracos fundos dos pinheiros ardidados permitiam a observação dessa camada a pouca profundidade da superfície. A acção agrícola posterior no local poderia ter inviabilizado qualquer leitura mais credível ou conservação *in situ*. A pouca profundidade que se observava desde a superfície até à parte debaixo do menir resultado de remeximentos relativamente actuais, revelava a existência de uma pouco provável leitura estratigráfica. Todos estes factores contrários poderiam vir a resultar numa infrutífera campanha. Mas, desde o início da intervenção que o principal objectivo foi o de procurar uma eventual resposta para aquele bloco granítico inserido num contexto geológico bem diferente (embora o seu local de proveniência possa ser reportado a algumas centenas de metros a Norte), e se possível encontrar o alvéolo correspondente à sua implantação inicial (caso estivesse-mos perante um Menir) ou à eventual existência de qualquer outra estrutura.

Toda a terra proveniente da escavação foi crivada inicialmente em crivo de malha quadrada de 2 mm, mas que acabou por se revelar ineficaz face à humidade do solo que empapava as terras no crivo. Utilizou-se então o crivo de

malha quadrada de 4 mm. Embora a humidade do solo tivesse ainda alguns inconvenientes permitia entretanto essa crivagem. O uso dessa malha não nos parece ter originado percas significativas. No caso dos elementos de adorno pequenos e finos, essa sua ausência em escavação ou no crivo deve-se à sua inexistência. E além do mais as terras crivadas eram ainda revistas após o seu despejo, objectivando isso mesmo, elementos finos que por ele escapassem. A escavação obedeceu às diversas Camadas arqueológicas e todo o espólio recolhido foi registado em termos tridimensionais. Todo o espólio do crivo foi registado como S/C posicionado no entanto na camada e quadrícula respectiva, inserindo-o numa cota altimétrica aproximada. Todos os desenhos respeitantes às quadrículas foram realizados à escala de 1:10. As cotas utilizadas são sempre as reais. Sempre que necessário documentou-se o registo com fotografia digital. A equipa de escavação foi constituída pelos funcionários do gabinete de arqueologia do Município de Abrantes (Álvaro Batista e Filomena Gaspar). O apoio logístico foi da inteira responsabilidade da edilidade. A área do “menir” derrubado foi o primeiro local a ser intervencionado. Foram ali implantadas na totalidade 6 quadrículas de 2X2 metros. As primeiras 4, foram marcadas, em atenção às medidas equidistantes do menir, tendo o ponto central correspondido à sua área central. A partir desse ponto se marcou a malha nos sentidos Norte – Sul e Este – Oeste. Este facto visava que durante a realização da escavação e a elaboração dos diversos desenhos se obtivesse uma boa leitura não só em termos estratigráficos mas também toda uma leitura comparativa das quatro quadrículas que o envolviam e nas quais estava inserido. Após a marcação inicial das 4 quadrículas, foram implantadas sobre o “menir” e na sua envolvência, diversas cotas reais. Após a abertura dessas 4 quadrículas iniciais, optou-se por estender a malha a Norte e abrir mais 2 (Q5 e Q6), devido não só à ocorrência de terra com uma coloração mais escura, como ao aparecimento no corte Norte da Q4 de uma ligeira depressão. Foi precisamente em ambas essas quadrículas que se constatou a existência do alvéolo do menir. Com este objectivo inicialmente proposto e alcançado, optou-se por estender a quadriculagem para Norte da anterior, com o intuito de verificar o factor determinante da existência de espólio, assim como da existência ou não de estruturas em conexão, bem como de que tipo e seu estado geral de conservação. Com os resultados obtidos nas Q1 a Q6, e seguindo a malha já implantada, procedeu-se (8 metros a Norte da Q5 e Q6), a nova

marcação e abertura na zona de cumeeada, de 14 quadrículas de 2X2 metros, das 17 marcadas (vd. Fig. 7).

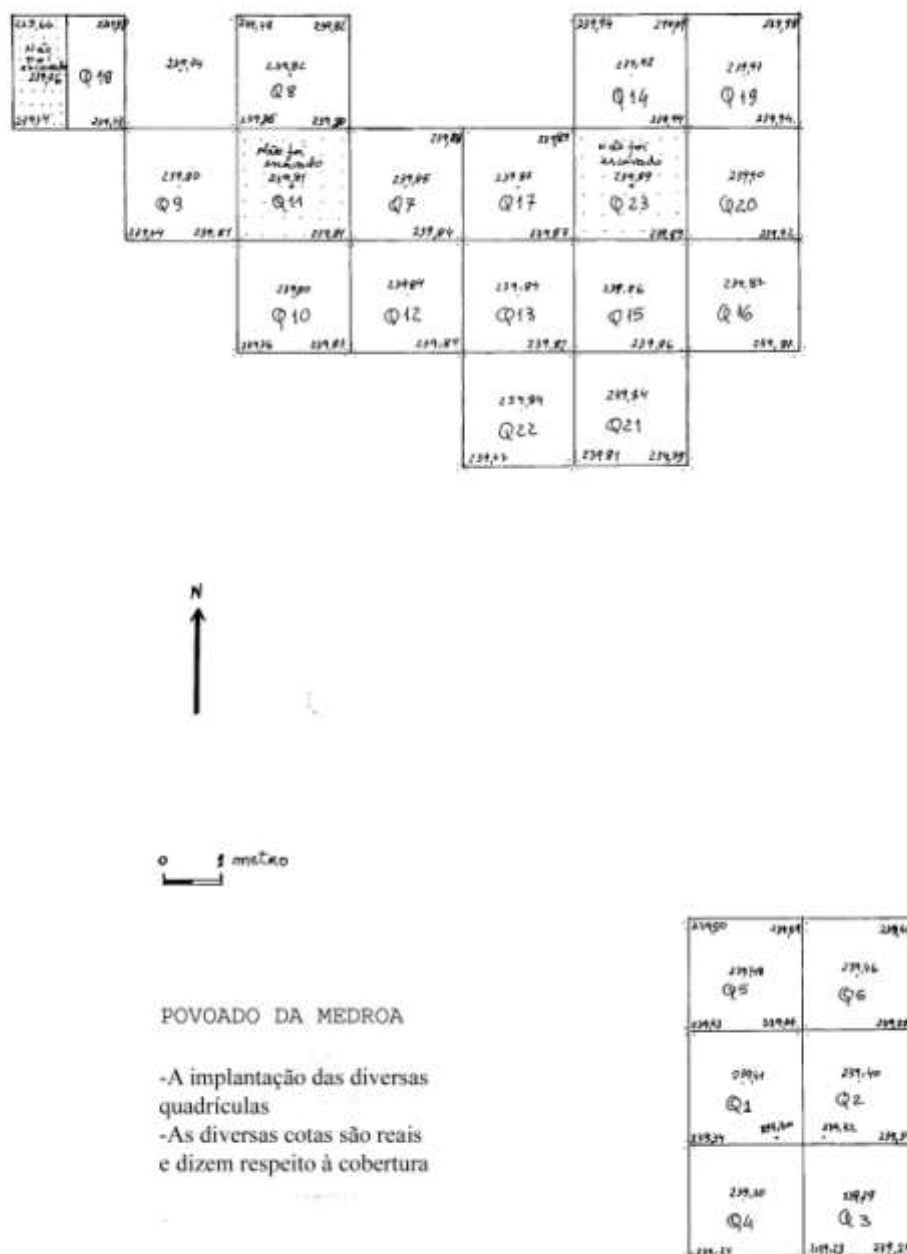


Fig. 7 As diversas quadrículas e cotas reais (Fonte: BATISTA, 2008)

B3 A planimetria

A abertura das quadrículas obedeceu a critérios de marcação consoante a sua abertura. Assim marcaram-se seis quadrículas junto do menir e as restantes a Norte, na área da cabana. Na área Sul do Menir veio a ser descoberto o alvéolo do menir (Q5 e 6), sendo ele posteriormente colocado na sua posição original. A Norte pôs-se a descoberto o negativo de uma estrutura de cabana com orientação N-S que abrange as quadrículas 14, 16, 17, 19, 20, 21 e 22. No interior da cabana um pequeno silo 1, junto à entrada na quadrícula 13. Para Oeste, a 2 metros uma fogueira na quadrícula 10 e a Este praticamente pegado com a cabana as estruturas indeterminadas 1 e 2, respectivamente nas Q 19 e 20. (vd. Fig. 8)

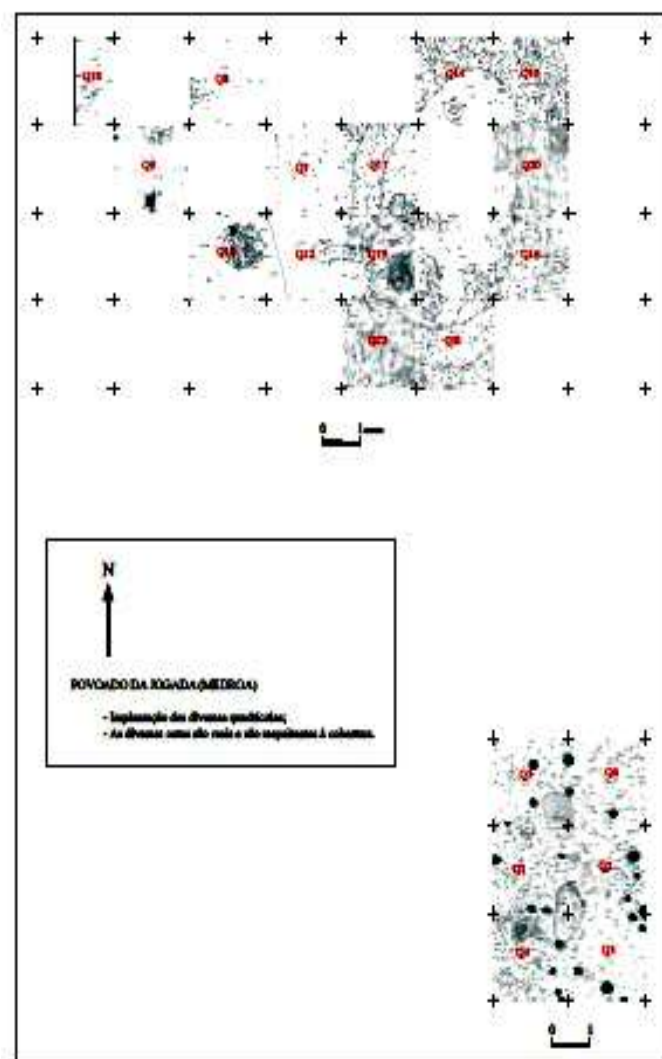


Fig. 8 A diversa quadriculagem e o topo da C4 (Fonte: BATISTA, 2008)

B4 A estratigrafia

As diversas camadas estratigráficas observadas ao longo das vinte quadrículas são na grande maioria similares.

A C1 corresponde à cobertura vegetal de carvão e material lenhoso ardido. Esta com a acção do vento e da água tende a desaparecer, ficando de imediato exposta a C2 alaranjada-amarelada-esbranquiçada. A C3 castanha escura argilosa assente sobre a C4 (alaranjada argilosa), estava presente em todas as quadrículas numa reduzida espessura, na sua grande maioria fina, excepção para a área do alvéolo do menir, por razões que mais à frente na Q5 trataremos. É possível que esta C3 possa ser a resultante da ocupação progressiva do local e a sua impregnação no topo da C4. Uma outra hipótese a ter em conta é a possibilidade de esta ser o resultado inicial de uma desmatização realizada por queimada, acrescido da actividade humana. Também a C2 encontra na área a Norte do menir maior representatividade. A ocorrência nas Q1, 2 e 3 de uma C2a argilosa amarelo-esbranquiçada solta ou fofa com cascalho grosseiro e areão assente na C3 e que é similar em parte há C4, aponta para a sua remoção e deposição sobre a C3. Não encontrámos todavia explicação para este facto nas quadrículas abertas. A C2a a Norte nas Q10, 11 e 12 é a resultante da implantação da estrutura de fogueira 1 (EF1) na Q10. Estranho ao local foi o tipo de sedimento (camada A) utilizado no enchimento do alvéolo após a retirada do menir. A colmatação do alvéolo (camada B) com a C3 denota a sua já existência ao tempo da implantação do menir. (BATISTA, 2008: 9) (vd. Figs. 14 a 16)

A diversa estratigrafia observada nas diversas quadrículas apresenta as seguintes características:

C1 – Camada de cobertura com material vegetal de carvão e material lenhoso ardido. Espessura variável entre 0,5/1 e 2 cm.

C2 – Camada argilosa de cor alaranjada, por vezes fina e com reduzidos seixos de quartzito de pequenas dimensões. Espessura variável entre 7 a 21 cm, caso da Q16 e assente na C3 e murete da cabana.

C2a – Terra amarelo-esbranquiçada argilosa, solta e fofa, com alguns seixos de pequenas e médias dimensões. Atinge na Q3 cerca de 15 cm de espessura. Na Q10 é notório que esta C2a é o resultado da abertura da EF1 (estrutura de

fogueira 1), razão de se assemelhar à Q4, embora com alguma alteração.

C3 – Terra castanha escura argilosa com restos de finíssimos carvões. Atesta-se a sua ocorrência ao longo de toda a área escavada assente na C4. Apresenta-se essencialmente com finíssima espessura e impregnando ou contaminando o topo da C4. Dispõe de espessura variável de alguns milímetros a 3 e 6 cm nas Q1, 2, 5 e 6.

C4 – Camada argilosa alaranjada, com seixos de quartzito de pequenas e médias dimensões e areão há mistura, com finíssimas partículas de carvão rijo no seu topo. Piso correspondente à fase final de ocupação do local contaminado no topo pela C3. Antigo terraço Mio-Pliocénico (?) estéril.

C5 – Camada argilosa esbranquiçada com seixos e areão fino do antigo terraço Mio-Pliocénico (?) estéril. Observado na base das EBP (Estruturas de Buraco de Poste) e nos caboucos da EC1 (Estrutura de Cabana 1). (BATISTA, 2013: 121 a 129)

A C2 aponta para uma camada de arrastamento muito semelhante à C4. Este facto é compreensível se atendermos que esta era a única camada à altura da ocupação do local e como tal manuseável. A sua espessura variável pode bem ser resultante do arrastamento ao longo do tempo de terras de montante. Mas também pode ser o resultado do desmoronamento e arrastamento para Sul das terras da ou das cabanas. (vd. Figs. 9 a 13). A sua maior espessura junto da cabana na Q16 pode bem isso indiciar. A sua pouca espessura na área do menir variando entre 8 a 13 cm, demonstra já por si um decréscimo progressivo para Sul, verificando-se já para as linhas de água, particularmente a Norte, a sua ausência. Esta espessura da C2 na área da cabana pode ter ainda duas outras explicações:

1 – A abertura do cabouco para implantação da cabana em termos médios dispõe de uma largura de 80 cm. A profundidade deste parece ter só atingido os 25 cm ou seja o topo da C5. A remoção desta terra e o seu aproveitamento na base dos postes, teria originado um excedente que iria criar ao longo da base da cabana um murete em terra e pedra de protecção elevada, com o propósito de impedir as águas de entrarem no seu interior. A recolha de alguns nódulos de cerâmica de revestimento no interior do cabouco a meia altura indicia que parte da base teria levado este tipo de revestimento endurecido certamente a fogo próximo. A existência deste murete envolvente da base de toda a cabana é de todo evidente

também pela quantidade de seixos de quartzito de pequenas dimensões de que este murete deveria conter.

2 – Mas a espessura da C2 pode ter tido ainda uma outra resultante acrescida, o seu aproveitamento na aplicação de um revestimento interno ou externo ou ambos de matéria argilosa, particularmente nas áreas de contacto das “madeiras da cabana”, conferindo-lhe uma maior impermeabilidade. O abandono do local e a derrocada da cabana provocaria uma queda na vertical dessa camada de revestimento, pese embora a derrocada desta possa ter caído numa envolvente circular em qualquer das direcções dos pontos cardiais. Logo explicaria a espessura da C2 nos eixos de deslocamento N-S e E-O, com maior preponderância para Sul, o que o registo estratigráfico demonstra. A orientação N-S da cabana e a sua pouca largura e arredondada a Norte, indiciado pelo cabouco, contrariamente a Sul mais larga e também arredondada, aponta para um processo construtivo que teria em conta a direcção dos ventos dominantes ou mais agressivos em determinadas alturas do ano. Este facto patenteia a origem dos ventos dominantes de Norte para Sul, corroborado pelo maior arrastamento e preponderância para Sul da C2 e o seu decréscimo progressivo para a periferia a partir do seu ponto de origem, notório nas Q16, 21 e 22. (BATISTA, 2008: 20)

A favor do que atrás dissemos, está a C2 que assenta diretamente no murete/cabouco da cabana, o que pode bem corroborar a tese que explanamos do seu revestimento e queda posterior sobre o murete, acabando este seu peso e a ausência de material lenhoso no seu interior, compactar e aplanar as suas terras.

Embora até ao momento se não tivesse efetuado a escavação integral do cabouco, mas apenas reduzidas áreas de controlo, não nos permite tecer considerandos definitivos concernentes se a cabana era totalmente fechada com madeira ou se dispunha de alguns dos tradicionais buracos de poste, que sustentaria toda a estrutura do telhado. Todavia este facto não inviabiliza a existência em todo o seu contorno de um murete, como de matéria lenhosa de pouco diâmetro, que não teria implicado sucessivos buracos de poste. Nas pequenas sondagens que fizemos no seu interior, apenas observamos uma C5, que se nos apresentou sem qualquer remeximento, de superfície plana e arqueologicamente estéril.

Perante as anteriores observações, em qualquer dos casos, o que nos aponta como evidência é que estaríamos perante uma cabana praticamente toda ela

fechada na sua envoltória, excepto a abertura a Oeste. O material lenhoso aplicado na sua parede externa, é até de todo irrelevante, assim como a questão da sua sustentação com alguns buracos de poste e revestimento de material lenhoso de maior ou menor diâmetro. Essa construção até podia prescindir de qualquer buraco de poste no cabouco. Esta poderia ser sustentável apenas com a parede lateral apoiada na C5, sustentada pelos buracos de poste internos e externos. A questão é que para a sua cobertura seria necessário dispor de sustentabilidade lateral forte, que não pusesse em causa o travejamento de toda a sua cobertura, começando pela sua trave central.

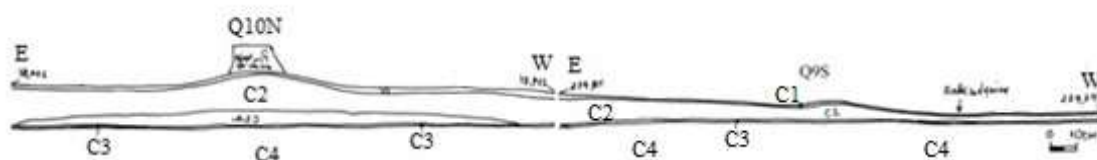


Fig. 9 Perfil Transversal dos Q9 e Q10 (Estratigrafia E-W parcial da área da Cabana) (Fonte: BATISTA 2008)

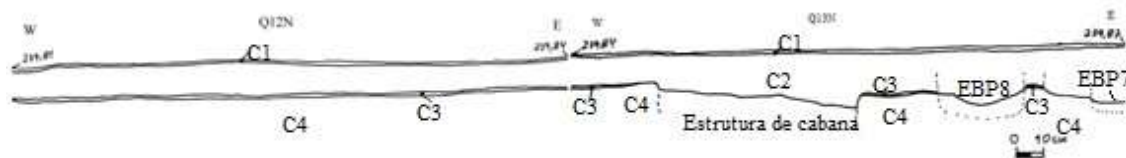


Fig. 10 Perfil Transversal dos Q12 e Q19 (Estratigrafia E-W parcial da área da Cabana) (Fonte: BATISTA 2008)

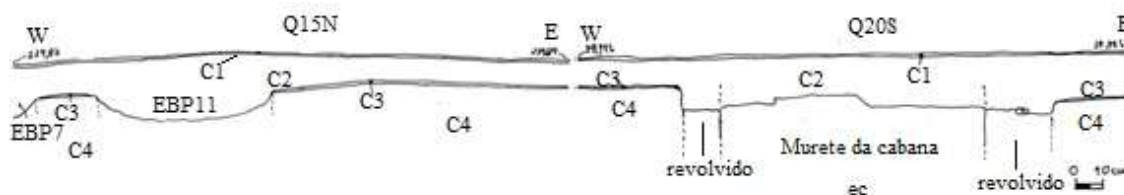


Fig. 11 Perfil Transversal dos Q15 e Q20 (Estratigrafia E-W parcial da área da Cabana) (Fonte: BATISTA 2008)

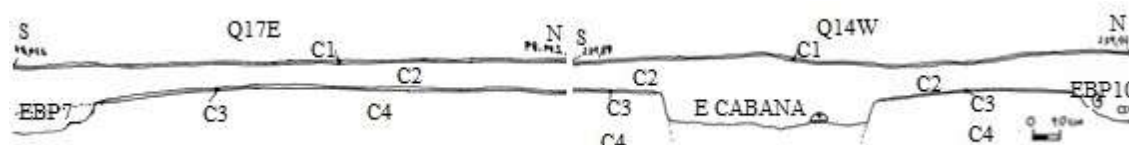


Fig. 12 Perfil Longitudinal dos Q14 e Q17 (Estratigrafia N-S parcial da área da Cabana) (Fonte: BATISTA 2008)

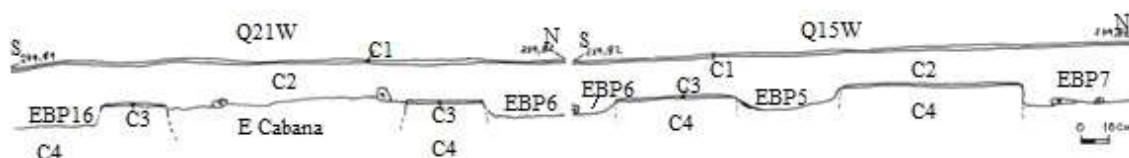


Fig. 13 Perfil Longitudinal dos Q15 e Q21 (Estratigrafia N-S parcial da área da Cabana) (Fonte: BATISTA 2008)

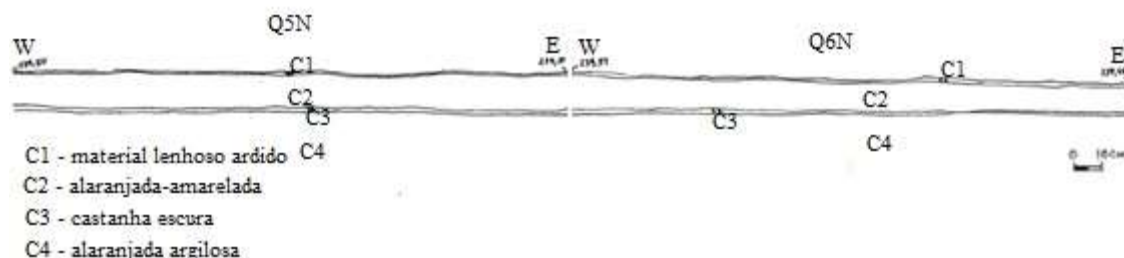


Fig. 14 Perfil Transversal dos Q5 e Q6 (Estratigrafia E-W parcial da área do menir) (Fonte: BATISTA 2008)

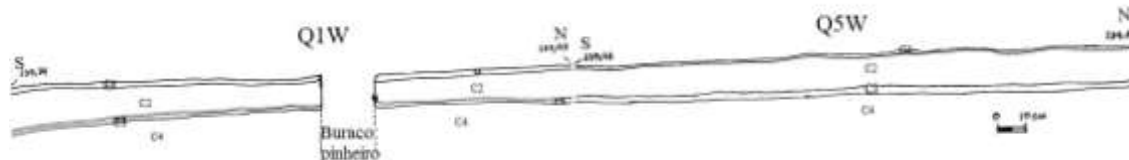


Fig. 15 Perfil Longitudinal dos Q1 e Q5 (Estratigrafia N-S parcial da área do menir) (Fonte: BATISTA 2008)

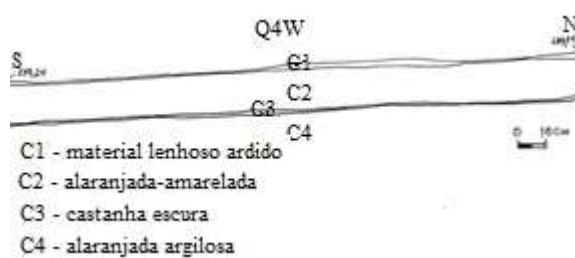


Fig. 16 Perfil Longitudinal da Q4 (Estratigrafia N-S parcial da área do menir) (Fonte: BATISTA 2008)

B5 O menir a Sul

As duas áreas de intervenção aqui criadas (B5 e B6) são meramente artificiais. Trata-se de uma questão de arrumo e identificação de dois locais distintos embora inseridos no mesmo contexto sincrónico (enquanto fase final de ocupação) e diacrónico do “povoado” e que não podem nem devem ser

desagregados, embora possam ser tratados separadamente, para uma melhor análise em termos de leitura.

O menir estava implantado num espaço com ligeiro declive para Sul da pequena cumeada plana, tendo sido o primeiro local a ser intervencionado. Vejamos a área do menir a partir dos dados da escavação.

Após a retirada das C1 e 2 era visível logo no topo da C3 uma camada de seixos de médias e pequenas dimensões envolto pela fina C3, que diminuía progressivamente para Sul a partir do alvéolo do menir, que se constatou na totalidade na Q5.

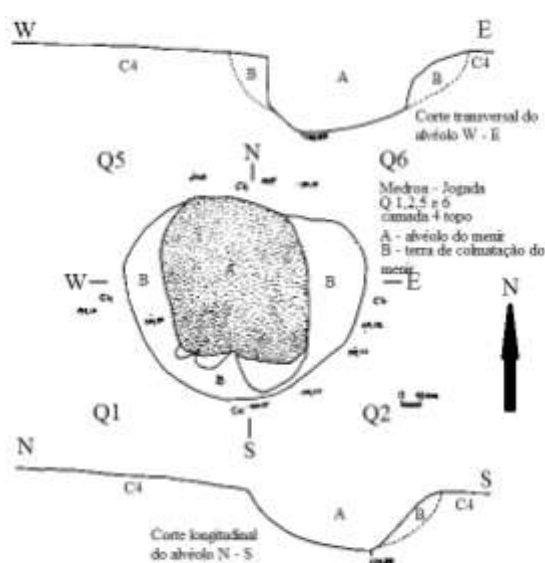


Fig. 17 O alvéolo do menir (Fonte: BATISTA 2008)

Para a erecção do menir foi aberto um covacho (vd. Figs. 17 e 18) na C3/ C4 até à C5 (Q5 e 6), sendo desde logo notório a partir do topo da C3 (castanha escura de fraca espessura), a área central do alvéolo. Após a retirada da C3, a área central do alvéolo estava bem definida pelo sedimento A (humosa castanha escura-negra), ali depositada após a sua retirada e a ele circunscrita. O processo de implantação do menir, foi iniciado com a abertura do alvéolo na C3/ C4. De seguida com a implantação do menir no interior do alvéolo e para o segurar, foi colocada terra B (terras da C3 e C4 à mistura) a preencher a parte em falta, entre este e a C4 que o envolvia (a Oeste, Sul e Este, tendo a Norte a C4 como limite). Com ele seguro e na vertical, foi utilizado como acabamento, a C3 no intuito de

um embelezamento, demarcação ou de todo um processo ritual, a totalidade do monólito, foi envolvido, em todo o seu contorno, até cerca de 2 metros, com maior espessura no contacto do menir e de diminuição progressiva para a periferia. Por volta de 2000 a.C., o menir foi retirado e deslocado para Sul e depositado sobre a C4. Mesmo este processo ficou indelevelmente marcado no terreno, o que contribuiu para toda uma leitura e a sua colocação na posição original, na qual hoje se encontra. Para deslocar o monólito da sua posição vertical, foi-lhe retirada grande parte da terra B a Sul e Este, originando a queda deste para o bordo Sul do alvéolo, de que as duas depressões a Sul na terra B, podem ser a sua resultante. O topo do menir ficou assim virado a Sul e a parte que estava cravada no solo ficou a Norte. Este foi o processo de deposição horizontal no topo da C4. Agora a sua deposição verificou-se não por arrastamento mas por queda vertical, o que originou uma depressão na C4 e a elevação dessa camada na periferia do monólito. Esta deposição teria sido efectuada em terreno encharcado o que permitiu o seu ligeiro afundamento e o estufar do solo na periferia do menir, isto comprovado pela ausência entre o alvéolo e o menir de qualquer rasgo revelador de arrastamento pelo solo, desde a posição original à deposição final. Terá este facto algum significado? Não teria sido mais fácil arrastar o monólito, em termos de esforço e de gente, do que o elevar para o deixar cair na vertical? Será que este facto pode representar uma determinada forma de pensamento, que envolvia uma forma de religiosidade entre eles, a natureza e a terra?

Mas voltando ainda ao alvéolo. Desde o início da escavação que se optou por não escavar a área de colmatação B. Objectivava-se não só o de rectificar se os cortes, particularmente Norte e Oeste, se correspondiam às faces do menir, como optar e em caso afirmativo, pela sua colocação no local original, tal como esteve na antiguidade.

A escavação do seu interior veio a revelar um sedimento (em que apesar de conter entre as cotas 239,20 e a 239,01 alguns seixos de quartzito), com ausência de qualquer espólio arqueológico e que pela sua textura fina indicava tratar-se de uma terra arável (de cultivo?) de terreno humoso de solo Holocénico (areias, cascalheiras, húmus) e não Hercínias (de granitos ou xistos). Essa camada A assentava directamente na base do covacho na C5, camada esbranquiçada com seixos e areão. Embora, sabendo de que os resultados da análise do sedimento do

alvéolo demonstrarem claramente que o sedimento A é diferente das demais, a tese de que o alvéolo tivesse sido abandonado a céu aberto e que o sedimento A seja o resultado do arrastamento progressivo e de deposição da C3, alterada posteriormente ou gradualmente por factores orgânicos e físico-químicos pós deposicionais em ambiente parcialmente fechado, fase à elevada e rica concentração que eventualmente esse recinto permitiria, não é de aceitar. E por alguns factores simples. Se o alvéolo tivesse sido abandonado a céu aberto as águas de escorrência teriam danificado eventualmente a parede Norte, o que não se verificou no acto de escavação e na altura da colocação do menir no seu interior, pelo perfeito encaixe do menir nessa parede quanto na de Oeste, revelador de uma colmatação logo após a retirada deste. O encaixe perfeito do menir, ao milímetro, foi corroborado pelo desgaste acentuado deste a Nor-Noroeste, indicando a dominância do vento, tal como na orientação da cabana Norte-Sul. Por outro a C3 cobria o sedimento A quanto a B, para além das variáveis de sua espessura.

O alvéolo foi fechado com sedimento A, contendo alguns seixos de quartzito no topo e todo o conjunto foi selado pela C3. Se o sedimento A denota um carácter ritual a associação a esta dos seixos de quartzito, também nos parece partilhar do mesmo princípio. O facto, de estes apontarem mais para depósitos Holocénicos, pode nos indicar a sua proveniência para Sul desta área, talvez para perto do Tejo ou afluentes. Mas qual o pensamento subjacente da associação de sedimento A e seixos de quartzito?

Mas agora voltemos à C3 que envolvia o Menir.

Esta é sobejamente evidente na estratigrafia denotando uma clara deposição intencional, de terra castanha (C3) em torno do Menir, dado que de Noroeste da Q6 para o Norte da Q1, esta C3 apresenta uma variação de espessura entre 6 e 3 cm respectivamente. E de Norte da Q5 para Noroeste da Q2, respectivamente de 2 e 5 cm. Ou seja, a Este do alvéolo existia uma maior deposição sobre o alvéolo sendo a Oeste mais reduzida, mas claramente resultante de deposição intencional.

Embora se verifique que os valores de deposição de C3 não são homogéneos nas Q1, 2, 5 e 6, facto evidente é a sua maior espessura na área do alvéolo e a sua clara diminuição progressiva à medida que nos afastamos para qualquer área da sua periferia a partir dos 2 metros.

Tudo aponta para que esta C3 teria envolvido o menir na vertical, logo após a sua erecção numa espécie de mamoa circular, e que após a retirada deste o alvéolo foi colmatado com sedimento A, estranha ao local e selado pela C3.

Ambos os procedimentos, nos levam, uma vez mais a encarar a probabilidade de estarmos perante factores de carácter ritual ou simbólico e não de qualquer intransigência religiosa, que bem longe estaria de colmatar o alvéolo.



Fig. 18 O alvéolo do menir (Fonte: BATISTA 2008)

O Menir

Trata-se de um bloco liso de granito, de contorno ovalado alongado arredondado no seu topo. (vd. Fig. 19) A existência desta matéria-prima ocorre a cerca de 200 metros nas áreas Norte e Este na base desta plataforma.

Bloco tosco sem qualquer decoração, com algumas fracturas antigas notórias pela coloração e eolização existente. Apresenta algumas fracturas mais recentes no que era a sua base, resultantes de acção humana actual.

É um bloco de 1,38 de comprimento por 68 cm de espessura mínima e 1,03 de máxima.

Após a escavação do alvéolo foi colocado no seu interior na sua posição original. A sua posição de encaixe foi perfeita dado a zona de colmatação B Norte e Oeste não ter sido remexida. Na sua posição actual vertical com 95 cm acima da C4 é possível verificar mais detalhadamente outras características. É notório nele a maior incidência dos agentes atmosféricos de Nor-Noroeste (tal como se constata hoje no local), pela eolização da rocha, esboroamento, rugosidade, fissuras e fracturas naturais. O lado oposto abrigado apresenta rugosidade e algumas fracturas antigas no lado Nordeste, mas a superfície ao longo da sua altura, foi nitidamente afeiçoado no sentido de lhe conferir um arredondamento na base até meia-altura, dando-lhe uma forma mais simétrica. Esta superfície que estava mais abrigada dos agentes atmosféricos, apresenta

superfície mais lisa com menos desgaste. O seu topo Sul apresenta na vertical uma fractura natural com 60 cm de altura por 29 cm de largura na base, diminuindo progressivamente e finalizando antes de atingir o seu topo arredondado. Esta fractura antiga está relacionada com veios naturais da rocha que se desenvolvem ao longo da sua altura e por todo ele. Observa-se ainda ao longo do contorno de todo o menir e variando de intensidade uma coloração avermelhada indicando uma incidência de fogo. Este facto deve ser a resultante de estarmos numa área florestal, sujeita a fogos e como tal a altas temperaturas.



Fig. 19 O menir na sua posição original (Fonte: BATISTA 2008)

Quadricula 4

A Sudoeste do alvéolo e na Q4 ocorreu o que parece ser resquícios de uma estrutura aérea incipiente (vd. Fig. 20) com cerca de 40 cm de diâmetro assente na C4, constituída por seixos de quartzito e fragmentos de granito com contorno aparentemente circular. Nas restantes quadrículas envolvidas escavadas não se registaram estruturas semelhantes. A ausência de alargamento para Oeste desta quadrícula, assim como das Q1 e Q5 e restante áreas Norte e Este, das Q5, 6, 2 e 3 deixa em aberto uma interpretação para esta incipiente estrutura.

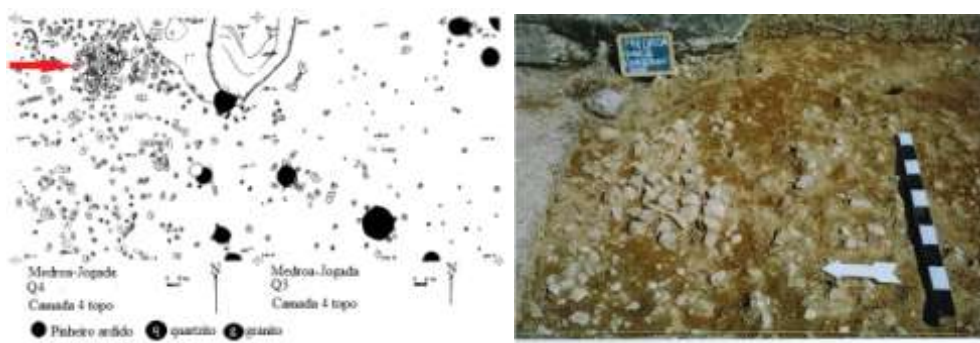


Fig. 20 A estrutura incipiente (Fonte: BATISTA 2008)

Interessante, embora proveniente de recolha superficial é um bloco aparelhado de granito de contorno circular com um diâmetro de 22 cm por 5 cm de espessura. Estava situado a 1,50 metro para NO da Q4 e a 30 cm a SO da Q1. A probabilidade de este ter estado assente na estrutura incipiente (ou noutra próxima da área não escavada) é caso para posterior investigação. A proximidade entre ambos não pode ser descurada, mesmo sendo o bloco proveniente de recolha superficial.

B6 As estruturas a Norte

Nesta segunda área foi posto a descoberto o que concluímos ser o negativo de uma estrutura “habitacional” ovalada, orientada a N-S. A cabana é de contorno oval alongada com medidas máximas exteriores de 7, 80 metros de comprimento por 5, 30 de largura. O interior dispõe de 6,20 de comprimento máximo por 3,60 metros de largura máxima. Esta abrange as Q 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21 e 22. Esta EC1 (= estrutura de cabana 1), é bem definida pela sua abertura na C4 até à C5, detendo uma profundidade observável, nalgumas áreas de 25 a 26 cm (abertas até ao topo da C5 de argila clara e seixos miúdos) e com uma largura variável de cabouco entre 70 a 80 cm. A sua delimitação é notória face não só ao cabouco aberto na C4 como pela quantidade de seixos de quartzito e terra mais fina do seu interior. Apresenta a Oeste virado para a Q12 e 10, uma abertura de cerca de 80 cm indiciando a existência de uma entrada.

Para Oeste desta entrada, a cerca de 2,50 metros observa-se uma fogueira circular, aberta na C4, com cerca de 1 metro de diâmetro, contendo no seu interior um leito heterogéneo constituído por blocos de granito, quartzito e quartzo leitoso, e onde se observava, não só alguma coloração, como alguns raros nódulos de carvão, aparentemente vegetal. (vd. Fig. 21)



Fig. 21 Estrutura de fogueira 1 (Fonte: BATISTA 2008)

No interior e exterior da cabana observavam-se alguns covachos, que designamos por EBP (=estrutura de buraco de poste) (vd. Figs. 22, 23 e 24). No seu interior particularmente na Q13 e Q15, os EBP existentes apontam para a área central da cabana e deveriam suportar o peso da estrutura do telhado, precisamente na parte da cobertura que inicia a parte semicircular da parede da cabana a Sul. Outros EBP observam-se perto dos caboucos da cabana, no interior e exterior desta e em perfeita consonância, indiciando um travamento interior e exterior, para suportar a verticalidade das paredes da cabana, tal como se observa na Q14. Estes EBP são definidos não só pelo seu contorno e por serem escavados na C4 como pela sua depressão e conteúdo interior e lateral de seixos que claramente os definem.

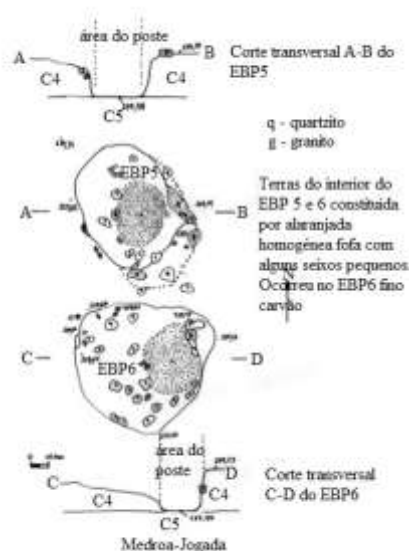


Fig. 22 Buracos de poste EBP 5 e 6 (Fonte: BATISTA 2008)

Estruturas Indeterminadas 1 e 2 F

No exterior da cabana, a Nor-Nordeste, e adorado ao cabouco, observam-se na Q19 o arranque de duas estruturas aéreas, aparentemente circulares (dado que as restantes quadrículas não foram abertas), que definimos como EI1 e EI2 (=Estrutura Indeterminada) (vd. Fig. 24). A estrutura EI1 de contorno circular com cerca de 2,30 de diâmetro total, apresenta a Este uma espessura de parede com 80 cm e uma depressão central circular com cerca de 70 cm de diâmetro. Esta EI1 é notoriamente definida pela quantidade de seixos de quartzito e

granito, apresentando a sua área central essa ausência. A Sul desta uma outra EI2. Tal como a anterior é definida pelo seu arqueamento e murete de seixos de quartzito e granito no interior. Dispõe de uma largura de 50 cm e de uma área central com cerca de 40 cm de diâmetro. É nítida a sua separação a Norte em relação à EC, de 10 cm, como a Oeste em relação à EC1 a qual não chega a tocar no cabouco, distando desta 2 cm. Apesar de esta EI2 continuar para Sul para a Q20 o facto é que a sua quase totalidade se encontra na área não escavada a Este, assim como também parte da EI1.

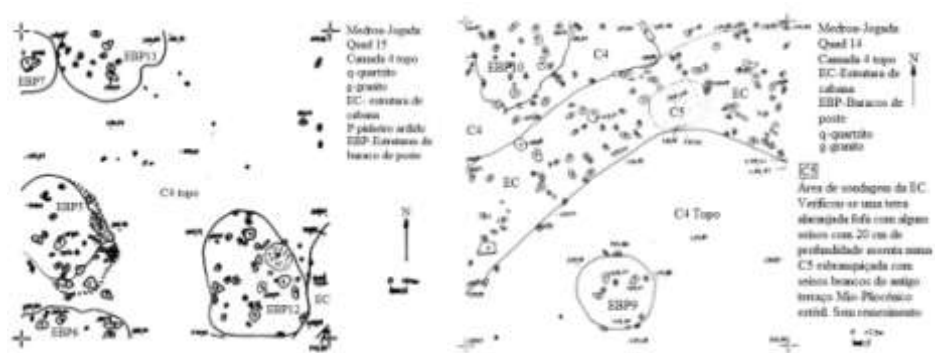


Fig. 23 Buracos de poste e estrutura cabana a Norte (Fonte: BATISTA 2008)

Tendo por base a EI2 pela quantidade de granito ainda no seu topo do murete em relação à C4 da Q16, é bem provável que estejamos perante duas estruturas ligeiramente aéreas, cujos muretes eram revestidos a pequenas placas de granito, cuja função é por agora desconhecida.



Fig. 24 Parede da cabana Noroeste e EI1 e 2 (Fonte: BATISTA 2008)

Silo 1

No interior da cabana, observou-se o que designamos por um “silo”, ainda selado por lajes de granito e travadas lateralmente por seixos de quartzito (vd. Fig. 25). A sua escavação interior não forneceu qualquer dado. A sua localização

perto da entrada da cabana (Q13 C4 topo), assim como o facto da sua cobertura e o interior destituído de espólio ou outrem, leva-nos a concluir por uma intencionalidade ritual ou simbólica, o que vai de encontro à colmatção do alvéolo do menir.

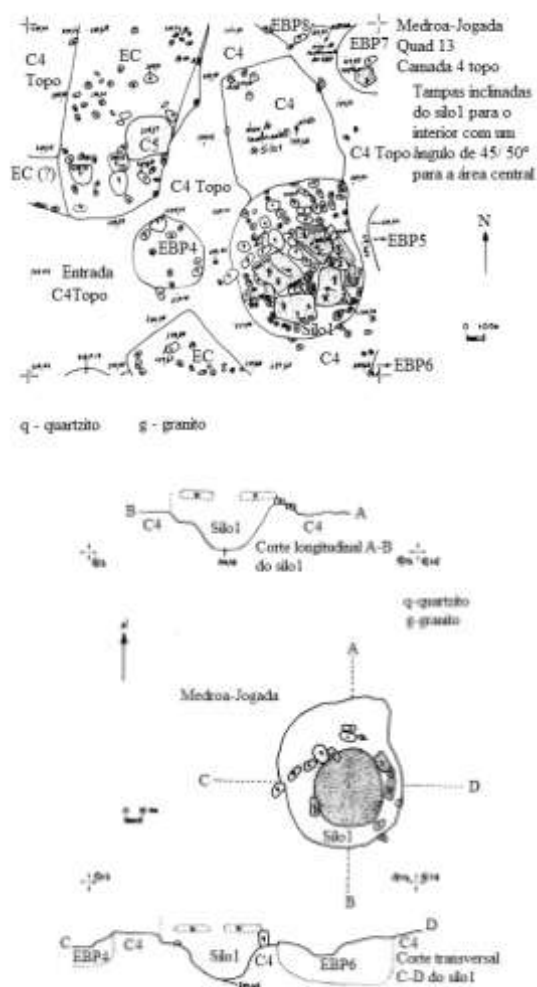


Fig. 25 Silo 1 (Fonte: BATISTA 2008)

A Cabana

A orientação Norte-Sul e a sua largura menor a Norte e arredondada e aumentado para Sul a sua largura, denota uma orientação em consonância com a orientação dos ventos dominantes. Isto, poderemos constatar na leitura actual sobre a dominância dos ventos na área. (vd. Fig. 26)

| | N | | NE | | E | | SE | | S | | SW | | W | | NW | |
|--------------|----------|----------|-----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|-----------|----------|----------|----------|-----------|----------|
| | FR | VM | FR | VM | FR | VM | FR | VM | FR | VM | FR | VM | FR | VM | FR | VM |
| Janeiro | 0,1 | 2 | 20,8 | 7 | 1,5 | 5,4 | 14 | 5,9 | 1,1 | 7 | 18,8 | 7,2 | 0,8 | 6,9 | 6,5 | 7,3 |
| Fevereiro | 0,1 | 3 | 22,2 | 7,5 | 1,5 | 6,7 | 11,9 | 6,3 | 1,1 | 5,7 | 24,1 | 7,5 | 2 | 6,6 | 10,9 | 7,5 |
| Março | 0,2 | 3,5 | 27,1 | 9,2 | 1 | 6,3 | 8,4 | 6,3 | 0,3 | 5,5 | 23 | 7,7 | 2,5 | 7,7 | 21,6 | 8,9 |
| Abril | 0,5 | 4,2 | 22,9 | 9,9 | 0,6 | 6,9 | 7,5 | 7,1 | 0,3 | 7,8 | 25,5 | 8,5 | 4,1 | 8,5 | 29,7 | 9,5 |
| Maio | 0,5 | 5 | 15,5 | 10,5 | 0,9 | 9,6 | 5,2 | 7,2 | 0,4 | 4,4 | 27,3 | 9,4 | 3,8 | 9,9 | 41,7 | 10,5 |
| Junho | 0,4 | 5 | 12,5 | 9,7 | 0,6 | 7,7 | 4,9 | 7 | 0,4 | 7,3 | 28,9 | 9,1 | 4,5 | 10,1 | 41,8 | 10,5 |
| Julho | 0,4 | 5,1 | 10,2 | 10,3 | 0,2 | 11,3 | 2,6 | 6 | 0,6 | 5,6 | 27,2 | 9,3 | 6,8 | 10,2 | 45,9 | 10,4 |
| Agosto | 0,4 | 6,1 | 11,2 | 9,6 | 0,1 | 2,5 | 2,5 | 5,8 | 0,2 | 6,7 | 26,8 | 9,2 | 6,7 | 8,7 | 45,4 | 10,1 |
| Setembro | 0,6 | 3,8 | 14,7 | 7,6 | 0,8 | 9,8 | 5,8 | 5,8 | 0,8 | 6,6 | 27,6 | 7,2 | 5,4 | 7,9 | 31,4 | 8,4 |
| Outubro | 0,2 | 2,3 | 21,3 | 7,5 | 1,5 | 7,6 | 12,1 | 6,2 | 0,5 | 5 | 22,7 | 5,8 | 2,4 | 6,2 | 13,8 | 7,3 |
| Novembro | 0,2 | 3,3 | 21,1 | 7,5 | 1,9 | 7,5 | 13,3 | 5,3 | 0,9 | 4,8 | 18,7 | 6,6 | 1,2 | 5,4 | 8,8 | 6 |
| Dezembro | 0,2 | 1 | 25 | 7,3 | 1,8 | 6,4 | 13 | 6,1 | 0,4 | 6,9 | 16,8 | 7 | 1,3 | 5,4 | 6,4 | 6,5 |
| Média | 0 | 4 | 19 | 9 | 1 | 7 | 8 | 6 | 1 | 6 | 24 | 8 | 3 | 8 | 25 | 9 |

Fig. 26 Quadros da Frequência e velocidade do vento no concelho de Abrantes
(Fonte: SAMPAIO , 2014:32)

Perante a frequência e a velocidade do vento a NE e NW esta cabana teria sido construída entre os meses de Março e Agosto, testemunhado pela fogueira no exterior desta. Por outro a ausência no seu interior de qualquer fogueira denota o seu não uso durante o inverno, se pensarmos que uma fogueira aqueceria o seu interior. Por outro a sua utilização apenas nos meses quentes de verão denota uma utilização apenas durante esse espaço de tempo.

B7 A cultura material: o espólio

Todo o espólio recolhido nas diversas quadrículas foi coordenado tridimensionalmente, num total de 197, incluindo neste alguma cerâmica actual e concreções ou pequenos nódulos/ seixos de ocre vermelho escuro, notório na C4 em cortes observados na área do povoado e mesmo no topo da C2 no povoado. Não foram recolhidas mós planas em escavação, embora se tivessem recolhido

na superfície da área envolvente e dispersas ao longo do povoado. Estas são na totalidade de pequenas dimensões e bastante fracturadas.

Houve todo o cuidado de recolher mesmo alguma matéria lítica isento de qualquer trabalho humano, mas que pelas suas características e inclusão clara nas camadas não revolvidas, não poderia de modo algum ser dissociado do restante espólio. Neste âmbito se inserem alguns seixos de quartzito cujas fracturas termoclásticas apontam para uma acção accidental directa ou indirecta, humana no meio.

- De entre o diverso espólio lítico recolhido que sofreu intervenção humana se destacam alguns seixos de fibrolite ou anfíbolite. São seixos de pequenas e médias dimensões boleados e para ali trazidos. Pelas características destes seixos, com ausência de polimento e apresentando negativos de lascas dele extraídos, dificilmente poderiam ter ambos uma funcionalidade. As lascas não ofereceriam gumes cortantes e duradouros como os de quartzite.

- A indústria lítica macrolítica de quartzite e quartzito leitoso (conotada em meados do século passado com o *languedocense*, ou epipaleolítico), está presente na forma de núcleos e lascas. (RAPOSO, 1986)

- A pedra polida recolhida é rara e a que ocorreu está demasiado fragmentada, exceptuando um fragmento de machado de relativas dimensões (nº 54), mas mesmo este aponta para a possibilidade de ter sofrido uma fractura propositada. Ocorreram algumas lascas com vestígios de polimento corroborando a hipótese de estas fracturas serem resultantes de uma acção propositada e não inerentes a um factor de utilização ou uso.

- A indústria de sílex resume-se a lascas, esquírolas, lâminas, lamelas, cherts e uma ponta sob lasca (projecto de ponta de seta lanceolada, vd. Fig. 48). Alguma da indústria apresenta córtex primitivos que apontam também para a utilização de núcleos sob “forma de blocos” de sílex. Raramente esta indústria ultrapassa os 3 cm de comprimento e apresenta-se na quase totalidade fracturada. A diversa coloração interna do sílex observada é a negra, cinzentas escuras e claras, vermelhas, castanhas, amarelas e brancas opacas.

É uma indústria de pequenas dimensões. A utilização de cherts pode ter sido uma condicionante, mas o facto de se constatar indústria obtida de blocos de sílex, pode apontar para uma indústria preferencial de pequenas dimensões. Existe um claro contraste entre esta indústria lítica e a observada em povoados

de altura como St.^a Margarida ou Cova dos Castanheiros (Constância). Exemplos são as lâminas de sílex lisas ou retocadas que ultrapassam os 10 cm de comprimento e as pontas de seta apresentam um trabalho mais delicado, notório nas formas, espessuras e trabalho bifacial (BATISTA, 2004).

- A indústria de quartzo hialino também está presente, embora mais raramente na forma de lamela, ou de pequenos núcleos de quartzo hialino e leitoso. Ocorreram dois cristais de rocha em quartzo hialino mesclado de leitoso, fracturados em uma das pontas.

- A indústria cerâmica recolhida em estratigrafia está representada por fragmentos de bordos e paredes, lisas e algumas decoradas, apontando para formas esféricas, hemisféricas e carenadas de pequenas e médias dimensões.

- Três ilações notórias se podem desde já indicar em relação à cerâmica decorada:

- 1 – Ao longo deste povoado que se estende para Este na cumeada e o existente na base do planalto no “Zambujeiro” (BATISTA e GASPAR 2007), as cerâmicas até agora recolhidas em superfície estão isentas de decoração.

- 2 – Para Norte no povoado de cumeada da “Jogada” sobranceiro à *Pedra da Encavalada*, também está ausente cerâmica decorada.

- 3 – Cerâmicas incisas foram recolhidas no interior das fossas funerárias na *Pedra da Encavalada*.

As cerâmicas no seu contexto geral apresentam diversas tonalidades nas superfícies internas e externas que variam do castanho claro ao escuro, do castanho avermelhado, do castanho-escuro quase negro e cinzentas. O tratamento das superfícies apresenta-se rugoso e com ligeira aguada. Este tratamento difere substancialmente na cerâmica com decoração do “horizonte folha de acácia” (?) e nos desengordurantes. As restantes dispõem de superfícies mais grosseiras embora por vezes com algum tratamento, numa ou em ambas as superfícies. As fracturas apresentam tonalidades desde avermelhada na periferia e negro ou cinzento no interior (cozedura redutora irregular), castanho avermelhado no exterior e negro no interior (oxidante irregular) ou só castanho, negro, cinzento (redutoras) ou apenas avermelhadas (oxidante).

Os desengordurantes utilizados foram os quartzos, quartzo – micáceos – feldspáticos, quartzosas e granito, prevalecendo em menor percentagem os quartzo-feldspáticos de pequenas e médias dimensões.

Nas cerâmicas com decoração verifica-se a incisa, canelada, espinha de peixe/ “horizonte de folha de acácia” (?), unhas, puncionadas.

Segue-se a descrição do resultado da acção interventora nas diversas quadrículas (vd. Fig. 27). Em cada uma delas se insere um registo descritivo sumário e fotográfico de algum do diverso espólio coordenado e entre ele o que permite uma leitura cronológica relativa.

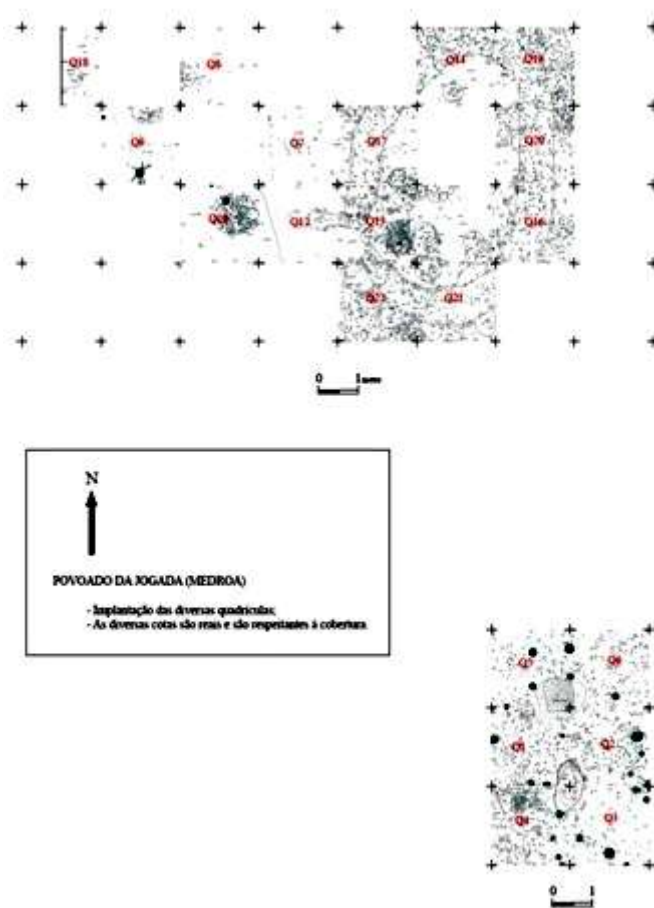


Fig. 27 As diversas quadrículas (Fonte: BATISTA 2008)

NA ÁREA DO MENIR

Quadrícula 1 (= Q1)

Retirada a camada 1 (C1) e camada 2 (C2), era visível logo no topo da camada 3 (C3) uma camada de seixos de médias dimensões. Esta C3 envolvia esses seixos deixando-os à vista. Trata-se de seixos correspondentes ao topo da camada 4 (C4), visíveis face à fraca espessura da C3, nomeadamente a Sul da quadrícula. A Norte a espessura da C3 atingia por vezes os 4/ 5 cm de espessura, diminuindo progressivamente de espessura para Sul.

A Norte da quadrícula e praticamente metida na banquetta observava-se parte do que se veio a revelar na Quadrícula 5 (Q5) o alvéolo do menir.

Retirado o menir, aliás o que se confirmou nas Q2, 3 e 4 este dispunha de uma leve depressão, com terra da C4 ligeiramente elevada nos bordos do menir. Este facto indicia que após a retirada do menir do alvéolo, este ou teria sido arrastado para Sul (embora a Norte entre este e o alvéolo não se tivesse observado evidências desse arrastamento), ou este após ter sido retirado foi transportado e deixado cair no terreno originando então a depressão no terreno certamente molhado, razão da origem da elevação periférica do terreno (C4) de encontro ao menir aquando da queda.

Esta parte Sul do alvéolo era notória pela coloração castanha escura. A descrição do seu interior é efectuada na Q5.

Espólio:

C2 interior

Nº 75

Dimensões: Comp.: 29 mm Larg.: 24 mm Esp.: 9 mm

Matéria: Cerâmica lisa.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Muito erodida com vestígios de ligeiro polimento de cor castanha clara.

Interna: Alisada, cinzenta.

Fractura cor: Cozedura redutora irregular (Castanho claro de encontro à parede exterior e negra na restante interior).

Pasta: Quartzo-micácea.

Arestas: Levemente vivas.

Descrição: Fragmento de parede, com diâmetro difícil de determinar.

C2 interior

Nº 77

Dimensões: Comp.: 26 mm Larg.: 21 mm Esp.: 13 mm

Matéria: Quartzo leitoso.

Descrição: Lasca apresentando negativos de vários levantamentos e a existência de um ou dois pontos de percussão.

C2 interior

Nº 78

Dimensões: Comp.: 13 mm Larg.: 8 mm Esp.: 3 mm

Matéria: Sílex castanho escuro acinzentado.

Descrição: Fragmento de lasca – lamela de secção transversal trapezoidal irregular com um dos gumes verticais.

C2 interior

Nº 79

Dimensões: Comp.: 21 mm **Larg.:** 17 mm **Esp.:** 6 mm

Matéria: Quartzo leitoso.

Descrição: Lasca.

C2 interior

Nº 80

Dimensões: Comp.: 7 mm **Larg.:** 6 mm **Esp.:** 3 mm

Matéria: Quartzo hialino.

Descrição: Grânulo de areia notando-se alguns vestígios de debitação e boleamento natural erosivo.

C2 interior

Nº 81

Dimensões: Comp.: 31 mm **Larg.:** 19 mm **Esp.:** 11 mm

Matéria: Quartzo hialino e leitoso

Descrição: Lasca.

C2 interior

Nº 82

Dimensões: Comp.: 33 mm **Larg.:** 25 mm **Esp.:** 6 mm

Matéria: Quartzite.

Descrição: Lasca de contorno rectangular. Superfície superior com negativos de levantamentos e inferior com ponto de percussão.

C2 interior

Nº 84

Dimensões: Comp.: 73 mm **Larg.:** 63 mm **Esp.:** 30 mm

Matéria: Quartzite.

Descrição: Lasca cinzento-esbranquiçada com ligeiro córtex primitivo. A superfície inferior apresenta ponto de percussão.

C2 interior

Nº 85

Dimensões: Comp.: 24 mm **Larg.:** 11 mm **Esp.:** 5 mm

Matéria: Silex castanho acinzentado.

Descrição: Lamela – furador? de contorno rectangular com gumes rectilíneos e ponta

triangular, sem retoques.

C2 interior

Nº 86

Dimensões: Comp.: 17 mm Larg.: 11 mm Esp.: 7 mm

Matéria: Silex branco-acinzentado

Descrição: Fragmento de lamela de secção transversal triangular.

C2 interior perto da base

Nº 87

Dimensões: Comp.: 41 mm Larg.: 38 mm Esp.: 18 mm

Matéria: Quartzite leitoso

Descrição: Fragmento de núcleo ou percutor.

C3 base

Nº 88

Dimensões: Comp.: 23 mm Larg.: 17 mm Esp.: 7 mm

Matéria: Cerâmica lisa.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Ligeiramente alisada de cor castanha.

Interna: Ligeiramente alisada, castanha.

Fractura cor: Cozedura redutora (Castanho escuro de encontro à parede exterior e negra na restante interior).

Pasta: Quartzo-feldspática e micácea.

Arestas: Levemente boleadas.

Descrição: Fragmento de parede, com diâmetro difícil de determinar.

C3 base

Nº 89

Dimensões: Comp.: 24 mm Larg.: 20 mm Esp.: 11 mm

Matéria: Cerâmica lisa.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Alisada de cor acinzentada.

Interna: Alisada de cor acinzentada.

Fractura cor: Cozedura redutora (cinzenta).

Pasta: Quartzo-feldspática.

Arestas: Vivas.

Descrição: Fragmento de parede rija, com diâmetro difícil de determinar.

C3 base

Nº 90

Dimensões: Comp.: 49 mm Larg.: 37 mm Esp.: 14 mm
Matéria: Quartzite.
Descrição: Lasca esbranquiçada-acinzentada.

C4 topo
Nº 92

Dimensões: Comp.: 19 mm Larg.: 14 mm Esp.: 7 mm
Matéria: Silex cinzento.
Descrição: Fragmento distal de lâmina? de ponta triangular e gumes convexos. Retocada, junto da ponta, na face superior, para o gume esquerdo. Secção transversal trapezoidal.

C4 topo
Nº 106

Dimensões: Comp.: 33 mm Larg.: 30 mm Esp.: 7 mm
Matéria: Silex castanho.
Descrição: Lasca de sílex de boa qualidade, sem retoques e com vestígios de córtex primitivo que aponta para um núcleo incerto de bloco de sílex (?) ou de rognon (?).

C4 topo
Nº 197

Descrição: Pequeno seixo irregular e macio de “ocre” originando uma risca pulverulenta vermelha escura.

Quadrícula 2 (= Q2)

Similar à Q1 em termos estratigráficos nas camadas C1, C2, C3 e C4. Apresenta sobre a C3 uma C2a finíssima revolvida, praticamente isenta de seixos e em contacto com o menir. A C2a é similar à C4, embora se trate de uma camada mais fina, mas observável no interior da C4. Apresenta ainda a Norte uma C3 com alguma espessura, cerca de 4 cm, diminuindo progressivamente para Sul, existindo mesmo debaixo da C2a. Não apresentou estruturas. No topo Noroeste restos do que se veio a revelar tratar-se do alvéolo do menir na Q5. Observava-se o sedimento A de enchimento do alvéolo e a camada B de colmatação do menir.

Espólio:

C2 topo
Nº 4

Dimensões: Comp.: 60 mm Larg.: 46 mm Esp.: 17 mm
Matéria: Quartzite castanho-avermelhado.
Descrição: Fragmento de ponta triangular em Lasca, fracturada na ponta.

C2 topo

Nº 6

Dimensões: Comp.: 63 mm Larg.: 51 mm Esp.: 30 mm
Matéria: Quartzite branco-acinzentado.
Descrição: Núcleo, ligeiramente achatado, com negativos de levantamentos de lascas.

C2 interior

Nº 5

Dimensões: Comp.: 17 mm Larg.: 11 mm Esp.: 3 mm
Matéria: Silex amarelo-esbranquiçado.
Descrição: Lamela de sílex de secção transversal trapezoidal.

C2 interior

Nº 11

Dimensões: Comp.: 24 mm Larg.: 19 mm Esp.: 8 mm
Matéria: Quartzo leitoso.
Descrição: Lasca.

C2 interior

Nº 15

Dimensões: Comp.: 28 mm Larg.: 19 mm Esp.: 8 mm
Matéria: Cerâmica lisa.
Tratamento das superfícies e cor:
Externa: Levemente alisada de cor castanha escura.
Interna: Levemente alisada de cor castanha escura.
Fractura cor: Cozedura redutora (castanha escura).
Pasta: Quartzo-feldspática e micácea.
Arestas: Boleadas.
Descrição: Fragmento de parede, com diâmetro difícil de determinar.

C2 interior

Nº 13

Dimensões: Comp.: 35 mm Larg.: 18 mm Esp.: 10 mm
Matéria: Quartzo leitoso.
Descrição: Lasca.

C2 interior

Nº 22

Dimensões: Comp.: 33 mm **Larg.:** 30 mm **Esp.:** 7 mm

Matéria: Quartzite cinzento.

Descrição: Lasca de origem termoclástica.

C2 base

Nº 21

Dimensões: Comp.: 92 mm **Larg.:** 49 mm **Esp.:** 12 mm

Matéria: Anfibolite.

Descrição: Lasca apresentando polimento na parte central e um picotado fino nas partes laterais, mais notório no bordo direito. A parte em bisel restante da ponta apresenta-se levemente polida. (Fig. 28)



Fig. 28

C2 base

Nº 26

Dimensões: Comp.: 35 mm **Larg.:** 28 mm **Esp.:** 20 mm

Matéria: Quartzo leitoso.

Descrição: Núcleo com negativos de levantamentos de lascas.

C2 base

Nº 35

Dimensões: Comp.: 56 mm **Larg.:** 33 mm **Esp.:** 15 mm

Matéria: Xisto anfibólico.

Descrição: Lasca com polimento em duas faces opostas e denotando coloração negra resultante de contacto com fogo.

C2 base

Nº 36

Dimensões: Comp.: 61 mm **Larg.:** 49 mm **Esp.:** 41 mm

Matéria: Quartzite.

Descrição: Núcleo informe com vestígios de córtex primitivo, observando-se negativos

de levantamentos de lascas.

Cerâmicas actuais alaranjadas:

No topo da C2 (nº 2), cota 239,325;

No topo da C2 (nº 3), cota 239,38;

No interior da C2 (nº 7), cota 239,275.

Quadricula 3 (= Q3)

Contexto estratigráfico similar à anterior Q2, apresentando ainda uma C2a revolvida e assente na C3 finíssima. Debaixo do menir derrubado observava-se uma ligeira depressão devido a remeximentos recentes ou de pouca antiguidade.

A C3 é também de uma espessura variável que vai de alguns milímetros a um máximo de um centímetro, deixando os seixos da C4 à vista e impregnando-se nesta.

Espólio:

C2 topo

Nº 93

Dimensões: Comp.: 56 mm **Larg.:** 36 mm **Esp.:** 27 mm

Matéria: Anfibolite.

Descrição: Fragmento de seixo com vestígios de polimento.

C2 topo

Nº 94

Dimensões: Comp.: 28 mm **Larg.:** 23 mm **Esp.:** 10 mm

Matéria: Cerâmica lisa.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Rugosa de cor castanha avermelhada.

Interna: Rugosa de cor castanha avermelhada.

Fractura cor: Cozedura redutora irregular (castanha escura e negra > %).

Pasta: Quartzosa.

Arestas: Boleadas.

Descrição: Fragmento de parede, com diâmetro difícil de determinar.

C2 interior

Nº 99

Dimensões: Comp.: 31 mm Larg.: 25 mm Esp.: 15 mm

Matéria: Silex negro e cinzento.

Descrição: Núcleo com negativos de levantamentos de lascas.

C2 base

Nº 96

Dimensões: Comp.: 17 mm Larg.: 12 mm Esp.: 5 mm

Matéria: Silex vermelho-acastanhado escuro.

Descrição: Lasca.

C2 base

Nº 97

Dimensões: Comp.: 50 mm Larg.: 40 mm Esp.: 13 mm

Matéria: Anfibolite.

Descrição: Fragmento de seixo, com ligeiro polimento e fracturado por acção termoclástica, notória na área de fractura.

C2 base

Nº 98

Dimensões: Comp.: 25 mm Larg.: 14 mm Esp.: 4 mm

Matéria: Silex castanho escuro, quase negro.

Descrição: Fragmento de lâmina fracturada na extremidade distal de secção transversal trapezoidal. (Fig. 29)



Fig. 29

C2 base

Nº 100

Dimensões: Comp.: 37 mm Larg.: 30 mm Esp.: 14 mm

Matéria: Quartzite amarelado.

Descrição: Lasca oval com negativo de levantamento de lasca transversal. Arestas levemente boleadas.

C2 base

Nº 101

Dimensões: Comp.: 22 mm Larg.: 20 mm Esp.: 8 mm

Matéria: Quartzite branco-amarelado.

Descrição: Lasca.

C2 base

Nº 102

Dimensões: Comp.: 36 mm Larg.: 25 mm Esp.: 10 mm

Matéria: Quartzite esbranquiçado-amarelado.

Descrição: Ponta de contorno triangular e de secção transversal trapezoidal até à parte mesial e daí à ponta de secção triangular.

C2 base

Nº 103

Dimensões: Comp.: 38 mm Larg.: 25 mm Esp.: 10 mm

Matéria: Quartzite castanho claro-esbranquiçada.

Descrição: Lasca com vestígios de córtex primitivo castanho claro.

Quadrícula 4 (= Q4)

A estratigrafia observada consta da C1, C2, C3 e C4, sendo a C3 de escassos milímetros a 1 cm no máximo, inserida no espaço dos seixos pertencentes ao topo da C4. Tal como verificado na Q3, em torno do menir, observou-se também algum remeximento debaixo deste.

Notório é a ocorrência a Sudoeste, com contorno aparentemente circular, de um conjunto de seixos de quartzite e fragmentos de granito. Parece apontar para resquícios de uma estrutura aérea incipiente com cerca de 40 cm de diâmetro e originária da C4. Optou-se pela não desmontagem desta estrutura. Nas restantes quadrículas envolventes escavadas não se registaram estruturas semelhantes. A ausência de alargamento para

Oeste desta quadrícula, assim como das Q1 e Q5 e restante áreas Norte e Este, das Q5, 6, 2 e 3 deixa em aberto uma interpretação para esta incipiente estrutura.

Talvez interessante, embora proveniente de recolha superficial é um bloco aparelhado de granito de contorno circular com um diâmetro de 22 cm por 5 cm de espessura. Estava situado a 1,50 metro para NO da Q4 e a 30 cm da Q1 a SO.

Tal como na Q1 observou-se em torno do menir a inclusão de alguma cerâmica actual no interior da C2, indicando remeximento pontual, provavelmente devido ao menir. Recolheram-se alguns fragmentos nas cotas de topo até à cota 239,18, perto da base da C2. Esta recolha na envolvência do menir de cerâmicas relativamente actuais é a resultante certamente da curiosidade que este bloco exercia, naquele alto. A este facto não deverá ser alheio a fractura do menir no seu topo Norte e Este.

Espólio:

C1 topo

Nº 1

Dimensões: Comp.: 50 mm Larg.: 44 mm Esp.: 25 mm

Matéria: Anfibolite.

Descrição: Lasca com vestígios de polimento.

C2 topo

Nº 9

Dimensões: Comp.: 15 mm Larg.: 10 mm Esp.: 3 mm

Matéria: Sílex castanho escuro.

Descrição: Fragmento de extremidade proximal de lamela, obtida de um rognon com córtex primitivo de cor amarelo-esbranquiçado.

C2 topo

Nº 45

Dimensões: Comp.: 35 mm Larg.: 25 mm Esp.: 27 mm

Matéria: Quartzite leitoso.

Descrição: Núcleo ovalado espesso, com negativos de levantamentos de lascas.

C2 interior

Nº 8

Dimensões: Comp.: 37 mm Larg.: 36 mm Esp.: 7 mm

Matéria: Cerâmica decorada na parede exterior e com asa.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Rugosa de cor castanha escura a negro.

Interna: Ligeiramente alisada de cor castanha escura a negro.

Fratura cor: Cozedura redutora (negra).

Pasta: Quartzosa.

Arestas: Boleadas.

Descrição: Fragmento de parede, com diâmetro difícil de determinar. Parede contendo uma asa tubular horizontal perfurada com 8 mm de diâmetro do furo. Contém na superfície exterior na parte superior da asa, duas leves linhas realizadas a punção. Na parede abaixo da asa um motivo vertical de triângulos finíssimos realizados a punção. À esquerda do anterior, duas fiadas a punção de pequenos traços similares aos da parte superior da asa. São duas fiadas paralelas verticais, uma com 7 motivos e outra com 4.

CRONOLOGIA RELATIVA: O tipo de decoração puncionada e mamilos perfurados horizontalmente ocorrem em contextos do Neolítico final e Calcolítico inicial do povoado de Leceia (Oeiras), (CARDOSO, 1994) (Fig. 30)

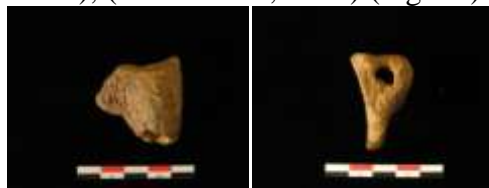


Fig. 30

C2 interior

Nº 14

Dimensões: Comp.: 47 mm Larg.: 26 mm Esp.: 11 mm

Matéria: Quartzite acinzentado.

Descrição: Lasca.

C2 interior

Nº 16

Dimensões: Comp.: 32 mm Larg.: 27 mm Esp.: 10 mm

Matéria: Cerâmica lisa.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Rugosa de cor castanha escura.

Interna: Rugosa de cor castanha escura.

Fratura cor: Cozedura oxidante (castanho-avermelhada).

Pasta: Quartzo-feldspática.

Arestas: Boleadas.

Descrição: Fragmento de parede, com diâmetro difícil de determinar,

C2 interior

Nº 17

Dimensões: Alt.: 25 mm Larg.: 26 mm Esp.: 22 mm

Matéria: Sílex castanho escuro.

Descrição: Núcleo de rognon de córtex amarelo-esbranquiçado. Apresenta negativos de levantamentos de lamelas e lascas.

C2 interior

Nº 33

Dimensões: Comp.: 17 mm Larg.: 15 mm Esp.: 5 mm

Matéria: Sílex de tonalidade branca acinzentada e castanha.

Descrição: Fragmento de extremidade proximal de lâmina de secção transversal triangular.

C2 interior

Nº 38

Dimensões: Comp.: 15 mm Larg.: 14 mm Esp.: 4 mm

Matéria: Sílex castanho claro esbranquiçado.

Descrição: Lasca conservando parte do córtex primitivo amarelo-avermelhado.

C2 interior

Nº 47

Dimensões: Comp.: 25 mm Larg.: 23 mm Esp.: 9 mm

Matéria: Quartzite castanho-acinzentado.

Descrição: Lasca de secção transversal triangular. Talão vertical em córtex primitivo. Superfície inferior com ponto de percussão.

C2 interior

Nº 48

Dimensões: Comp.: 20 mm Larg.: 19 mm Esp.: 13 mm

Matéria: Sílex cinzento-esbranquiçado.

Descrição: Fragmento de extremidade distal de lâmina espessa. De secção transversal trapezoidal, apresenta retoques no gume esquerdo.

C2 interior

Nº 53

Dimensões: Comp.: 49 mm Larg.: 28 mm Esp.: 20 mm

Matéria: Xisto.

Descrição: Seixo rolado sem trabalho.

C2 interior

Nº 71

Dimensões: Comp.: 20 mm Larg.: 15 mm Esp.: 6 mm

Matéria: Silex raiado de castanho claro e escuro.

Descrição: Lasca de contorno sensivelmente triangular de secção transversal triangular. Ligeiramente retocada no gume esquerdo.

C2 interior

Nº 74

Dimensões: Comp.: 150 mm Larg.: 87 mm Esp.: 37 mm

Matéria: Quartzite castanho-avermelhado-esbranquiçado.

Descrição: Bigorna em seixo, fracturado num dos lados por uma lasca vertical. Parte inferior com o negativo de levantamento de lasca, tendo afectado a metade do seixo. A parte superior (referente à zona de bigorna), apresenta uma ligeira depressão a picotado sensivelmente circular. (Fig. 31)



Fig. 31

C4 topo

Nº 54

Dimensões: Comp.: 75 mm Larg.: 31 mm Esp.: 32 mm

Matéria: Xisto anfibólico-tufo vulcânico (?).

Descrição: Fragmento de machado de pedra polida, sem polimento, de secção transversal ovalada. Apresenta restos de uma coloração branca inserida nos interstícios da rocha. (Fig. 32)

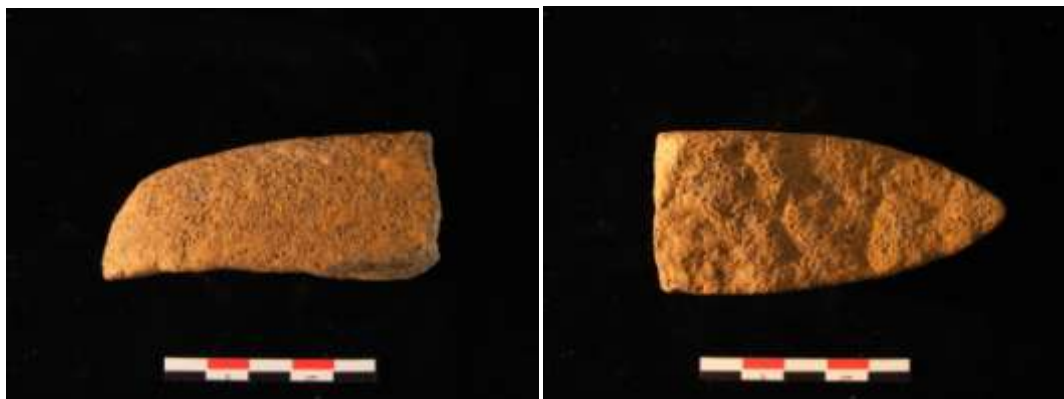


Fig. 32

C4 topo

Nº 55

Dimensões: Comp.: 32 mm Larg.: 18 mm Esp.: 9 mm

Matéria: Silex castanho-avermelhado.

Descrição: Ponta sob lasca de secção transversal triangular. Conserva na extremidade proximal restos do córtex primitivo.

C4 topo

Nº 56

Dimensões: Comp.: 8 mm Larg.: 46 mm Esp.: 13 mm

Matéria: Quartzite amarelado.

Descrição: Lasca com vestígios de córtex primitivo castanho escuro e negativos de levantamentos de lascas na superfície superior. (Fig. 33)



Fig. 33

C4 topo

Nº 57

Dimensões: Comp.: 9 mm Larg.: 7 mm Esp.: 2 mm

Matéria: Silex castanho escuro.

Descrição: Esquírola.

C4 topo

Nº 58

Dimensões: Comp.: 30 mm Larg.: 24 mm Esp.: 7 mm

Matéria: Cerâmica lisa.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Ligeiramente alisada de cor castanha.

Interna: Ligeiramente alisada de cor negro-acinzentado.

Fractura cor: Cozedura redutora (castanho escura).

Pasta: Granito e mica.

Arestas: Ligeiramente boleadas.

Descrição: Fragmento de parede, com diâmetro difícil de determinar.

C4 topo

Nº 59

Dimensões: Comp.: 19 mm Larg.: 14 mm Esp.: 5 mm

Matéria: Cerâmica lisa.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Rugosa de cor vermelha velho.

Interna: Rugosa de cor castanho-escuro.

Fractura cor: Cozedura redutora (negra).

Pasta: Quartzo-micácea.

Arestas: Levemente boleadas.

Descrição: Fragmento de parede, com diâmetro difícil de determinar.

C4 topo

Nº 60

Dimensões: Comp.: 27 mm Larg.: 23 mm Esp.: 11 mm

Matéria: Cerâmica lisa.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Ligeiramente alisada de cor castanha clara.

Interna: Ligeiramente alisada de cor castanha levemente escura.

Fractura cor: Cozedura oxidante (vermelha clara).

Pasta: Quartzo, feldspato e mica.

Arestas: Boleadas.

Descrição: Fragmento de parede, com diâmetro difícil de determinar.

C4 topo

Nº 61

Dimensões: Comp.: 30 mm Larg.: 22 mm Esp.: 8 mm

Matéria: Quartzite castanho.

Descrição: Lasca com vestígios de córtex primitivo e vestígios do ponto de percussão.

C4 topo

Nº 62

Dimensões: Comp.: 35 mm Larg.: 14 mm Esp.: 13 mm

Matéria: Quartzo hialino e leitoso.

Descrição: Cristal de rocha fracturado em uma das extremidades.

C4 topo

Nº 63

Dimensões: Comp.: 21 mm Larg.: 14 mm Esp.: 13 mm

Matéria: Quartzo hialino e leitoso.

Descrição: Cristal de rocha fracturado em ambas as extremidades.

C4 topo

Nº 64

Dimensões: Comp.: 94 mm Larg.: 56 mm Esp.: 53 mm

Matéria: Quartzite castanho claro-acinzentado.

Descrição: Núcleo de contorno rectangular com córtex primitivo em ambas as extremidades opostas de cor vermelho. Apresenta vários negativos de levantamentos de lascas de vários formatos. (Fig. 34)

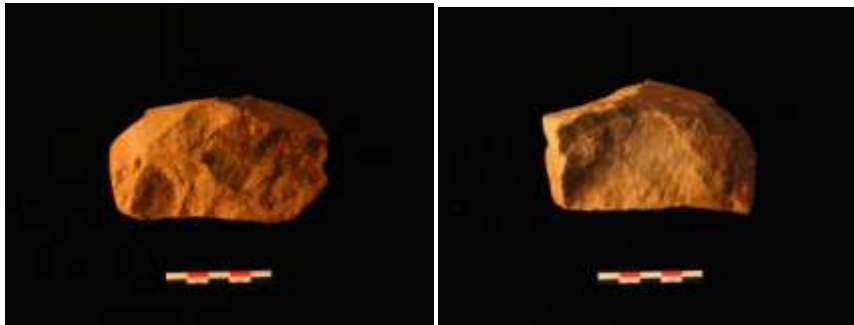


Fig. 34

C4 topo

Nº 65

Dimensões: Comp.: 29 mm Larg.: 19 mm Esp.: 20 mm

Matéria: Quartzite avermelhado.

Descrição: Fragmento de seixo apresentando fracturas direitas e sem pontos ou bolbos de percussão (termoclastia). Denota coloração escura de contacto com o fogo.

C4 topo

Nº 66

Dimensões: Comp.: 34 mm Larg.: 20 mm Esp.: 12 mm

Matéria: Quartzite amarelado.

Descrição: Lasca de contorno irregular com córtex primitivo.

C4 topo

Nº 67

Dimensões: Comp.: 32 mm Larg.: 25 mm Esp.: 20 mm

Matéria: Quartzite leitoso.

Descrição: Fragmento de núcleo com negativos de levantamentos de lascas.

C4 topo

Nº 68

Dimensões: Comp.: 27 mm Larg.: 22 mm Esp.: 9 mm

Matéria: Cerâmica decorada na parede exterior.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Alisada de cor castanha avermelhada.

Interna: Rugosa de cor castanha clara.

Fratura cor: Cozedura redutora (castanha).

Pasta: Quartzo-micácea fina.

Arestas: Levemente boleadas.

Descrição: Fragmento de parede, com diâmetro difícil de determinar, embora aponte para que seja superior a 20 cm. Apresenta na superfície externa 4 caneluras largas e de pouca profundidade.

CRONOLOGIA RELATIVA: O tipo de decoração canelada ocorre em contextos do Calcolítico inicial do povoado de Leceia (Oeiras), (CARDOSO, 1994) (Fig. 35)

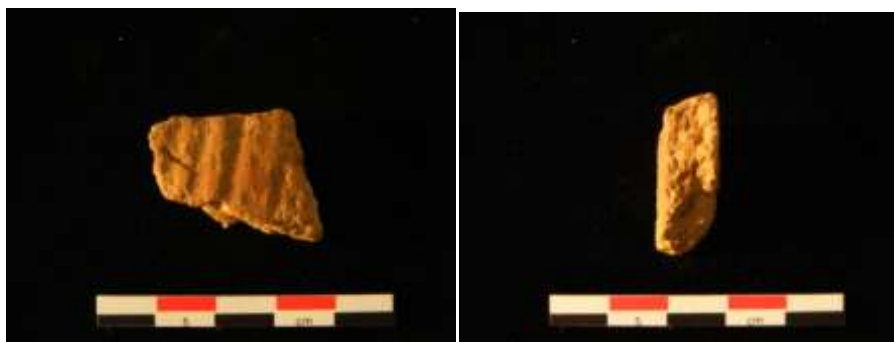


Fig. 35

C4 topo

Nº 69

Dimensões: Comp.: 15 mm Larg.: 7 mm Esp.: 4 mm

Matéria: Silex acinzentado.

Descrição: Lasca – esquirola.

C4 topo

Nº 70

Dimensões: Comp.: 57 mm Larg.: 24 mm Esp.: 20 mm

Matéria: Quartzo leitoso.

Descrição: Núcleo com negativos de levantamentos de lascas e lamela.

C4 topo

Nº 73

Dimensões: Comp.: 41 mm Larg.: 48 mm Esp.: 12 mm

Matéria: Quartzite leitoso.

Descrição: Lasca com negativos de pontos de percussão.

Quadrícula 5 (= Q5)

Retirada a C1 e c2 ocorreu uma C3 com alguma espessura assinalável de 5 – 6 cm no canto inferior direito da quadrícula. À medida que se ia rebaixando notava-se claramente uma área sensivelmente circular de 1,20 por 1,00, notória pela camada de terra castanha escura, tipo lama fina humosa, com alguns carvões finíssimos. A total remoção da C3 pôs a descoberto o sedimento A de contorno sensivelmente circular respeitante ao enchimento do alvéolo do menir. Contrastava claramente com a C3 que a cobria e com a B de colmatção do menir, bem notória a Oeste e Norte. Pese embora este alvéolo se inserir ao de leve nas Q6 a Oeste, Q1 a Norte e Q2 a Noroeste, optou-se pela sua descrição geral nesta quadrícula, tendo em atenção a inserção nas quadrículas mencionadas. O facto advém de ser nesta quadrícula 5 que o alvéolo se encontra melhor definido o qual permitiu uma boa leitura interpretativa.

O ALVÉOLO

A remoção total da C3 pôs a descoberto integralmente o alvéolo do menir. Este era identificável por uma área central de sedimento A, humosa castanha escura-negra correspondente ao enchimento do alvéolo, ali depositada após a sua retirada e a ele circunscrita. Envolveria-a uma camada B, castanha clara amarelada compacta dita de colmatção do menir. Ou seja, terra um pouco argilosa e isenta de seixos de quartzite de pequenas ou médias dimensões, as quais se observam no topo da C4 e que envolveu e seguiu o menir após a sua implantação vertical. Embora a C3 se revele, no geral, como uma camada fina depositada no topo da C4, tudo aponta para a sua existência no início da ocupação do local, embora a recolha de espólio no topo da C4, e envolta nessa C3, possa apontar para uma camada orgânica correspondente a uma fase posterior ou ocupacional progressiva contemporânea. O facto é que esta já se mantinha no topo da C4. Tal é notório na interrupção desta C3 aquando da abertura dos caboucos para a implantação da cabana que tudo aponta corresponder à fase final de ocupação do local. O certo é que a cabana poderia ter sido construída num momento posterior à ocupação do local, pelo que esta C3 já ali se encontrava depositada, tal como aquando da implantação do menir. Esta a existir era extremamente fina e de relativa ou pouca expressão.

A abertura do alvéolo rompeu a C4 atingindo a C5. Foi colocado de seguida o monólito e colmatado pela terra B, (terras da C4 e C3 à mistura).

O menir ao ser retirado e derrubado para Sul originou uma alteração, não só pela retirada da terra que o envolvia a Sul e Este como certamente pela queda para Sul, removendo a terra de colmatação B. A Norte e Oeste a área de colmatação B continuava intacta.

Desde o seu início se optou por não escavar essa área de colmatação B. Objectivava-se não só o de rectificar se o corte correspondia a uma das fases do menir, como também optar, se possível, pela sua colocação no local na vertical, o que aliás se realizou.

A escavação do interior do alvéolo veio a revelar um sedimento em que apesar de conter entre as cotas 239,20 e a 239,01 alguns seixos de quartzite, o facto é que era um sedimento com ausência de qualquer espólio arqueológico e que pela sua textura fina indicava tratar-se de uma terra arável (de cultivo?) de terreno de cascalheiras e não de granitos ou xistos.

Essa camada A assentava directamente na base do covacho na C5, camada esbranquiçada com seixos e areão.

A expressiva espessura da C3 a cobrir a totalidade do alvéolo, mesmo após a retirada do menir, denota estarmos perante uma deposição tencional e não relativa a um processo gradual e natural de cobertura por arrastamento.

Mesmo apontando a tese de que o alvéolo tivesse sido abandonado a céu aberto e que a terra A seja o resultado do arrastamento progressivo e de deposição da C3, alterada posteriormente ou gradualmente por factores orgânicos e físico-químicos pós deposicionais em ambiente parcialmente fechado, fase à elevada e rica concentração que eventualmente esse recinto permitiria, resta saber da razão da concentração elevada da C3 na restante envolvência desse local. Ora, após a selagem do alvéolo o que seria de prever é que o arrastamento da C3 viesse a cobri-lo de modo uniforme. Até porque no topo deste nada existia que justificasse que a C3 vinda de Norte por arrastamento ali se concentrasse e pior se amontoasse, e logo de forma circular. Mesmo colocando a hipótese de ali ter permanecido na vertical (o que não se verificou fase à homogeneidade da terra no interior do alvéolo), por algum tempo, alguma estrutura perecível que motivasse essa concentração, o facto é que mesmo assim não é explicável a forma de deposição da restante C3 na envolvência. Por outro lado, considerar a hipótese, mesmo remota, de que essa concentração de C3 se deveu à existência de alguma estrutura circular exterior perecível a envolver o alvéolo e que permitia ali retê-

la após ali ter sido intencionalmente depositada, não nos parece que deva sequer ser considerada. Mesmo considerando a existência única do EBP (?) na Q1 e Q5, o facto é que não se registaram outros similares, que apontassem para um recinto estrutural circular ou outro, abonando assim a hipótese anterior.

A selagem do alvéolo foi para o esconder. A C3 a cobri-lo para o dissimular em relação à restante C3 do povoado. O retirar do menir, neste contexto, aponta para abandono do local. Quem pretendesse voltar ao mesmo local não iria retirar o menir, selar o alvéolo e dissimulá-lo com C3, para posteriormente efectuar o trabalho inverso, deixar o menir derrubado e a cabana à vista ou o que dela restasse.

Sabemos que aquando da abertura do covacho para implantação do menir a C3 já existia.

O que foi de todo impossível determinar foi o preciso momento da deposição acrescida da C3 na área do menir.

Esta C3 teria envolvido o menir na vertical, logo após a sua erecção numa espécie de mamoa circular? Ou foi ali depositada posteriormente, embora ainda erecto? Ou apenas foi para ali levada após a selagem do alvéolo?

O facto é que após a retirada do menir e a selagem do alvéolo com o sedimento A, tudo foi coberto pela C3, num intuito de ocultação e abandono do local.

Independentemente do momento da selagem integral do alvéolo pelo sedimento A e C3, o facto é que tudo aponta para um contexto nitidamente ritual.

Certo, é que o monólito (menir) foi colocado na vertical, tendo sido para o efeito aberto um covacho de contorno ovalado na C4 e C5. Então na sua posição erecta e assente na C5 foi fixo apenas com terra B (terra de colmatação, mistura da C4 e C3) e a envolvê-lo ou não uma mamoa de C3.

Ainda em relação à C3 o que verificámos é que de Noroeste da Q6 para o Norte da Q1, esta apresenta uma variação de espessura entre 6 e 3 cm respectivamente. E de Norte da Q5 para Noroeste da Q2, respectivamente de 2 e 5 cm. Ou seja, a Este do alvéolo existia uma maior deposição sobre o alvéolo sendo a Oeste mais reduzida.

Embora se verifique que os valores de deposição de C3 não são homogéneos nas Q1, 2, 5 e 6, facto real é a sua maior espessura na área do alvéolo e a sua clara diminuição progressiva à medida que nos afastamos para a sua periferia envolvente delineando um contorno circular em torno do alvéolo do menir.

Tendo em atenção as Q5, 1 e 4, nada aponta para a existência de um grande ou pequeno arrastamento da C3 de Norte para Sul que pudesse ser a resultante da fraca espessura a

Oeste do alvéolo ou do menir (2 e 3 cm de Norte para Sul). De facto a fraca espessura da C3 das Q1 e 4 não indica uma maior espessura motivada por deposição acrescida das terras da C3 da área Norte do alvéolo, mas sim a cobertura natural, uniformizada verificada relativamente em todo o povoado.

O facto é que se deve ter ainda em atenção outros aspectos.

O abandono do local, a sua exposição às intempéries e a localização do povoado, traria inevitáveis alterações ao topo da C3.

Mas, tendo em atenção a incipiente estrutura da Q4 com o seu ligeiro derrube para Sudeste, denota fraca destruição e ausência de acumulação de C3 no seu contacto. Logo ter-se-á que colocar uma outra hipótese de explicação da espessura da C3 de 2 cm na Q5 e de 3 cm na Q1 em torno do alvéolo do menir. Essa variação pode ser antes a simples resultante não de um arrastamento, mas da remoção de parte das terras da mamoa para suprir a falta verificada após a retirada do menir e fecho do alvéolo com o sedimento A. Assim esta hipótese, que se deverá ter em conta, indica que após a erecção do menir, e à sua volta, foi efectivamente colocada uma C3 num claro contorno circular e ao demais com um intuito certamente ritual, porque necessário se tornaria agrupar essa C3, de reduzida espessura e ali depositá-la e concentrá-la de modo organizado, tipo mamoa.

Espólio:

C2 int. **Nº 105**

Dimensões: Comp.: 16 mm Larg.: 9 mm Esp.: 5 mm

Matéria: Sílex castanho escuro.

Descrição: Fragmento de lâmina de faces planas.

C2 base **Nº 104**

Dimensões: Comp.: 25 mm Larg.: 20 mm Esp.: 8 mm

Matéria: Cerâmica decorada na parede exterior.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Ligeiramente alisada de cor castanha claro.

Interna: Ligeiramente alisada de cor castanha claro.

Fractura cor: Cozedura redutora (negra).

Pasta: Feldspática e micácea.

Arestas: Levemente boleadas.

Descrição: Fragmento de parede, com decoração constituída por traço inciso horizontal e logo acima duas dedadas verticais, tendo uma delas unhada. Diâmetro difícil de determinar.

C4 topo
Nº 197

Dimensões: Diâmetro 9 mm.

Matéria: Quartzite? em ocre ? vermelho claro.

Descrição: Pequeno nódulo.

A ANÁLISE DO SEDIMENTO DO INTERIOR DO ALVÉOLO

Foram enviadas para o laboratório da A. Logos, em Alferrarede – Abrantes, quatro amostras de terra das Q5 e 6 para análise de pH, a saber:

Terra C3 – Terra castanha escura argilosa com restos de finíssimos carvões;

Terra C4 – Terra argilosa alaranjada, com seixos de quartzito de pequenas e médias dimensões e areão há mistura, com finíssimas partículas de carvão;

Terra A – Terra castanha escura-negra;

Terra B – Terra castanha clara amarelada.

Os resultados de pH (que se anexam) foram os seguintes:

Terra C3 – 5,0

Terra C4 – 5,6

Terra A – 4,9

Terra B – 5,0

Conclusão

- 1 - Tendo em conta a diferença de coloração das diversas camadas;
- 2 - Os seus valores de pH;
- 3 - Atendendo ao valor de pH da terra A e as da sua envolvência, pese embora seu valor não seja tão diferenciado da C3 e B, poder-se-á concluir o seguinte:

Efectivamente a terra A é um sedimento diferente dos demais, não só em termos de coloração mas também em pH, confirmando-se de facto que para ali foi trazido, fosse de local próximo ou distante.

A sua colocação no interior do alvéolo foi efectuado logo após a retirada do menir. Se assim não fosse a parte lateral do menir não teria perfeitamente encaixado do lado Norte

e Oeste, assim como as intempéries teriam desagregado as paredes do alvéolo e provocado sua queda para o interior como até o arrastamento da C3, o que não se verificou. O alvéolo foi colmatado totalmente com sedimento A do topo ao fundo sobre a C5 e coberto pela C3.

Estamos assim perante uma clara intenção de selagem e não de arrastamentos futuros e selagem natural.

De qualquer modo foram guardadas amostras para futuras análises sedimentológicas.

Quadrícula 6 (=Q6)

Retirada a C1 e C2 apareceu a C3 com espessura variada de 6 a 5 cm no corte Oeste na área do menir, diminuindo progressivamente para Este. Esta C3 era particularmente notória na área do alvéolo. O topo da C4 apresentava alguns seixos, mas em menor expressão que nas quadrículas a Sul. Para além do alvéolo, mais nenhuma estrutura ocorreu.

Espólio:

C2 topo

Nº 107

Dimensões: Comp.: 99 mm **Larg.:** 61 mm **Esp.:** 22 mm

Matéria: Anfibolite.

Descrição: Seixo com negativo de levantamento de lasca accidental (?) numa das superfícies. Levantamento efectuado da periferia para o seu centro.

C2 int.

Nº 109

Dimensões: Comp.: 17 mm **Larg.:** 9 mm **Esp.:** 3 mm

Matéria: Silex castanho esbranquiçado.

Descrição: Fragmento da extremidade distal de lamela afeiçoada em furador, de secção transversal triangular e com ponta retocada.

C2 int.

Nº 110

Dimensões: Comp.: 15 mm **Larg.:** 28 mm **Esp.:** 5 mm

Matéria: Silex cinzento claro.

Descrição: Lasca de secção transversal trapezoidal irregular com um dos bordos verticais.

C2 int.
Nº 111

Dimensões: Comp.: 19 mm Larg.: 17 mm Esp.: 5 mm

Matéria: Sílex castanho escuro com tonalidades mais claras.

Descrição: Lasca com vestígios de córtex primitivo e apresentando dois retoques num dos bordos.

C2 base
Nº 112

Dimensões: Comp.: 37 mm Larg.: 20 mm Esp.: 6 mm

Matéria: Sílex negro.

Descrição: Lâmina (?) de secção transversal triangular, fracturada na extremidade distal. Gume direito com retoques finos e esquerdo apresentando fracturas naturais. Bordo esquerdo com negativos de dois levantamentos de lascas. (Fig. 36)



Fig. 36

C2 base
Nº 114

Dimensões: Comp.: 24 mm Larg.: 11 mm Esp.: 4 mm

Matéria: Sílex branco - amarelado.

Descrição: Lasca irregular em forma de ponta.

C2 base
Nº 115

Dimensões: Comp.: 17 mm Larg.: 15 mm Esp.: 6 mm

Matéria: Cerâmica lisa.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Ligeiramente alisada de cor castanha escura.

Interna: Ligeiramente alisada de cor castanha escura.

Fractura cor: Cozedura redutora (castanha).

Pasta: Quartzo - Feldspática.

Arestas: Levemente boleadas.

Descrição: Fragmento de parede com diâmetro difícil de determinar.

C3**Nº 113****Dimensões: Comp.:** 32 mm **Larg.:** 26 mm **Esp.:** 9 mm**Matéria:** Cerâmica decorada na parede exterior.**Tratamento das superfícies e cor:****Externa:** Alisada e rija de cor castanha escura.**Interna:** Alisada e rija de cor castanha escura.**Fractura cor:** Cozedura redutora (negra).**Pasta:** Feldspática e micácea.**Arestas:** Arestas vivas.**Descrição:** Apresenta cinco caneluras paralelas horizontais com distanciamentos assimétricos. Uma sexta canelura oblíqua afecta as duas imediatamente superiores. Diâmetro difícil de determinar.**CRONOLOGIA RELATIVA:** Este tipo de decoração ocorre em contextos do Calcolítico inicial do povoado de Leceia (Oeiras), (CARDOSO, 1994)**NA ÁREA DA CABANA**

Estendeu-se a malha das quadrículas para Norte na área de cumeada, distando do menir cerca de 8 metros. Abriram-se 14 quadrículas, não se tendo escavado as quadrículas 11 e 23 embora se encontrem numeradas.

Quadrícula 7 (= Q7)

Retirada a C1, C2 e C3 esta de reduzida espessura e muitas vezes difícil de separar da C4, nada ocorreu em termos de estruturas, tendo a C4 revelado um piso plano sem a quantidade e dimensão de seixos de quartzite observável na área do menir. A fraca espessura da C2, embora estejamos perto da cabana, deve-se mais a um arrastamento Norte-Sul do que Este-Oeste, como mais à frente se verificará.

Espólio:**C2 int.****Nº 116****Dimensões: Comp.:** 38 mm **Larg.:** 38 mm **Esp.:** 8 mm**Matéria:** Cerâmica decorada na parede exterior.**Tratamento das superfícies e cor:****Externa:** Alisada embora irregular de cor castanha avermelhada.**Interna:** Alisada de cor castanha avermelhada.**Fractura cor:** Cozedura redutora (castanha escura).**Pasta:** Quartzo, feldspática e micácea.**Arestas:** Levemente boleadas.**Descrição:** Apresenta uma ligeira decoração incisa fina, de linhas rectas verticais e a ligá-las algumas horizontais, apresentando uma decoração indefinida. Diâmetro difícil de determinar.

C2 int.
Nº 117

Dimensões: Comp.: 18 mm Larg.: 19 mm Esp.: 6 mm

Matéria: Silex cinzento-esbranquiçado.

Descrição: Fragmento de lâmina de secção transversal trapezoidal irregular.

C2 base
Nº 118

Dimensões: Comp.: 30 mm Larg.: 24 mm Esp.: 11 mm

Matéria: Cerâmica lisa.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Rugosa de cor castanha.

Interna: Levemente alisada de cor castanha.

Fractura cor: Cozedura redutora (castanha).

Pasta: Quartzo – feldspática e micácea.

Arestas: Boleadas.

Descrição: Fragmento de parede. Diâmetro difícil de determinar.

C2 base
Nº 119

Dimensões: Comp.: 12 mm Larg.: 13 mm Esp.: 6 mm

Matéria: Cerâmica lisa rija.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Alisada de cor negra.

Interna: Alisada de cor negra.

Fractura cor: Cozedura redutora (negra).

Pasta: Quartzo - feldspática.

Arestas: Vivas.

Descrição: Fragmento de bordo de pequena taça hemisférica. Diâmetro difícil de determinar.

C2 base
Nº 120

Dimensões: Comp.: 22 mm Larg.: 21 mm Esp.: 7 mm

Matéria: Cerâmica lisa.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Rugosa de cor negra.

Interna: Levemente alisada de cor negra.

Fractura cor: Cozedura redutora (negra).

Pasta: Quartzo - feldspática.

Arestas: Levemente boleadas.

Descrição: Fragmento de bordo de pequena taça hemisférica. Diâmetro difícil de determinar.

C2 base

Nº 121

Dimensões: Comp.: 20 mm **Larg.:** 17 mm **Esp.:** 8 mm

Matéria: Quartzo leitoso.

Descrição: Lasca simples irregular.

C2 base

Nº 122

Dimensões: Comp.: 32 mm **Larg.:** 30 mm **Esp.:** 11 mm

Matéria: Quartzite castanha - avermelhada.

Descrição: Lasca simples com bolbo de percussão e vestígios de córtex primitivo.

C2 base

Nº 123

Dimensões: Comp.: 40 mm **Larg.:** 32 mm **Esp.:** 15 mm

Matéria: Quartzite com córtex vermelho.

Descrição: Fragmento de seixo apresentando fractura natural de separação e fractura rugosa indiciando termoclastia (?).

Quadrícula 8 (= Q8)

Retirada a C1, C2 e C3 ocorreu a Oeste da quadrícula metida na banquetta e aberta na C4 uma Estrutura de Buraco de Poste 1 (?) (indicado como EBP 1 ?), com 60 cm de diâmetro e de 11 cm de profundidade, mas claramente definido por seu contorno e contendo seixos de quartzito e fragmentos de granito. A não abertura da quadrícula a Oeste não permite a sua leitura integral como o não relacionamento com o EBP 2? da Q9.

Espólio:

C2 int.

Nº 124

Dimensões: Comp.: 14 mm **Larg.:** 11 mm **Esp.:** 4 mm

Matéria: Quartzo leitoso.

Descrição: Fragmento de lâmina.

C2 int.

Nº 125

Dimensões: Comp.: 12 mm **Larg.:** 10 mm **Esp.:** 3 mm

Matéria: Sílex cinzento.

Descrição: Lasca simples.

C2 int.

Nº 126

Dimensões: Comp.: 11 mm **Larg.:** 9 mm **Esp.:** 5 mm

Matéria: Silex acinzentado.

Descrição: Esquírola.

C2 int.

Nº 127

Dimensões: Comp.: 9 mm **Larg.:** 7 mm **Esp.: 1 mm**

Matéria: Silex castanho claro.

Descrição: Fragmento de extremidade distal de lamela de secção transversal triangular.

C2 base

Nº 128

Dimensões: Comp.: 23 mm **Larg.:** 15 mm **Esp.:** 7 mm

Matéria: Cerâmica lisa.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Levemente alisada de cor castanha.

Interna: Levemente alisada de cor castanha.

Fractura cor: Cozedura redutora (negra).

Pasta: Quartzo - micácea.

Arestas: Levemente boleadas.

Descrição: Fragmento de parede. Diâmetro difícil de determinar.

C2 int.

Nº 129

Dimensões: Comp.: 43 mm **Larg.:** 27 mm **Esp.: 20 mm**

Matéria: Quartzite rosado.

Descrição: Lasca com superfícies rugosas. Fracturas eventualmente térmicas.

C2 base

Nº 130

Dimensões: Comp.: 15 mm **Larg.:** 12 mm **Esp.: 3 mm**

Matéria: Silex branco acinzentado.

Descrição: Fragmento mesial de lâmina de secção transversal trapezoidal irregular.

C2 base

Nº 131

Dimensões: Comp.: 18 mm Larg.: 14 mm Esp.: 7 mm

Matéria: Cerâmica lisa.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Rugosa de cor castanha.

Interna: Rugosa de cor castanha.

Fractura cor: Cozedura redutora (castanha).

Pasta: Quartzosa.

Arestas: Boleadas.

Descrição: Fragmento cerâmico muito boleado. Diâmetro difícil de determinar.

C2 base

Nº 132

Dimensões: Comp.: 28 mm Larg.: 18 mm Esp.: 7 mm

Matéria: Quartzo leitoso acinzentado.

Descrição: Lasca simples.

Quadrícula 9 (= Q9)

Retirada a C1, C2 e C3 ocorreu a Norte desta quadrícula, metida na banquetta e aberta na C4 uma Estrutura de Buraco de Poste 2 (indicado como EBP 2), com 77 cm de diâmetro, mas claramente definido por seu contorno e contendo seixos de quartzite e fragmentos de xisto. A não abertura da quadrícula a Norte não permite a sua leitura integral como o não relacionamento com o EBP 1 da Q8.

Espólio:

C2 base

Nº 133

Dimensões: Comp.: 12 mm Larg.: 11 mm Esp.: 3 mm

Matéria: Cerâmica lisa.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Alisado de cor castanho-escuro.

Interna: Alisado de cor castanho-escuro.

Fractura cor: Cozedura redutora irregular (castanho claro alaranjado).

Pasta: Quartzo-feldspática e micácea.

Arestas: Boleadas.

Descrição: Fragmento de bordo de lábio fino. Diâmetro difícil de determinar.

C2 base

Nº 134

Dimensões: Comp.: 15 mm **Larg.:** 8 mm **Esp.:** 3 mm

Matéria: Silex cinzento.

Descrição: Fragmento de lasca.

C2 base

Nº 135

Dimensões: Comp.: 27 mm **Larg.:** 13 mm **Esp.:** 4 mm

Matéria: Silex amarelado.

Descrição: Fragmento de lâmina de secção transversal triangular. O bordo esquerdo dispõe todo ele de córtex primitivo amarelado. Bordo direito liso e sem retoque no gume. (Fig. 37)



Fig. 37

C2 base

Nº 136

Dimensões: Comp.: 34 mm **Larg.:** 24 mm **Esp.:** 12 mm

Matéria: Cerâmica lisa.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Alisada de cor castanha enegrecida.

Interna: Alisada de cor castanha enegrecida.

Fractura cor: Cozedura redutora (castanha e negra).

Pasta: Micácea fina.

Arestas: Boleadas.

Descrição: Fragmento de parede com um diâmetro externo de 23 cm.

C2 base

Nº 137

Dimensões: Comp.: 25 mm Larg.: 22 mm Esp.: 11 mm

Matéria: Cerâmica lisa.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Rugosa de cor castanha escura.

Interna: Rugosa de cor castanha escura.

Fractura cor: Cozedura redutora irregular (castanha alaranjada).

Pasta: Quartzosa.

Arestas: Boleadas.

Descrição: Fragmento de parede. Diâmetro difícil de determinar.

C2 base

Nº 138

Dimensões: Comp.: 9 mm Larg.: 10 mm Esp.: 2 mm

Matéria: Sílex branco acinzentado.

Descrição: Fragmento de lâmina de secção transversal trapezoidal (?).

C2 base

Nº 139

Dimensões: Comp.: 20 mm Larg.: 18 mm Esp.: 5 mm

Matéria: Cerâmica lisa.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Alisada de cor castanha escura.

Interna: Alisada de cor castanha escura.

Fractura cor: Cozedura redutora (castanha escura).

Pasta: Quartzo - micácea.

Arestas: Boleadas.

Descrição: Fragmento de parede com diâmetro exterior de 12 cm.

C2 base

Nº 140

Dimensões: Comp.: 16 mm Larg.: 24 mm Esp.: 4 mm

Matéria: Quartzo leitoso.

Descrição: Fragmento de lâmina (?) de secção transversal triangular.

C2 base

Nº 141

Dimensões: Comp.: 22 mm Larg.: 18 mm Esp.: 8 mm

Matéria: Cerâmica lisa.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Rugosa de cor castanha escura.

Interna: Rugosa de cor castanha escura.

Fractura cor: Cozedura redutora (negra).

Pasta: Quartzo - feldspática e micácea.

Arestas: Boleadas.

Descrição: Fragmento de parede. Diâmetro difícil de determinar.

C2 base

Nº 142

Dimensões: Comp.: 25 mm Larg.: 21 mm Esp.: 7 mm

Matéria: Cerâmica lisa.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Alisada de cor castanha.

Interna: Alisada de cor castanha.

Fractura cor: Cozedura redutora (negra).

Pasta: Quartzo – feldspática e micácea.

Arestas: Boleadas.

Descrição: Fragmento de parede. Diâmetro difícil de determinar.

Quadrícula 10 (= Q10)

Retirada a C1 e a C2, esta última aqui de menor representatividade e claramente depositada sobre a C2a. Esta C2a similar à C4, é a resultante da abertura de uma grande depressão circular (EF1) e da sua remoção e deposição sobre a C3. Esta depressão corresponde a uma Estrutura de Fogueira ou Combustão 1 (EF1) aberta na C4 com 1,10 metro de diâmetro máximo e profundidade de 10 cm. Dispunha no seu interior seixos de quartzito (alguns fragmentados pela acção do fogo) e granito. Não apresentava um leito homogéneo. Foram recolhidos diminutos carvões, que diferiam do carvão actual pela sua dureza, resistência e brilho. Praticamente a cerâmica recolhida nesta quadrícula difere das demais recolhidas pela sua coloração ou tonalidade enegrecida, indiciando eventual contacto com o fogo e não mera questão de cozedura, apontando assim para a hipótese de fogueira. Não se retirou a C2a, mas verificou-se ao longo da quadrícula de encontro às banquetas Sul, Oeste e Norte a existência de C3. Na abertura da Q12 observou-se a continuidade da C2a depositada sobre a C3.

Espólio:

C2 base

Nº 143

Dimensões: Comp.: 26 mm Larg.: 16 mm Esp.: 3 mm

Matéria: Silex castanho. (Fig. 38)

Descrição: Fragmento de extremidade distal de lâmina de secção transversal triangular.



Fig. 38

C2 base

Nº 143 A

Dimensões: Alt.: 31 mm Larg. base: 25 mm Esp. base: 22 mm

Matéria: Silex castanho.

Descrição: Núcleo “prismático” (?) de “provável bloco” de sílex com córtex primitivo amarelo/ acastanhado. Apresenta vários negativos de levantamentos de lamelas, laminas e lascas. (Fig. 39)

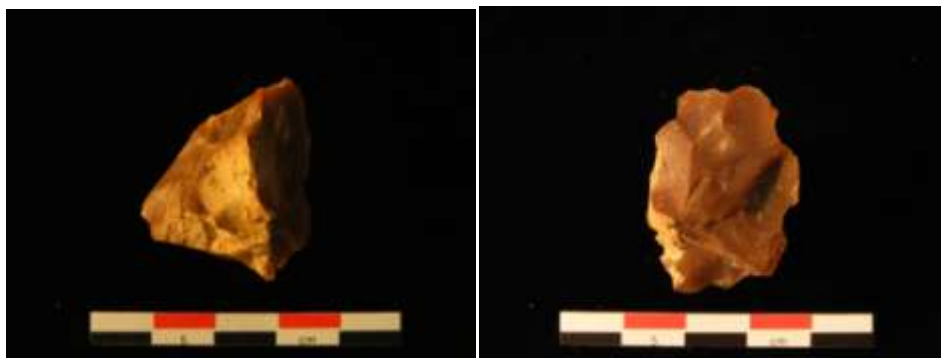


Fig. 39

C2 base

Nº 144

Dimensões: Comp.: 21 mm Larg.: 18 mm Esp.: 8 mm

Matéria: Cerâmica lisa.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Ligeiramente alisada de cor castanha escura enegrecido.

Interna: Ligeiramente alisada de cor castanha escura.

Fractura cor: Cozedura redutora (castanha escura).

Pasta: Quartzo - feldspática.

Arestas: Boleadas.

Descrição: Fragmento de parede. Diâmetro difícil de determinar.

C2 base

Nº 145

Dimensões: Comp.: 26 mm Larg.: 20 mm Esp.: 13 mm

Matéria: Sílex cinzento.

Descrição: Núcleo sobre bloco com vestígios de córtex primitivo cinzento-acastanhado. Apresenta vários negativos de levantamentos de lascas. (Fig. 40)



Fig. 40

C2 base

Nº 146

Dimensões: Comp.: 19 mm Larg.: 16 mm Esp.: 9 mm

Matéria: Cerâmica lisa.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Rugosa de cor castanha escura.

Interna: Rugosa de cor castanha escura.

Fractura cor: Cozedura redutora (castanha escura acinzentada).

Pasta: Quartzo - feldspática.

Arestas: Boleadas.

Descrição: Fragmento de parede. Diâmetro difícil de determinar.

C2 base

Nº 147

Dimensões: Comp.: 40 mm Larg.: 10 mm Esp.: 7 mm

Matéria: Silex castanho.

Descrição: Lamela ou furador informe, obtida de um bloco de sílex, notório pelo córtex primitivo. De secção transversal trapezoidal irregular, apresenta antes da ponta triangular uma secção transversal triangular. (Fig. 41)

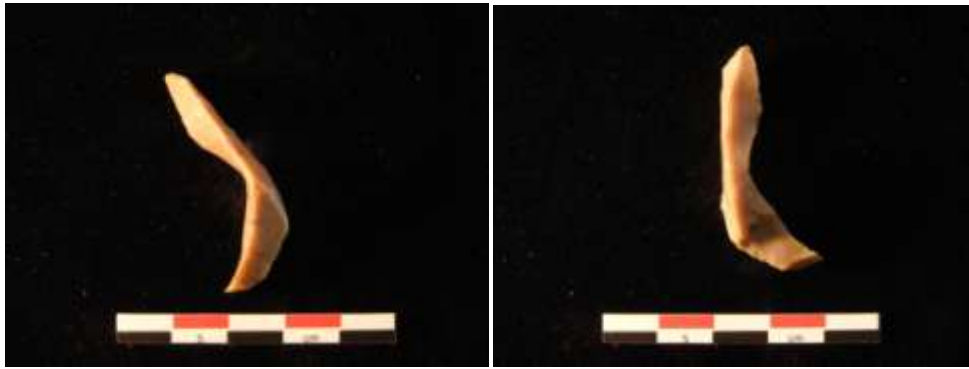


Fig. 41

C2 base

Nº 148

Dimensões: Comp.: 24 mm Larg.: 14 mm Esp.: 9 mm

Matéria: Cerâmica lisa.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Alisada de cor castanha-avermelhada escuro.

Interna: Alisada de cor castanha-avermelhada escuro.

Fractura cor: Cozedura redutora (castanha escura).

Pasta: Quartzo - feldspática.

Arestas: Levemente boleadas.

Descrição: Fragmento de parede. Diâmetro difícil de determinar.

C2 base

Nº 149

Dimensões: Comp.: 18 mm Larg.: 10 mm Esp.: 3 mm

Matéria: Silex castanho.

Descrição: Lasca de contorno triangular.

C2 base

Nº 150

Cota: 239,74

Dimensões: Comp.: 23 mm Larg.: 19 mm Esp.: 8 mm

Matéria: Cerâmica lisa.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Ligeiramente alisada de cor castanha-avermelhada.

Interna: Ligeiramente alisada de cor castanha-avermelhada.

Fractura cor: Cozedura redutora (negra).

Pasta: Quartzo-feldspática.

Arestas: Boleadas.

Descrição: Fragmento de parede. Diâmetro difícil de determinar.

C2 base

Nº 151 A

Dimensões: Comp.: 25 mm Larg.: 10 mm Esp.: 5 mm

Matéria: Quartzo ligeiramente leitoso.

Descrição: Lamela de secção transversal triangular.

C2 base

Nº 151 B

Dimensões: Comp.: 25 mm Larg.: 11 mm Esp.: 6 mm

Matéria: Quartzite branco raiado a cinzento.

Descrição: Lamela de secção transversal triangular.

C2 base

Nº 152

Dimensões: Comp.: 24 mm Larg.: 20 mm Esp.: 5 mm

Matéria: Cerâmica lisa.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Ligeiramente alisada de cor castanha acinzentada.

Interna: Ligeiramente alisada de cor castanha acinzentada.

Fractura cor: Cozedura redutora (negro).

Pasta: Quartzosa.

Arestas: Levemente boleadas.

Descrição: Bordo de “copo” com ligeiro espessamento exterior e lábio fino. Diâmetro exterior de 9 cm. (Fig. 42)

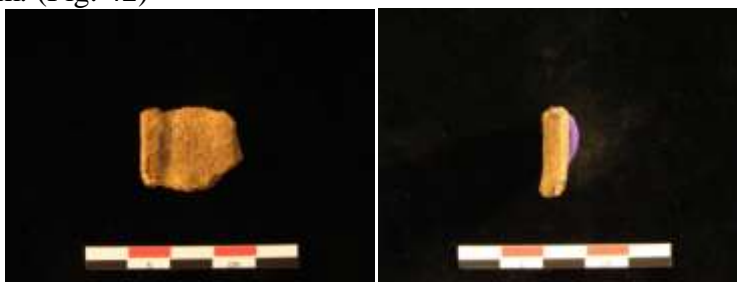


Fig. 42

C2 base

Nº 153

Dimensões: Comp.: 23 mm Larg.: 20 mm Esp.: 8 mm

Matéria: Cerâmicas lisas.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Ligeiramente alisadas de cores castanhas escuras.

Interna: Ligeiramente alisadas de cores castanhas escuras acinzentadas.

Fractura cor: Cozedura redutora (castanhas escura e negras).

Pasta: Quartzo - feldspática.

Arestas: Levemente boleadas e boleadas.

Descrição: Diversos fragmentos de paredes. Diâmetros difíceis de determinar.

C2 base

Nº 154

Dimensões: Comp.: 20 mm Larg.: 15 mm Esp.: 15 mm

Matéria: Rognon de sílex amarelado e interior cinzento esbranquiçado.

Descrição: Rognon apresentando o negativo de dois levantamentos de lascas. (Fig. 43)



Fig. 43

C2 base

Nº 155

Dimensões: Comp.: 33 mm Larg.: 30 mm Esp.: 9 mm

Matéria: Quartzite leitoso.

Descrição: Lasca de contorno triangular.

C2 base

Nº 156

Dimensões: Comp.: 29 mm Larg.: 22 mm Esp.: 8 mm

Matéria: Cerâmica decorada.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Rugosa de cor castanha escura e tons de negro.

Interna: Rugosa de cor castanha escura e tons de negro.

Fractura cor: Cozedura redutora (castanha escura).

Pasta: Quartzo - feldspática.

Arestas: Boleadas.

Descrição: Fragmento de parede, apresentando duas linhas incisadas horizontais paralelas. Diâmetro difícil de determinar.

C2 base

Nº 157

Dimensões: Comp.: 24 mm Larg.: 14 mm Esp.: 9 mm

Matéria: Cerâmica lisa.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Ligeiramente alisada de cor castanha escura e negro.

Interna: Ligeiramente alisada de cor castanha escura e tons de negro.

Fractura cor: Cozedura redutora (castanha escura).

Pasta: Quartzo - feldspática.

Arestas: Levemente boleadas.

Descrição: Fragmento de parede. Diâmetro difícil de determinar.

C2 base

Nº 158

Dimensões: Comp.: 56 mm Larg.: 37 mm Esp.: 9 mm

Matéria: Cerâmica decorada.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Rugosa de cor castanha.

Interna: Alisada de cor castanha.

Fractura cor: Cozedura redutora (negra).

Pasta: Quartzo - feldspática.

Arestas: Levemente boleadas.

Descrição: Fragmento de parede com pega. Decoração a inciso fino, unhas e linha aparentemente incisa mas que poderia ter sido efectuada com unhas contínuas, conferindo à decoração uma linha rugosa, incerta e larga. O seu diâmetro exterior é de 10 cm. (Fig. 44)

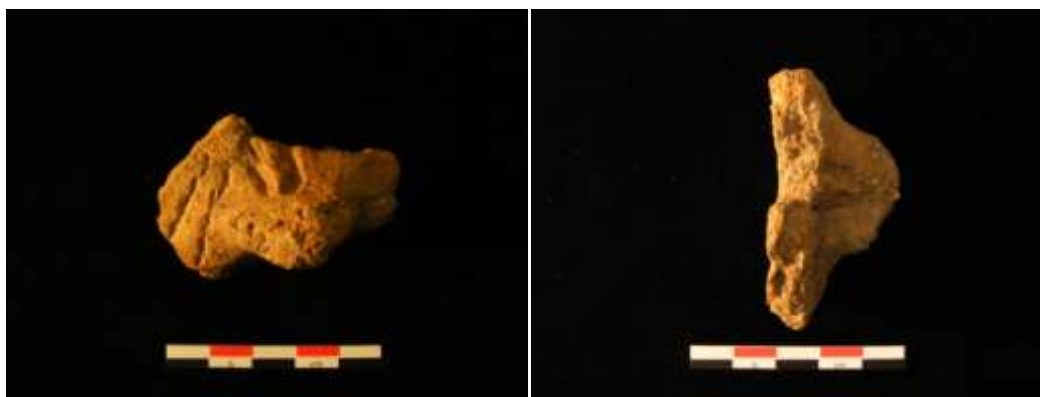


Fig. 44

C2 base

Nº 162

Dimensões: Comp.: 22 mm Larg.: 13 mm Esp.: 4 mm

Matéria: Quartzite castanho.

Descrição: Lasca de contorno e secção transversal triangular.

C2 base

Nº 163

Dimensões: **Comp.:** 52 mm **Larg.:** 48 mm **Esp.:** 33 mm

Matéria: Quartzite leitoso amarelado.

Descrição: Núcleo de contorno aproximadamente circular, observando-se alguns negativos de levantamentos de lascas.

C2 base

Nº 164

Dimensões: **Comp.:** 38 mm **Larg.:** 33 mm **Esp.:** 19 mm

Matéria: Quartzite amarelo esbranquiçado.

Descrição: Lasca resultante de fratura termoclástica.

C2 base

Nº 165

Dimensões: **Comp.:** 27 mm **Larg.:** 27 mm **Esp.:** 13 mm

Matéria: Cerâmica lisa.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Ligeiramente alisada de cor castanha escura enegrecida.

Interna: Ligeiramente alisada de cor castanha escura enegrecida.

Fratura cor: Cozedura redutora irregular (castanha avermelhada).

Pasta: Quartzo – feldspática e micácea.

Arestas: Levemente boleadas.

Descrição: Fragmento de parede. Diâmetro difícil de determinar.

C2 base

Nº 166

Dimensões: **Comp.:** 15 mm **Larg.:** 14 mm **Esp.:** 5 mm

Matéria: Cerâmica lisa.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Alisada de cor castanha escura.

Interna: Alisada de cor castanha escura enegrecido.

Fratura cor: Cozedura redutora (castanha escura e negro).

Pasta: Quartzo – feldspática e micácea.

Arestas: Levemente boleadas.

Descrição: Fragmento de parede. Diâmetro difícil de determinar.

C2 base

Nº 167

Dimensões: Comp.: 25 mm **Larg.:** 18 mm **Esp.:** 11 mm

Matéria: Cerâmica lisa.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Ligeiramente alisada de cor castanha escuro enegrecida.

Interna: Ligeiramente alisada de cor castanha escuro enegrecida.

Fractura cor: Cozedura oxidante (vermelha acastanhada).

Pasta: Quartzo - feldspática.

Arestas: Boleadas.

Descrição: Fragmento de parede. Diâmetro difícil de determinar.

C2 base

Nº 168

Dimensões: Comp.: 31 mm **Larg.:** 24 mm **Esp.:** 11 mm

Matéria: Cerâmica lisa.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Ligeiramente alisada de cor castanha escura e tons de negro.

Interna: Ligeiramente alisada de cor castanha escura e tons de negro.

Fractura cor: Cozedura oxidante (vermelha clara).

Pasta: Quartzo - feldspática.

Arestas: Levemente boleadas.

Descrição: Fragmento de parede. Diâmetro difícil de determinar.

C2 base

Nº 169

Dimensões: Comp.: 12 mm **Larg.:** 10 mm **Esp.:** 3 mm

Matéria: Sílex cinzento.

Descrição: Fragmento de lasca.

C2 base

Nº 170

Dimensões: Comp.: 42 mm **Larg.:** 24 mm **Esp.:** 8 mm

Matéria: Cerâmica lisa.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Ligeiramente alisada de cor castanha escura enegrecido.

Interna: Rugosa de cor castanha escura enegrecido.

Fractura cor: Cozedura redutora (negra).

Pasta: Quartzo - feldspática.

Arestas: Boleadas.

Descrição: Fragmento de parede. Diâmetro difícil de determinar.

C2 base

Nº 171

Dimensões: Comp.: 23 mm Larg.: 20 mm Esp.: 8 mm

Matéria: Cerâmica lisa.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Ligeiramente alisada de cor castanha escura enegrecido.

Interna: Ligeiramente alisada de cor castanha escura enegrecido.

Fractura cor: Cozedura redutora (castanha escura).

Pasta: Quartzo - feldspática.

Arestas: Boleadas.

Descrição: Fragmento de parede. Diâmetro difícil de determinar.

C2 base

Nº 172

Dimensões: Comp.: 33 mm Larg.: 27 mm Esp.: 8 mm

Matéria: Cerâmica lisa.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Ligeiramente alisada de cor castanha escuro enegrecida.

Interna: Levemente rugosa de cor castanha escuro enegrecida.

Fractura cor: Cozedura redutora (castanha escura).

Pasta: Quartzo - feldspática e micácea.

Arestas: Levemente boleadas.

Descrição: Fragmento de parede. Diâmetro difícil de determinar.

C2 base

Nº 173

Dimensões: Comp.: 40 mm Larg.: 24 mm Esp.: 12 mm

Matéria: Cerâmica lisa.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Ligeiramente alisada de cor castanha-avermelhada.

Interna: Ligeiramente alisada de cor castanha-avermelhada.

Fractura cor: Cozedura redutora (castanha escura).

Pasta: Quartzosa.

Arestas: Levemente boleadas.

Descrição: Fragmento de parede. Diâmetro difícil de determinar.

C2 base

Nº 174

Dimensões: Comp.: 20 mm Larg.: 20 mm Esp.: 8 mm

Matéria: Cerâmica decorada.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Ligeiramente alisada de cor castanha clara.

Interna: Rugosa de cor castanha clara.

Fractura cor: Cozedura redutora (castanha - avermelhado escura).

Pasta: Quartzo – feldspáticos finos.

Arestas: Levemente boleadas.

Descrição: Bordo de taça hemisférica com decoração no lábio denteada, efectuada por objecto duro. Parede exterior com duas caneluras abaixo do bordo. Diâmetro exterior de 14 cm.

CRONOLOGIA RELATIVA: Este tipo de decoração ocorre em contextos do Neolítico final do povoado de Leceia, (Oeiras), (CARDOSO, 1994). (Fig. 45)

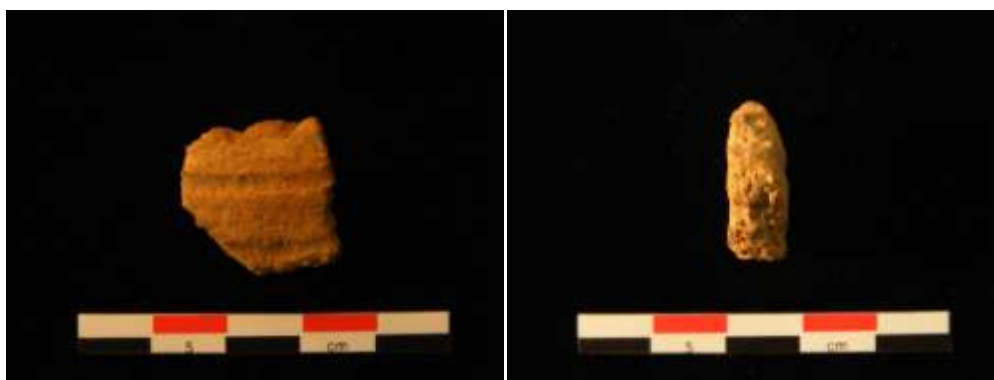


Fig. 45

C3 topo

Nº 159

Cota: 239,66

Dimensões: Comp.: 31 mm Larg.: 26 mm Esp.: 10 mm

Matéria: Cerâmica lisa.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Ligeiramente alisada de cor castanha-avermelhada.

Interna: Ligeiramente alisada de cor castanha-avermelhada.

Fractura cor: Cozedura redutora (negra).

Pasta: Quartzo - feldspática e micácea.

Arestas: Boleadas.

Descrição: Fragmento de parede. Diâmetro difícil de determinar.

C3 topo

Nº 160

Dimensões: Comp.: 23 mm Larg.: 20 mm Esp.: 8 mm

Matéria: Cerâmica lisa.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Ligeiramente alisada de cor castanha escura e tons de negro.

Interna: Ligeiramente alisada de cor castanha escura e tons de negro.

Fractura cor: Cozedura redutora (castanha escura).

Pasta: Quartzosa.

Arestas: Levemente boleadas.

Descrição: Fragmento de parede. Diâmetro difícil de determinar.

C3 topo

Nº 161

Dimensões: Comp.: 16 mm Larg.: 16 mm Esp.: 7 mm

Matéria: Cerâmica lisa.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Alisada de cor castanha escura enegrecido.

Interna: Alisada de cor castanha escura enegrecido.

Fractura cor: Cozedura redutora (negra).

Pasta: Quartzo – feldspática e micácea.

Arestas: Levemente boleadas.

Descrição: Fragmento de parede. Diâmetro difícil de determinar.

Quadrícula 11 (= Q11)

Não foi intervencionada.

Quadrícula 12 (= Q12)

Retirada a C1 e a C2, apareceu a Oeste restos de uma C2a resultante da abertura da EF1 na Q 10 e depositada sobre a C3. Retirada a C3 surgiu o piso C4. Não apresentou qualquer estrutura notória, excepto um provável vestígio de EBP3 (?) e ligeira depressão indefinida que liga à abertura da cabana na Q 13, como que indiciando, hipoteticamente um ligeiro corredor virado a Norte ou, uma estrutura tipo para-vento. É provável que este EBP 3 (?) esteja então em consonância a Sul com a EBP 17 (?) da Q22, junto da entrada da cabana. A ausência escavação das quadrículas a Sul não permite retirar ilações seguras.

Espólio:

Ausência de espólio.

Quadrícula 13 (= Q13)

Retirada a C1 e a C2, ocorreram várias estruturas abertas na C4. A C3 era fina e de fraca expressão não cobrindo os EBP ou a estrutura de cabana (EC1), nesta ou em qualquer outra quadrícula desta área Norte.

A cabana é de contorno oval alongada com medidas máximas exteriores de 7, 80 metros de comprimento por 5, 30 de largura. O interior dispõe de 6,20 de comprimento máximo por 3,60 metros de largura máxima. Esta abrange as Q 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21 e 22. Esta EC1 é bem definida pela sua abertura na C4 até à C5, detendo uma profundidade observável, nalgumas áreas de 25 a 26 cm (abertas até ao topo da C5 de argila clara e seixos miúdos) e com uma largura de cabouco de 70 a 80 cm. A sua delimitação é notória face não só ao seu cabouco aberto na C4 como pela quantidade de seixos de quartzito e terra mais fina do seu interior.

Apresenta a Oeste virado para a Q12 e 10, uma abertura de cerca de 80 cm indiciando a existência de uma entrada. Ao centro desta abertura e no interior da cabana o EBP 4 circular com 40 cm de diâmetro exterior. A escavação do interior do EBP 4 veio a revelar um buraco de poste definido pela sua terra central fofa alaranjada (da C4), em relação à da envoltória da C4 mais rija, sem remeximento e com seixos a delimitá-la. Dispunha de um diâmetro central de 25 cm e uma profundidade de 28 cm aberta até à C5. Do seu interior, a 12 cm de profundidade e de encontro à parede Oeste provem um nódulo de cerâmica de revestimento nº 190 e à mesma profundidade e de encontro à parede Este a lasca residual de quartzite nº 191. Estes EBP são definidos não só pelo seu contorno e por serem escavados na C4 como pela sua depressão e conteúdo interior e lateral de seixos que claramente os definem. No cabouco Norte da cabana atingiu-se a C5 a 24 cm de profundidade.

Nesta quadrícula e no seu interior observam-se parte dos EBP 5, 6, 7, e 8 ao longo dos cortes Norte e Este. A Sul, fora da cabana, restos do EBP 17 (?), eventualmente relacionável com o EBP 3 (?) da Q12 de que se observa o ligeiro cabouco que vem ligar à entrada da cabana.

Entre o EBP 4 e o EBP 5 situa-se um silo (S1) perfeitamente delimitado pelos seixos de quartzito como ainda pelas lajes de cobertura de granito levemente inclinadas para o

interior na sua zona central. Este silo de 70 cm de diâmetro dispunha de encontro às lajes de cobertura de granito uma espécie de murete ovalado de contenção em seixos de quartzito. A abertura deste silo 1 veio a revelar um covacho aberto na C4 de contorno hemisférico, lembrando uma taça de cerâmica. Dispõe de 29 cm de profundidade, abaixo das tampas de granito e de um diâmetro máximo no seu topo de 35 cm. O seu interior dispunha de terra alaranjada fofa (C4) com alguns seixos e partículas finíssimas de carvão rijo com ligeiro brilho, similar a outras partículas do interior da cabana. Esta escassa existência de carvão não nos parece apontar para a probabilidade de ter existido alguma fogueira no interior da cabana ou de que este silo 1 tivesse tido no seu interior alguma estrutura de combustão. A recolha de um apreciável fragmento de carvão no topo da C4 entre o silo 1 e a parede Sul desta quadrícula, à cota de 239,67, assim como de dois outros mais reduzidos, não nos parecem abonar para a existência de qualquer fogueira, dada a inexistência de qualquer estrutura de combustão.

Leitura do Silo 1

A selagem do silo aponta para duas situações que nos parecem claras:

- 1 – Ou o silo continha cereais directamente nele depositados em contacto com o solo e foram retirados sendo o seu interior cheio com terra da C4 e as tampas colocadas;
- 2 – Ou o seu interior continha um recipiente cerâmico que foi retirado e o interior cheio de terra e colocada as tampas.

Finalidade

Em qualquer dos casos estamos perante um contexto que se nos afigura também ele claramente ritual ou simbólico em similitude ao do alvéolo do menir. Neste caso colocou-se terra parcialmente similar à C4, e de seguida as tampas, sendo a cobertura travada com seixos.

- 1 – Se tivesse existido intolerância religiosa ou destruição do local, não teria existido cuidado em encher o interior de terra ou retirar objecto eventualmente existente e colocar as tampas de seguida;
- 2 – O abandono à pressa também não é plausível;

- 3 – Se a sua inutilização era para ser temporária, também não é de todo plausível;
- 4 – Um silo daquela dimensão e tipo de estrutura se faria em reduzido e curto espaço de tempo, para não dizer momentâneo;
- 5 – Mesmo que não se tratasse de um silo, face à sua localização o facto é que independentemente da sua função o carácter ritual e simbólico se mantém;
- 6 – Tudo aponta para que, quer no silo quer no alvéolo do menir haja um mesmo princípio, um acto nitidamente ritual e simbólico efectuado aquando do abandono voluntário do local.

Espólio:

C2 base

Nº 184

Dimensões: Comp.: 21 mm **Larg.:** 21 mm **Esp.:** 10 mm

Matéria: Cerâmica decorada.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Ligeiramente alisada de cor castanha.

Interna: Ligeiramente alisada de cor castanha.

Fractura cor: Cozedura redutora (negra).

Pasta: Quartzo – feldspática e micácea.

Arestas: Levemente boleadas.

Descrição: Fragmento de parede decorada no exterior com duas linhas paralelas de quatro motivos triangulares cada impressos. Diâmetro externo de 10 cm.

CRONOLOGIA RELATIVA: Este tipo de decoração ocorre em contextos do Neolítico final e Calcolítico inicial do povoado de Leceia (Oeiras), (CARDOSO, 1994) (Fig. 46)

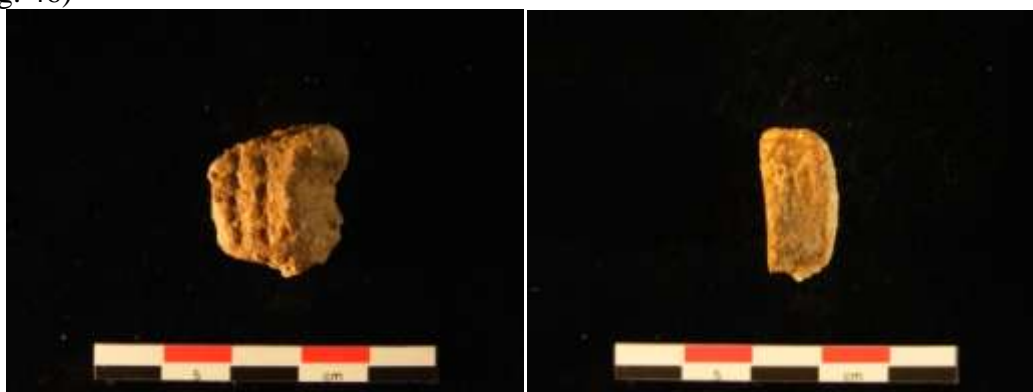


Fig. 46

C2 base

Nº 185

Dimensões: Comp.: 12 mm **Larg.:** 10 mm **Esp.:** 4 mm

Matéria: Quartzite castanho.

Descrição: Fragmento de lasca.

C4

Nº 186

Dimensões: Comp.: 62 mm **Larg.:** 46 mm **Esp.:** 3 mm

Matéria: Xisto anfibólico.

Descrição: Fragmento de instrumento com vestígios de polimento. (Fig. 47)



Fig. 47

C4

Nº 187

Dimensões: Comp.: 37 mm **Larg.:** 17 mm **Esp.:** 7 mm

Matéria: Sílex castanho escuro.

Descrição: Projecto de ponta de seta lanceolada de base convexa. Parte superior com diverso lascamento irregular. Parte inferior resultante da separação do núcleo com ponto e bolbo de percussão.

CRONOLOGIA RELATIVA: Pontas de seta similares ocorrem em contextos do Calcolítico inicial do povoado de Leceia (Oeiras), (CARDOSO, 1994) e na Pedra Encavalada (Fig. 48)



Fig. 48

EBP 4 int.**Nº 190****Dimensões: Comp.:** 10 mm **Larg.:** 8 mm **Esp.:** 10 mm**Matéria:** Cerâmica lisa.**Descrição:** Fragmento de nódulo de cerâmica de pavimento ou revestimento com fractura vermelha e exterior negro.**EBP 4 int.****Nº 191****Cota:** 239,63**Dimensões: Comp.:** 9 mm **Larg.:** 6 mm **Esp.:** 2 mm**Matéria:** Quartzite.**Descrição:** Lasca simples com diversos negativos de levantamentos de lascas e com córtex primitivo.***Quadrícula 14 (= Q14)***

Retirada a C1 e C2 apareceu na continuação da Q13 e 17 a EC1 aberta na C4 a EC1 a fazer arqueamento para a Q19. A C3 continua finíssima e assente na C4. No topo superior direito, fora da cabana o EBP 10 e a Sul no interior o EBP 9 em concordância com o anterior. São buracos abertos na C4 sendo o EBP 9 circular com 45 cm de diâmetro e o EBP 10 circular mas ligeiramente irregular com 65 cm de diâmetro visível, dado que a parte restante se encontra para o interior das banquetas Oeste e Norte. Rebaixou-se no interior da EC1 uma pequena área de 25X25 cm de sondagem de verificação, tendo-se constatado que esta EC1 atingiu o topo da C5 aos 23 cm de profundidade, tendo ainda ocorrido aos 12 cm de profundidade fragmentos de nódulos de cerâmica de revestimento ou pavimento. A cabana a Norte efectua uma curvatura para a Q19, limitando perfeitamente o seu interior. Enquanto o cabouco da cabana a Oeste varia de 40 a 55 cm de largura, para Nor-Nordeste para a Q19 dispõe de uma largura de 80 cm. A dificuldade de delimitação e definição exterior do cabouco da cabana na área Norte e Este é devido ao facto da estrutura aparentemente ainda se alargar para debaixo da banqueta Norte (área não escavada). Mas esta largura de 80 cm é a existente na Q19 a Este, embora ali se observe duas estruturas anexas. É bem possível que esta largura de cabouco seja a resultante da existência de alguma estrutura anexa a Norte tal como as existentes na Q1

Espólio:

C2 base

Nº 189

Dimensões: Comp.: 42 mm Larg.: 15 mm Esp.: 9 mm

Matéria: Cerâmica decorada.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Rugosa de cor castanha.

Interna: Ligeiramente alisada de cor castanha.

Fractura cor: Cozedura redutora (negra).

Pasta: Quartzo – feldspática.

Arestas: Levemente boleadas.

Descrição: Fragmento de bordo (nº 179 A) e parede carenada decorada no exterior da carena para o lábio por caneluras finas obliquas de larguras variadas e incertas. Diâmetro difícil de determinar.

CRONOLOGIA RELATIVA: Este tipo de carena e decoração ocorre em contextos do Neolítico final e Calcolítico inicial do povoado de Leceia (Oeiras), (CARDOSO, 1994) (Fig. 49)



Fig. 49

C2 base

Nº 178

Dimensões: Comp.: 33 mm Larg.: 30 mm Esp.: 8 mm

Matéria: Cerâmica decorada.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Alisada de cor castanha clara.

Interna: Ligeiramente rugosa de cor cinzenta.

Fractura cor: Cozedura redutora (negra).

Pasta: Quartzo – feldspática e micácea fina.

Arestas: Levemente boleadas.

Descrição: Fragmento de bordo de taça hemisférica com lábio recto ligeiramente inclinado para o exterior com decoração abaixo do bordo de quatro motivos puncionados paralelos verticais e um vestígal. Abaixo destes na horizontal dois motivos inteiros e um vestígal tipo “folha de acácia”. Entre os dois motivos anteriores três linhas puncionadas horizontais alternadas.

CRONOLOGIA RELATIVA: Este tipo de decoração “folha de acácia” ocorre em contextos do Calcolítico Pleno do povoado de Leceia, (Oeiras), (CARDOSO, 1994). (Fig. 50)

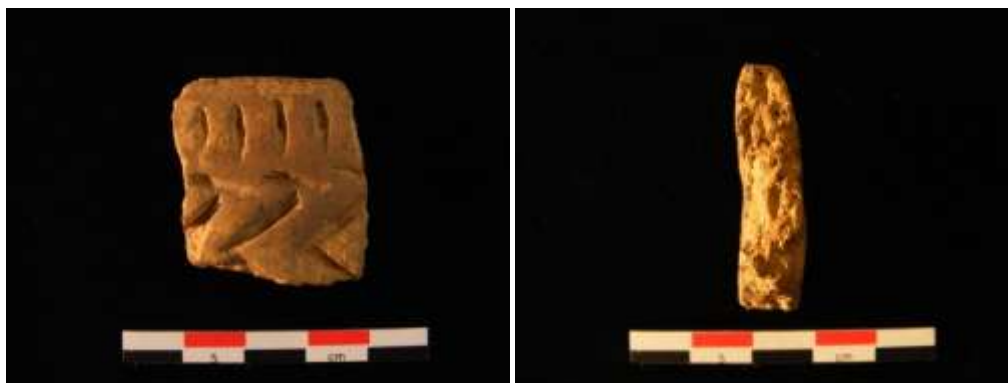


Fig. 50

EBP 10 int.

Nº 179 A

Dimensões: Comp.: 28 mm Larg.: 28 mm Esp.: 9 mm

Matéria: Cerâmica decorada.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Rugosa de cor castanha.

Interna: Ligeiramente alisada de cor castanha.

Fractura cor: Cozedura redutora (negra).

Pasta: Quartzo – feldspática.

Arestas: Levemente boleadas.

Descrição: Fragmento de bordo pertencente à taça carenada decorada (nº 189) apresentando caneluras finas obliquas de larguras variadas e incertas. Diâmetro difícil de determinar.

CRONOLOGIA RELATIVA: Este tipo de taça carenada e decoração ocorre em contextos do Neolítico final e Calcolítico inicial de Leceia (CARDOSO, 1994).

EBP 10 int.

Nº 179 B

Dimensões: Comp.: 26 mm Larg.: 25 mm Esp.: 11 mm

Matéria: Cerâmica decorada.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Alisada de cor castanho claro.

Interna: Rugosa de cor castanho claro.

Fratura cor: Cozedura redutora (castanho escuro).

Pasta: Quartzo – feldspática e micácea.

Arestas: Boleadas.

Descrição: Fragmento de parede decorada no exterior por quatro traços incisos paralelos horizontais. Diâmetro exterior de 30 cm.

CRONOLOGIA RELATIVA: Este tipo de decoração ocorre em contextos do Calcolítico inicial de Leceia (CARDOSO, 1994). (Fig. 51)

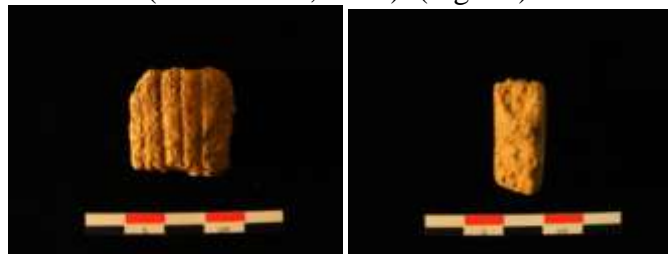


Fig. 51

EBP 10 int.

Nº 179 C

Dimensões: Comp.: 22 mm Larg.: 20 mm Esp.: 10 mm

Matéria: Cerâmica decorada.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Alisada de cor castanho claro.

Interna: Alisada de cor castanho claro.

Fratura cor: Cozedura redutora (cinzenta).

Pasta: Quartzo – feldspática.

Arestas: Levemente boleadas.

Descrição: Fragmento de parede decorada no exterior por uma canelura horizontal e abaixo destas três motivos puncionados incaracterísticos. Diâmetro difícil de determinar.

CRONOLOGIA RELATIVA: Este tipo de decoração ocorre em contextos do Calcolítico inicial do povoado de Leceia (Oeiras), (CARDOSO, 1994) (Fig. 52)

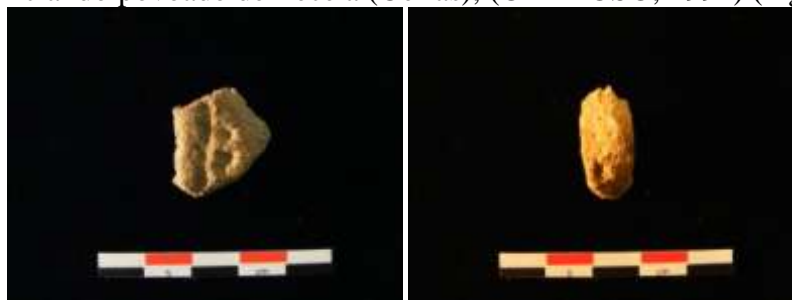


Fig. 52

Quadrícula 15 (= Q15)

Retirada a C1 e C2 era já observável no topo da C3 alguns EBP abertos na C4. Oriundo da Q13 continuavam para esta quadrícula o EBP 5, 6 e 7, embora o 6 se encontre totalmente definido na Q21. Nesta quadrícula ainda ocorreu dois outros EBP. A Norte o EBP 11 que continua para a Q23 não escavada e a Sudeste totalmente inserida na Q 15 o EBP 12. Tal como os anteriores EBP, estes são definidos claramente não só pelo seu contorno, como pela presença de seixos de quartzito e granito a delimitá-los ou no seu interior. O EBP 7 inserido particularmente na Q13 e Q15 estava bem definido e contendo no interior um médio seixo de quartzito. Para Este deste EBP 7 e junto dele está o EBP 11 que estava claramente definido como os demais. Este EBP 11 embora esteja metido na Q 23 não escavada apresenta um contorno circular de 70 cm de diâmetro (E-W). O EBP 5 que ganha aqui toda a expressividade é de contorno oval alongado direccionado de NO-SE definindo um contorno circular de 45 cm. É perfeitamente delimitado no seu contorno e interior por seixos de quartzito e granito. A SE apresenta na periferia uma indefinição de cerca de 15 a 25 cm constituído por alguns seixos de quartzito e granito, que podem corresponder a um arrastamento ou deslizamento da área propriamente do EBP. Optou-se por escavar o interior deste EBP 5. Tal como o EBP 4, este revelou uma C4 interior fofa, contrastando com as paredes laterais compactas e duras com alguns seixos de quartzito da C4. O buraco de poste foi definido na sua área central como uma abertura ovóide de 33 cm N-S e 25 cm W-E de diâmetro. Apresentou uma profundidade de 25 cm atingindo o topo da C5 argilosa esbranquiçada com seixos miúdos. O seu interior não revelou espólio ou carvões. Embora sem a abertura da Q23 é bem provável que os EBP 7 e 11 possam ter sido as traves centrais de suporte não só do tecto da cabana como até de toda ela. A concordância que se verificou entre EBP exteriores e interiores indicativos certamente de travamento das paredes laterais, não pode ser indicativo absoluto de que a cabana sempre os teria tido, mas poderia ser apenas a resultante do travamento inicial da construção desta, até à implantação dos postes interiores seguido de travamento em todo o seu contorno. Tendo em atenção eventualmente este pormenor construtivo não pode ser posta de lado a hipótese de que os EBP 3 e EBP 17 possam não definir um ligeiro corredor, mas sim dois postes exteriores à cabana e que serviram para travar a entrada antes do seu travamento total interior.

Espólio:

Sem espólio.

Quadrícula 16 (= Q16)

Retirada a C1 e C2 era notório a C3 fina e a continuação da estrutura de cabana aberta na C4. Variando a largura do cabouco de 90 cm a Norte e de 1,20 a Sul, local onde se inicia a curvatura para a Q21 e 22. A Sul desta Q16 a EC1 não está definida dado que se não escavou essa quadrícula. É notório a Oeste no interior da cabana e praticamente desde Norte até Sul e inserido na Q21, uma área disforme e de largura variável com seixos de quartzite. O resultado deste tipo de anomalia não é claro, embora possa ser a resultante da abertura do cabouco da cabana, ou consequência de destruição posterior ao abandono do local. A Este, na parte exterior da cabana observa-se, em todo ele, depositado sobre a C3 uma dispersão de seixos de quartzite de forma anómala indiciando derrube originário em parte da EI2 mas grandemente da Estrutura da cabana. Este mesmo facto é observável a Norte na Q20 e a Sul nas Q21 e 22. Embora se não tivesse efectuado o levantamento integral deste derrube observa-se alguma irregularidade no piso C4.

Espólio:

Da C2 interior sobre a cabana sem coordenação e proveniente do crivo regista-se:

Bordo cerâmica lisa de taça esférica e lábio fino, de cor castanho avermelhado, paredes rugosas e pasta quartzo – feldspática e cozedura redutora; lascas de quartzite e quartzo leitoso; cherts de sílex cinzento – esbranquiçado e branco; fragmentos de lâmina de sílex de secção transversal trapezoidal.

Quadrícula 17 (= Q17)

Retirada a C1 e C2 observa-se de imediato a continuação da cabana originária de Sul da Q13. A C3 deposta sobre o piso direito da C4 continua a ser de fraca expressão embora homogéneo. No interior da cabana a Sudeste observa-se praticamente todo o EBP 8 restando uma pequena parte na Q13 e uma pequena orla do EBP 7, que tem maior expressão na Q13 e 15. Entre estes dois EBP uma área de pequeno revolvimento, com

cerca de 20 cm de largura a envolver mais a EBP 7. A Noroeste na área exterior da cabana existe um outro EBP 13 que a Norte se insere em área não escavada, a Oeste é definida por uma área circular e a Este toca com a cabana. A EBP 13 com cerca de 50 cm de diâmetro é definida, como os demais EBP, pela sua forma, delimitação e conteúdo interior de seixos de quartzito. A EC1 dispõe de uma largura de cerca de 80 cm. Tanto a área exterior como a interior da cabana apresenta um piso de C4 direito com praticamente ausência de seixos de quartzite.

Espólio:

Ausência de espólio.

Quadrícula 18 (= Q18)

Optou-se por escavar apenas a metade Este desta quadrícula, por questão de prioridades e de tempo. Retirada a C1 e 2 ocorreu a fina C3 e o EBP 14 de contorno circular com apenas 8 cm de profundidade. A sua proximidade com os EBP 1 e 2 das Q8 e Q9 pode indicar a existência de outra estrutura, por agora indefinida.

Espólio:

Ausência de espólio.

Quadrícula 19 (= Q19)

Retirada a C1 e C2 a C3 finíssima era notória apenas a Sudoeste da quadrícula, a qual correspondia ao interior Norte da cabana. A EC1, escavada na C4, atinge aqui o seu maior comprimento a Norte e é notória não só pela sua curvatura e interior de seixos de quartzite, mas também pela sua delimitação a Oeste e metade Sul. Se na metade Sul da quadrícula a EC1 se apresenta notoriamente definida, a Norte tal não acontece, advindo já esta indefinição desde o canto Nordeste da Q14, embora essa indefinição possa não guardar relação com a Estrutura Indeterminada 1 (EI1).

Praticamente a área Nor-Nordeste exterior da cabana e de contacto com a parede exterior desta, é ocupado por uma estrutura EI1 de contorno circular com 80 cm de

espessura de parede a Este e uma depressão central circular com 70 cm de diâmetro. Se a EI1 é notoriamente definida pela quantidade de seixos de quartzite e granito, já o seu centro apresenta essa ausência. A separação entre esta EI1 e o cabouco da cabana a Sudoeste não é nítida. A EI1 a Sul, com 50 cm de espessura, parece ter sido cortada pelo cabouco da cabana. Não é nítida qualquer separação entre a EI1 e a EC1. Eventualmente a EI1 já poderia existir aquando da construção da EC1. A diminuição da espessura do murete da EI1 a Sul, 50 cm, em relação a 80 cm de Este pode indiciar o corte pela EC1, caso o murete fosse uniforme. Só o alargamento para Norte e Este assim como a escavação dos EI1 e 2 poderão fornecer mais dados. A Sudeste da EI1 ocorre uma outra similar a EI2. Esta tal como a anterior estendem-se para a área não escavada. Tal como a anterior é definida pelo seu arqueamento e murete de seixos de quartzite e granito no interior. Dispõe de uma largura de 50 cm e de uma área central com cerca de 40 cm de diâmetro. É nítida a sua separação a Norte em relação à EC, de 10 cm, como a Oeste em relação à EC1 a qual não chega a tocar no cabouco, distando desta 2 cm. Apesar de esta EI2 continuar para Sul para a Q20 o facto é que a sua quase totalidade se encontra na área não escavada a Este, assim como também parte da EI1. Tendo por base a EI2 pela quantidade de granito ainda no seu topo do murete em relação à C4 da Q16, é bem provável que estejamos perante duas estruturas ligeiramente aéreas, cujos muretes eram revestidos a pequenas placas de granito. Não pode ser posta de parte a hipótese de estarmos perante a existência de dois silos, embora aqui se não tivesse constatado lajes de cobertura.

Espólio:

C2 base

Nº 181

Dimensões: Comp.: 49 mm **Larg.:** 47 mm **Esp.:** 8 mm

Matéria: Cerâmica lisa.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Alisada de cor castanha escuro avermelhado.

Interna: Rugosa de cor castanho-escuro e claro – avermelhada.

Fractura cor: Cozedura redutora (negra).

Pasta: Quartzo – micácea.

Arestas: Levemente boleadas.

Descrição: Fragmento de parede. Diâmetro difícil de determinar.

C4 topo

Nº 180

Dimensões: Comp.: 61 mm Larg.: 57 mm Esp.: 8 mm

Matéria: Cerâmica lisa.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Alisada de cor castanha escuro avermelhada.

Interna: Rugosa de cor castanho-escuro e claro - avermelhada.

Fractura cor: Cozedura redutora (negra).

Pasta: Quartzo – micácea.

Arestas: Levemente boleadas.

Descrição: Fragmento parede similar ao anterior. Diâmetro difícil de determinar.

C2 base

Nº 182 A

Dimensões: Comp.: 27 mm Larg.: 15 mm Esp.: 7 mm

Matéria: Cerâmica lisa.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Ligeiramente alisada de cor castanho-escuro e tons de negro.

Interna: Ligeiramente alisada de cor castanha.

Fractura cor: Cozedura redutora (negra).

Pasta: Quartzo – feldspática e micácea.

Arestas: Boleadas.

Descrição: Fragmento de bordo de taça hemisférica de lábio arredondado. Diâmetro de 14 cm exterior.

C2 base

Nº 182 B

Dimensões: Comp.: 14 mm Larg.: 12 mm Esp.: 3 mm

Matéria: Silex castanho.

Descrição: Fragmento de lâmina de secção transversal triangular. (Fig. 53)



Fig. 53

C2 base
Nº 182 C

Dimensões: Comp.: 35 mm Larg.: 18 mm Esp.: 5 mm

Matéria: Sílex branco.

Descrição: Fragmento distal de lâmina de secção transversal trapezoidal com ponta arredondada a retoques finos. (Fig. 54)



Fig. 54

Quadrícula 20 (= Q20)

Removida a C1 e C2 a C3 finíssima era notória no interior da cabana a Sudeste da quadrícula e fora desta na metade Sul, dado a Norte se observar ainda parte da EI2, originária da Q19.

Esta Q20 apresenta na área central a continuação da EC1, que atinge uma largura de 90 cm e é claramente definida no seu contorno por se encontrar escavada na C4 e pela presença no seu interior de seixos de quartzite (como aliás em toda ela nas diversas quadrículas).

A Noroeste apresenta, e ligada à EC1, embora disforme, o EBP 15 com 80 cm de diâmetro, definida pela sua depressão e seixos de quartzite no seu interior. A ausência de escavação na Q23, não permite a sua integral delimitação. Fora da cabana a Este observa-se uma área de derrube que a Norte, pela sua ligeira concentração, pode ainda ser originária do derrube do murete da EI2, mas a Sul esta é resultante do derrube da EC1. Embora se não tivesse retirado este derrube a Sul observou-se em algumas partes a C3 fina e a C4 irregular. No interior da EC1 o seu piso é praticamente regular de encontro à Q23 não escavada.

Espólio:

C2 base

Nº 175

Dimensões: Comp.: 38 mm Larg.: 37 mm Esp.: 5 mm

Matéria: Cerâmica decorada.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Ligeiramente alisada de cor castanha clara.

Interna: Ligeiramente alisada de cor acinzentada.

Fratura cor: Cozedura redutora (negra).

Pasta: Quartzo – micácea fina.

Arestas: Boleadas.

Descrição: Fragmento de parede com ligeira decoração incisa no exterior, com duas linhas exteriores que quase se tocam a formar um bico (dente de lobo?). Entre ambas três linhas paralelas Diâmetro difícil de determinar.

CRONOLOGIA RELATIVA: O tipo de decoração incisa ocorre em contextos do Calcolítico inicial e pleno do povoado de Leceia (Oeiras), (CARDOSO, 1994) (Fig. 55)

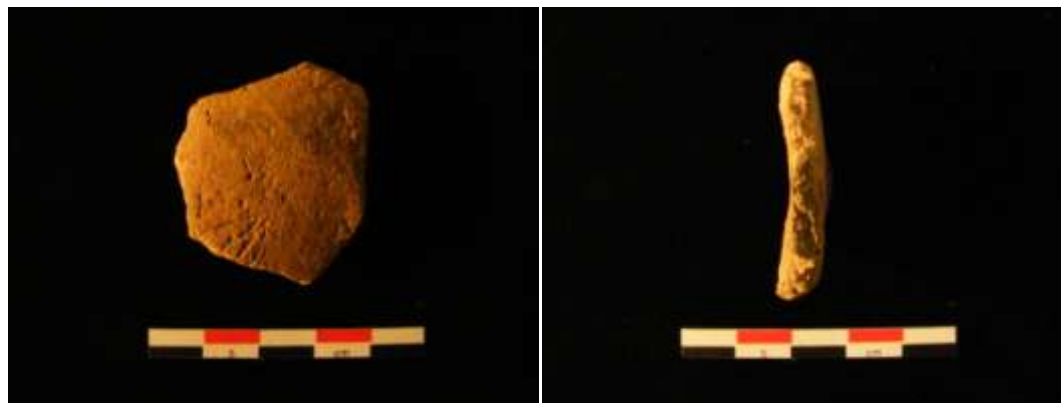


Fig. 55

C2 base

Nº 176

Dimensões: Comp.: 35 mm Larg.: 18 mm Esp.: 5 mm

Matéria: Silex castanho-escuro.

Descrição: Fragmento de lasca, fracturada na ponta, de contorno triangular. (Fig. 56)



Fig. 56

C4 topo**Nº 177****Dimensões: Comp.:** 47 mm **Larg.:** 30 mm **Esp.:** 8 mm**Matéria:** Cerâmica lisa.**Tratamento das superfícies e cor:****Externa:** Alisada de cor castanha escuro avermelhado.**Interna:** Rugosa de cor castanho-escuro e claro – avermelhada.**Fractura cor:** Cozedura redutora (negra).**Pasta:** Quartzo – micácea.**Arestas:** Levemente boleadas.**Descrição:** Fragmento de parede similar ao nº 181. Diâmetro difícil de determinar.***Quadrícula 21 (= Q21)***

Removida a C1 e C2 a C3 finíssima e C4 eram notórias no interior da cabana e fora desta nas áreas em que se removeu parte do derrube da EC1. Nesta quadrícula a estrutura de cabana dispõe de uma largura de cabouco na periferia de 70 cm e de 1,00 metro na área central. Aqui a EC1 faz o arqueamento a Sul originária já da Q16 e continuando na Q22 até à sua entrada na Q13. No interior da cabana, a Nordeste da quadrícula, observa-se a finalização da irregularidade provinda já da Q16, não interferindo na delimitação no contorno do cabouco da cabana, como aliás acontece na Q16. A Noroeste e no interior da cabana existe o EBP 6 que está implantada nas Q13, 15 e 22, mas que aqui encontra a sua maior expressão. Este EBP 6 é sensivelmente circular com cerca de 70 cm de diâmetro externo e a sua escavação interior permitiu individualizar a zona de implantação do poste, descentrado em relação à estrutura, com cerca de 25 cm de diâmetro por 23 cm de profundidade, aberto até ao início da C5. O seu interior dispunha de terra alaranjada homogénea fofa, com alguns pequenos seixos de quartzite. Ainda no seu interior ocorreu um fino nódulo de carvão. A Sudoeste da quadrícula e na parte de fora da cabana, observa-se uma outra EBP 16. Aparentemente de forma circular (dado se encontrar para Sul em área não escavada), dispõe de 55 cm de diâmetro, sendo definida de igual modo como os demais pela sua depressão e periferia e interior com seixos de quartzite. Entre a parte Sul exterior da cabana e a área não escavada, observa-se um ligeiro derrube proveniente da EC1. Esta área a C3 era fina e o piso de C4 é irregular.

Espólio:

EBP 6 Int.

Nº 192

Dimensões: Comp.: 20 mm Larg.: 15 mm Esp.: 7 mm

Matéria: Cerâmica lisa.

Tratamento das superfícies e cor:

Externa: Levemente alisada de cor castanha clara.

Interna: Rugosa de cor castanha clara.

Fractura cor: Cozedura redutora (castanho escuro acinzentado).

Pasta: Quartzo – micácea.

Arestas: Levemente boleadas.

Descrição: Fragmento de parede. Diâmetro difícil de determinar.

EBP 6 int.

Nº 193

Dimensões: Comp.: 40 mm Larg.: 25 mm Esp.: 9 mm

Matéria: Quartzite castanho claro.

Descrição: Lasca simples.

Quadrícula 22 (= Q22)

Removida a C1 e C2 ocorreu a Nordeste no interior da cabana a C3 finíssima e debaixo desta a C4 do piso. Nesta área ainda se observa o ligeiro arco da EBP 6 que tem maior representatividade na Q15 e 21. Aqui a estrutura da cabana (EC1) dispõe de uma largura de cabouco variável de 60 a 70 cm e continua o arqueamento já originário da Q21 até à Q13, onde é interrompido pela “porta”. A Noroeste observa-se o que poderá ser a EBP 17 e que poderá estar em consonância ou não com o EBP 3 da Q12. A ausência de escavação na quadrícula a Oeste não permite uma leitura definitiva sobre a possibilidade da existência ou não dessa relação assim como da possibilidade de ter existido à entrada da cabana um pequeno corredor de acesso ou de resguardo. A Sudeste observa-se parte do EBP 16, já que o restante se encontra metido em área não escavada. Perto deste uma ligeira concentração de seixos de quartzite não permite qualquer leitura. Toda esta área Sul exterior da cabana apresenta um enorme derrube de seixos de quartzito e granito relacionado com a base da EC1.

Espólio:

C2 base

Nº 188

Dimensões: Comp.: 17 mm Larg.: 10 mm Esp.: 3 mm

Matéria: Quartzo hialino com tons de leitoso.

Descrição: Lamela de secção transversal trapezoidal sem retoques. (Fig. 57)

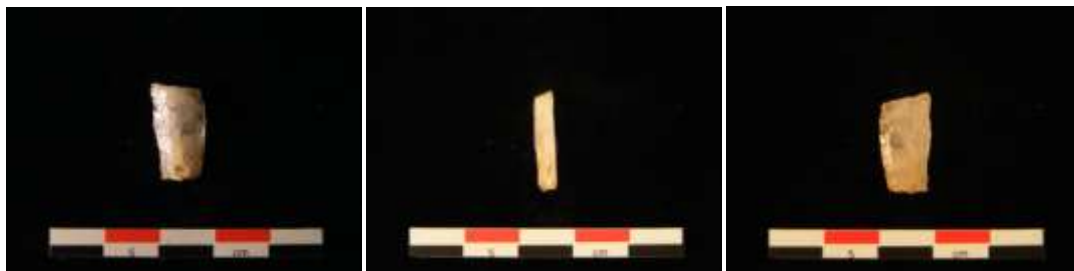


Fig. 57

C2 base

Nº 194

Dimensões: Comp.: 20 mm Larg.: 11 mm Esp.: 4 mm

Matéria: Sílex castanho claro esbranquiçado.

Descrição: Fragmento de lâmina triangular. Apresenta córtex primitivo ao longo do bordo esquerdo. Bordo quase vertical retocado. Bordo direito, liso e sem retoques. Superfície inferior plana. (Fig. 58)



Fig. 58

B8 A radiometria

Em termos de cronologia relativa o local aponta para uma fase inicial do Neolítico Antigo Evolucionado ao Neolítico Final. A fase final de ocupação tendo em conta a cerâmica do “horizonte de folha de acácia” aponta para o Calcolítico Médio.

Em termos de cronologias absolutas foi retirada duas amostras de terra do alvéolo do menir para datação por luminescência, uma de cada secção (M1 e M2; ITN_LUM_211 e _212), tendo esse levantamento sido efectuado pelo Instituto Tecnológico e Nuclear (vd. Fig.59). A amostra ITN_LUM_212 (M2) forneceu um resultado de $2000AC \pm 300$. Porém, a distribuição das doses absorvidas nesta amostra estava muita alargada: os valores mínimos indicaram uma data de c. 500AC e os maiores de c. 4000AC.

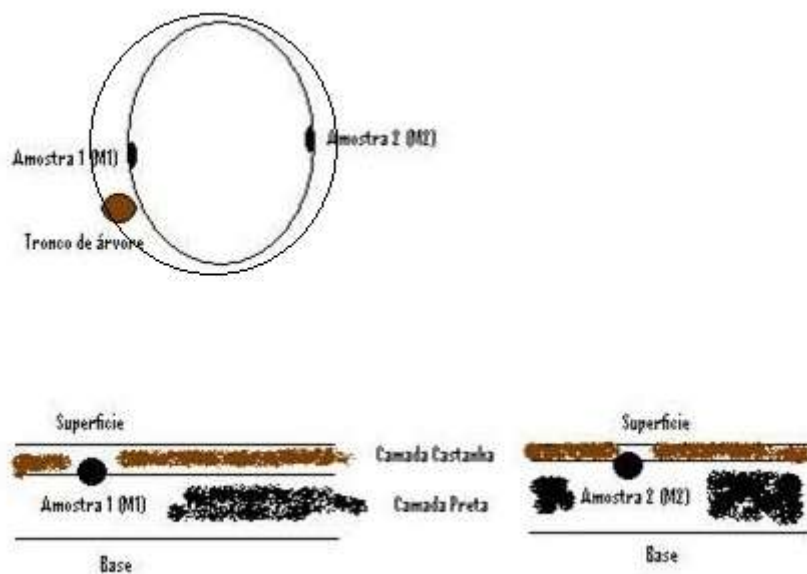


Fig. 59 Desenho esquemático das localizações das amostras ITN_LUM_211 e _212 (M1 e M2) dentro do sítio de Medroa (base = geológico).

Concluindo, a datação de 4000 a.C. corresponde à altura em que foi aberto o alvéolo no terraço e este viu luz. A data de $2000AC \pm 300$ corresponde quando o alvéolo viu de novo luz, ou seja quando o menir foi retirado.

C) Enquadramento crono-cultural

C1 Na área do “povoado”

1 - No Povoado da Chã/ Jogada (Estação 147 Chã III, Coordenadas M 866 4/5 865, f. 321, 198, SILVA, BATISTA e GASPAR 2009), são provenientes cerâmicas lisas, machados de pedra polida de secção rectangular, sílex (lascas simples e lâmina retocada, lascas de quartzito, mó plana dormente e um ídolo da Deusa Mãe com olhos (vd. Fig. 60) cuja origem se deve apenas à crescente fértil, indiciando um claro difusionismo e eventual miscigenação em meio megalítico. A cronologia por nós proposta é do Neo-Calcolítico ao Bronze inicial/médio (?).

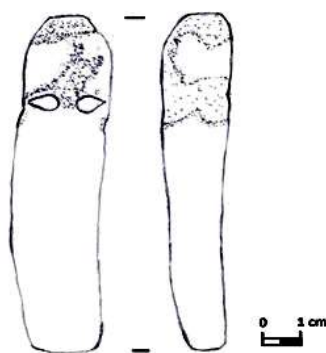


Fig. 60 Ídolo da Jogada (Fonte: BATISTA 2015)

Este ídolo da Jogada, trata-se de um seixo de xisto-grauvaque, proveniente de recolha superficial. Na parte anterior os olhos foram gravados a incisão e denota uma área em todo o contorno do seixo a picotado. Existe uma clara separação entre cabeça e tronco marcado por dois pequenos entalhes laterais.

DIMENSÕES: Comp. 106 mm, Larg. 25 mm, Esp. 19 mm

CRONOLOGIA PROPOSTA: Neo-Calcolítico

PARALELOS: Badariense, no que se refere ao formato dos olhos, ocorrendo em ídolos datáveis de (4400 a 3200 a.C.).

(URL:https://www.academia.edu/3048700/Las_culturas_prehist%C3%B3ricas_en_Egipto)

Este tipo de Ídolo não é novo na área abrantina. Um outro é proveniente de Alvega (Qtª S. João II, nº 164, SILVA, BATISTA e GASPAR 2004) (Fig. 61) e denota todo um conhecimento da mitologia Suméria, indiciando talvez um corredor de aculturação de Este para Oeste, a que se poderá associar a placa lisa

da Anta da Foz do Rio Frio (Mação) e a lisa da Jogada 5 (*Pedra da Encavalada*).

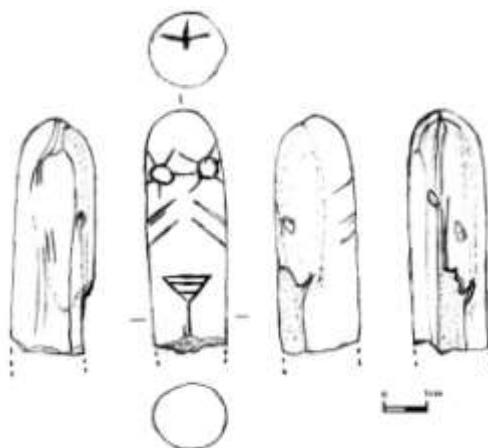


Fig. 61 Ídolo de Alvega (Fonte: BATISTA 2013a)

Afirmámos que este ídolo poderia representar: Na parte anterior, ISTAR, a deusa do princípio feminino da natureza, ou a Deusa INANNA, deusa do amor, do erotismo, da fecundidade e da fertilidade. Na parte posterior o jovem Dumuzi, tendo este morrido, a deusa, por ele apaixonada, desceu aos Infernos para o resgatar dos mortos, para que este pudesse dar vida à humanidade, agora transformado em deus da agricultura e da vegetação. Os olhos de sol podem ainda representar o Deus SHAMASH. Origem na Mitologia da Mesopotâmia.

2 – Povoado da Zambujeira, (coordenada 0561840/ 4377335), com indústria cerâmica lisa e lítica de sílex e tagana/ macrolítica. Cronologia do Neo-Calcolítico (BATISTA e GASPAR 2007).

3 – Anta 3 de Vale Chãos (coordenada 0560945/ 4377029). Daqui se regista de recolha superficial de um fragmento de placa ídolo com decoração “dente de lobo”. A cronologia aponta para o Calcolítico (BATISTA e GASPAR 2007).

4 – Anta 5 da Jogada ou *Pedra da Encavalada*. Aqui Ana Cruz escavou ao redor do afloramento nove fossas individuais de enterramento (vd. Fig. 62), tendo obtido dez datações absolutas, todas indicando a datação para estas de 4000 a.C. (vd. Fig.63)

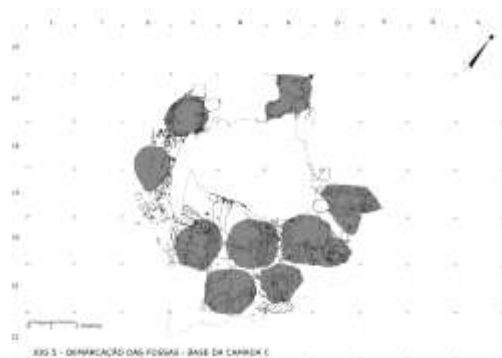
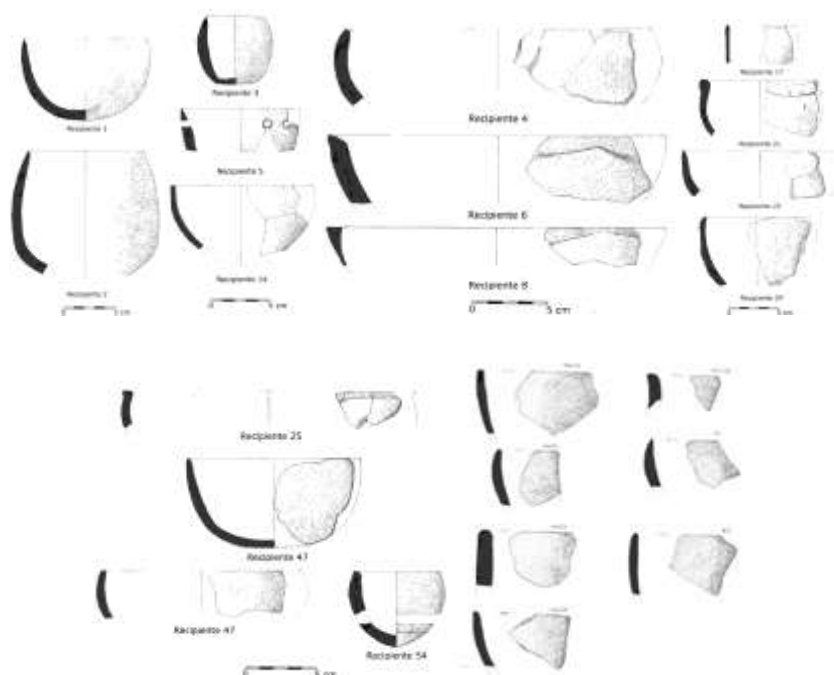


Fig. 62 *Pedra da Encavalada*, fossas de enterramento (Fonte: CRUZ 1996)

| Datas obtidas por TL (termoluminescência) | | | | |
|---|---------------|----------|-----------|----------|
| Ref. ITN | Ref. Original | Tipo | Idade (a) | Erro (a) |
| A5-228 | L 17 - 30 | Cerâmica | 6.049 | ± 617 |
| A5-229 | L 18 - 39 | Cerâmica | 6.058 | ± 652 |
| A5-230 | L 21 - 1 | Cerâmica | 6.037 | ± 529 |
| A5-231 | M 20 - 11 | Cerâmica | 6.033 | ± 711 |
| A5-232 | M 21 - 11 | Cerâmica | 5.999 | ± 697 |
| A5-233 | M 21 - 47 | Cerâmica | 6.082 | ± 620 |
| A5-234 | N 17 - 33 | Cerâmica | 6.001 | ± 654 |
| A5-235 | N 20 - S/C 7 | Cerâmica | 6.069 | ± 545 |
| A5-236 | O 19 - 12 | Cerâmica | 6.057 | ± 586 |
| A5-237 | P 19 - 9 | Cerâmica | 6.048 | ± 628 |

Fig. 63 Datações absolutas das diversas fossas de enterramento (Fonte: CRUZ 1996)

Da escavação da Encavalada provêm o mais diverso tipo de espólio, incluindo o nº 32, único exemplar decorado para além do “povoado” da Medroa. (vd. Fig. 64 nº 32)



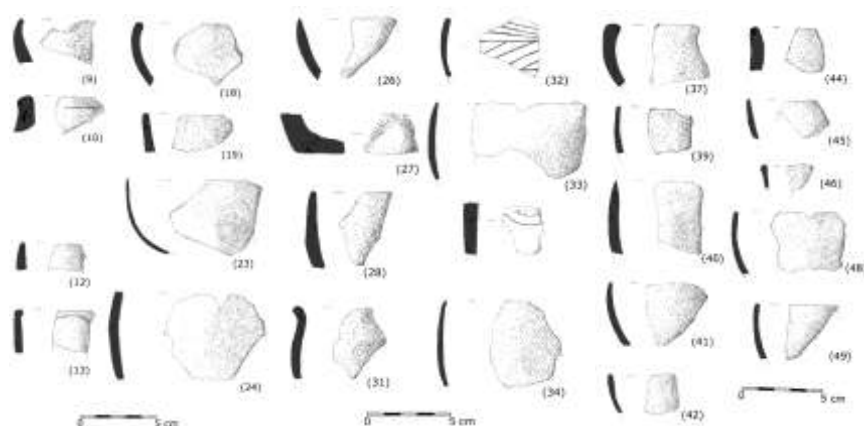


Fig. 64 Cerâmicas da *Pedra da Encavalada* (Fonte: CRUZ 1996)

5 – O Monumento Megalítico do Alqueidão, embora afastado desta área da Medroa não pode ser dissociado deste conjunto, porque parece-nos que toda estas ocorrências de enterramento e ritual faz parte de um mesmo todo, cultural, ideológico, mitológico, ritual das comunidades da altura. Este monumento fica a Oeste da Medroa e sobre o vale que daqui sai para Oeste e desagua no Zêzere. Trata-se de um monumento, que pelo levantamento efectuado e incompleto (vd. Fig. 65) dispõe de diversas áreas circulares. A sua conotação com o ritual ou ciclos anuais das sementeiras e colheitas ou ainda algo a ver com astronomia, faria parte da vivência destas comunidades que nestes cerca de 60 monólitos expressaram o seu modo de vida e estar na sociedade e que nos aponta para uma cronologia relativa do Neo-Calcolítico, senão mesmo Neolítico se atendermos a erecção do menir da Medroa por volta de 4000 a.C. (Estação 52, Alqueidão II, SILVA, BATISTA e GASPAR 2009). A Sul deste conjunto e aproveitando afloramentos, recolheu-se entre os afloramentos fragmento cerâmico amorfo e lasca de sílex.



Fig. 65 Monumento Megalítico do Alqueidão (Fonte: BATISTA, 2004)

Este conjunto denota um corredor natural virado a Sul, e sobre a ribeira do ribeirão e no que seria a entrada restos de pedras de fecho. É provável estarmos perante um proto megálito (fase 2), posterior à Encavalada (Fase 1). Monumento similar indicamos no nosso mapa final de sítios da área (vd. Fig. 68), o Proto megálito inédito de Vilelas (Fase 2), que aproveita afloramento mas que já dispõe de um monólito a Norte, teria tampa de cobertura, caída para o interior. O corredor voltado a poente apresenta ainda restos de fecho na entrada.

6 – A diversa arte rupestre que fecha a Sul todo o conjunto ritual e funerário expressa, no nosso entender mais uma comunicação de quem por ali estava e mesmo daria informação a quem por ali se aproximasse e que ficaria certamente consciente que entraria num território por outros já adquirido. Se a arte rupestre expressa o pensamento de quem ali residia então o pensamento andaria à volta do ritual e funerário porque é o que encontramos a Norte, isto isolando o Alqueidão.

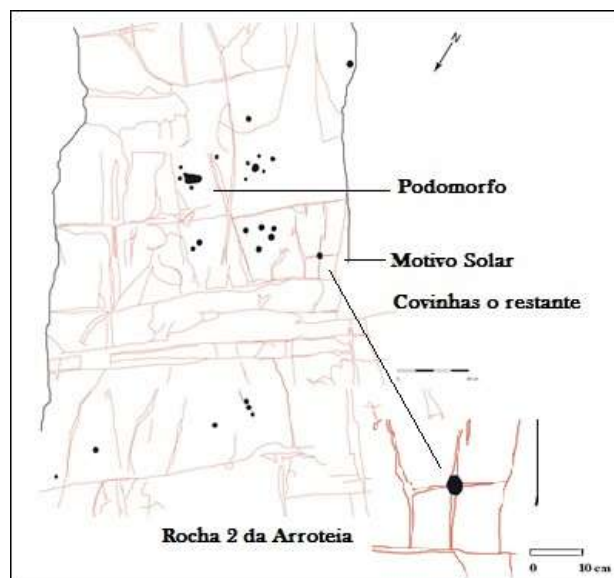


Fig. 66 Rocha 2 da Arroteia (Fonte: CRUZ 2008)

De todo o conjunto de arte rupestre, Arroteia 2 (vd. Fig. 66) pode oferecer uma leitura para quem dela se aproxime de Sul. Estaremos numa rocha cuja informação nos parece apontar para a informação e localização de determinados locais. Se à esquerda temos o Sol e à direita o podomorfo claramente se indica que o Sol se põe a poente e os diversos *tumuli* do Bronze final se encontram para Este. Ora, no interior deste espaço estarão certamente outras ocorrências, talvez como a *Pedra da Encavalada* como se percebe por uma covinha central e outras ao derredor informando que em torno do afloramento existem diversas fossas de enterramento? Na rocha 3 da Arroteia existem diversas covinhas e um círculo. Junto destas dois pequenos círculos com traço central. Quer o círculo, quer os dois pequenos círculos estão presentes na arte rupestre do Vale do Tejo. Parece-nos aqui existir uma clara filiação cultural com esse local, por parte da população local.

Aqui na rocha 3 da Arroteia (vd. Fig. 67) poderemos ter não uma informação de localização mas sim um pedido de protecção, agradecimento, para o conjunto das covinhas que expressarão certamente algo material a Norte. Parece-nos que temos aqui o mesmo princípio que ocorre na arte do Tejo em relação às figuras antropomórficas de oferta de veado e a de posição de orante (GOMES 1987, p. 34 e 41, fig. 25, 26 e 34). Mas mais do que qualquer interpretação que será

sempre cognitiva o que importa é que nos parece evidente, é estarmos perante painéis informativos e ao mesmo tempo de solicitação de protecção ao alto se pensarmos que estes painéis são horizontais e que era para o alto dirigidos, ou que a leve inclinação do painel da Arroteia 3 ligeiramente inclinado para o nascente tinha um propósito de ser iluminado pelo Sol da Manhã e assim todo o conjunto que ela expressava materialmente teria a sua igual correspondência no mundo dos vivos quanto nos mortos.

O que pretendemos apenas salientar em relação à arte rupestre é da sua importância para o restante conjunto da área e que de modo algum pode ser dissociado de todos os restantes arqueossítios.

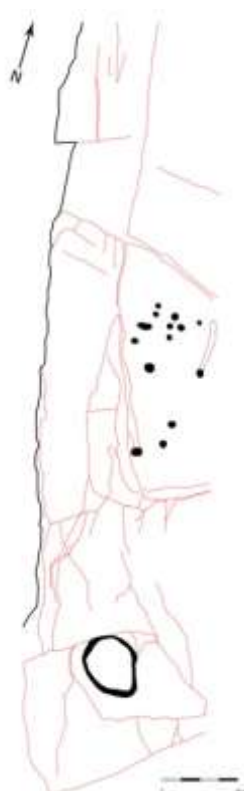


Fig. 67 Rocha 3 da Arroteia (Fonte: CRUZ 2008)



Fig. 68 Os diversos arqueossítios da área da Medroa (CMP 1: 25 000, f. 321, 1981)

C2 No Concelho

Encontrar paralelos no Concelho de Abrantes para as cerâmicas lisas Calcolíticas e de fundo megalítico é fácil porque a sua ocorrência se faz em povoados de altura como, Caneiro, Bacharel/ Relvinha Verde, Maxial, ou então no vizinho concelho de Constância como Sta. Margarida, Cova dos Castanheiros, associados a Ídolos de Cornos (BATISTA 2004). Para a cerâmica decorada, embora a sua ocorrência se faça sentir na área de Alvega e Tramagal, é o Salvador (Abrantes) que denota uma grande importância para este tipo de cerâmicas desde o Neolítico Cardial ao Bronze inicial/ Médio, associado a sílex e indústria macrolítica (Estação 78 SILVA, BATISTA e GASPAREL 2009).

A origem para as cerâmicas decoradas na Medroa ou da Pedra Encavalada poderemos assim encontra-la na área do Tejo, sendo possivelmente as mesmas comunidades em ambos os locais.

Agora estaremos perante que arqueossítios, povoados ou zonas rituais ou de enterramento? Se pensarmos que o Salvador é povoado então as cerâmicas fragmentárias da Medroa poderão dali ser provenientes ou doutro local similar.

Mas, não podemos deixar de por a hipótese de que as cerâmicas decoradas da Medroa, ou até da *Pedra da Encavalada*, possam ser antes originárias de um qualquer povoado de altura, pelo simples facto de elas ali terem sido feitas, devido à sua raridade ou adquiridas. O facto é que isto nos levanta questões interpretativas acerca da Medroa. Seria efectivamente a Medroa um povoado ou um local sazonal ritual? As cerâmicas ali existentes seriam para ser levadas para os locais de enterramento, tal como na *Pedra da Encavalada*? Medroa então seria um local ritual e não de habitat? Estas questões pertinentes serão mais à frente debatidas.

D) Neolitização: correntes teóricas

Falar do Processo de Neolitização é o mesmo que definir quais os mecanismos que estão na base da mudança das sociedades recolectoras para as produtoras. Existem diversas abordagens sobre o que estaria na base do processo de neolitização. Segundo Sérgio Monteiro Rodrigues (2011, p. 17 e sgs) várias são as correntes teóricas por ele citadas e cujos modelos se aplicam ao Mediterrâneo ocidental. Este autor cita os modelos de *difusão démica* que se fundamentam na «...expansão de populações originárias do Próximo Oriente...» (idem, p. 17) e que se pode manifestar «...através do modelo de colonização pioneira...» (idem, p. 18), modelo este que permite a co-existência de duas comunidades distintas: a indigenista ou autóctene e a difusionista, permitindo diversa interacção entre os dois grupos distintos, sendo este modelo muito aplicado à Península Ibérica (idem, p.18). Outros, são os modelos *percolativos* ou *capilares* que resultam «...de redes de intercâmbio e de alianças intergrupos no quadro de sociedades de caçadores-recolectores europeus...» (idem, p. 17). Um outro modelo apresentado por Monteiro-Rodrigues é o “*availability model*” ou *modelo trifásico*, que não nega movimentação de comunidades «...mas que valoriza essencialmente os processos intrínsecos dos caçadores-recolectores mesolíticos...» (idem, p. 21). Numa primeira fase de disponibilidade nos contactos entre os dois grupos indígenas e agricultores, apenas se troca informação. Numa fase mais avançada, os indigenistas adquirem novidades do pacote neolítico, enquanto a comunidade agrícola se estabelece em territórios indigenistas (idem, p. 21). Numa fase posterior, denominada fase de substituição, generaliza-se a fase produtora e de competição entre indígenas e agricultores pela posse de um território e tudo o que isso implica em termos de

economia, aquisição de matéria-prima ou mesmo status social. Numa fase posterior e final (fase de consolidação), assiste-se à consolidação do sistema agrícola, ao decréscimo do recurso alimentar selvagem, ao surgimento de povoados [(como o de Sta Margarida, e aí, um amplo controlo do território (nossa nota)], bem como ao surgimento de necrópoles (idem, p. 22)

Para o território português vários são os autores que se apoiando nas teses anteriores elaboram os seus modelos teóricos sobre o território. É precisamente sobre esses modelos teóricos para o território português, em torno do Processo de Neolitização, que de seguida iremos prosseguir.

Em 1970, Guilaine e Ferreira defendem já a tese de difusionismo costeiro (segundo RODRIGUES 2011, p. 26)

Arnaud (segundo Zilhão, 1998), defende para a baía de Sines dois modelos: um difusionista e miscegenação posterior dos autóctenes e, um outro, em que os autóctenes teriam adquirido a longa distância o pacote neolítico completo ou parcialmente.

Para Carlos Tavares da Silva (1990), no Sul de Portugal, a par da existência de grupos mesolíticos que poderiam adquirir parte do pacote neolítico a realidade do difusionismo nos parece clara nesse autor dado apontar a tese de presença de cerâmica no concheiro do Cabeço do Pez como resultante provável da inclusão no seio comunitário de mulheres portadoras do pacote neolítico (exogamia), conhecedoras da olaria e da agricultura, conduzindo assim a um processo de osmose cultural, que teria provocado esse processo de neolitização. Ou seja, teríamos Indigenistas ou autóctones e difusionismo.

Para Nuno Bicho [et al.] 2003, a neolitização do Algarve deu-se através do processo dualista, no qual as populações mesolíticas locais apenas adoptaram a cerâmica, não alterando o seu sistema económico de pescador-caçador-recolector-armazenador. A introdução da cerâmica foi efectuada por grupos exógenos vindos por via marítima, e portadores do pacote neolítico.

Para Soares e Silva (2003) na Costa do Sudoeste, os grupos Mesolíticos teriam evoluído internamente para a sedentarização, conduzindo a um crescente desenvolvimento económico e social e, com ele, um crescimento demográfico. Estes autores não colocam de lado a existência da circulação do “pacote neolítico”, mas entendem que este aconteceu através da troca de informação (osmose cultural), por questões de vizinhança ou da prática da exogamia.

Ao falar sobre o Algarve e Estremadura, Nuno Bicho [et al.] (2000, p. 11-22), defende que o processo de neolitização em Portugal não foi um modelo unilinear, mas diversificado nas várias zonas do país. Apresenta dois modelos teóricos para o Algarve: Um em que propõe a chegada por volta de 6550 BP (cerca de 5500 a.C.), de comunidades neolíticas exógenas portadoras de cerâmica cardial (sítios de Cabranosa e Padrão), tendo sido absorvidos pelas comunidades mesolíticas, passando a ocupar as mesmas zonas e optando pelo mesmo tipo de subsistência e economia, difundindo-se rapidamente a partir daí pelas comunidades locais a cerâmica não cardial; um outro modelo, apresenta a chegada de comunidades neolíticas, por via marítima, tendo as comunidades mesolíticas absorvido apenas a produção cerâmica através desse contacto. Contraria os modelos de Soares e Silva e de Zilhão, afirmando que o processo de neolitização português não se confina a um único modelo explicativo, definindo «...três regiões com processos de neolitização diferentes e com dois momentos diferentes...». (idem, p. 15) Em relação ao Algarve e à Estremadura (entre 6900 e 6400 BP), teriam chegado num primeiro momento comunidades exógenas vindas por mar. Enquanto que no Algarve essa colonização foi pouco expressiva, devido talvez ao peso das comunidades locais mesolíticas, estas assimilaram não só a tecnologia cerâmica, mas os próprios elementos humanos exógenos, continuando com uma economia centrada na caça e na recollecção marinha. Na Estremadura, pelo contrário, ter-se-ia dado uma forte colonização a norte do vale do Tejo, no interior, onde existiam comunidades mesolíticas, estando estas fixadas nos estuários, podendo ocorrer contactos esporádicos entre os dois grupos em áreas de exploração de recursos naturais (caso Rio Maior), em momentos diferentes e sazonalmente. A base económica dos grupos mesolíticos seria assente nos «...recursos naturais terrestres e marinhos enquanto as comunidades neolíticas assentava na agricultura e pastorícia...». (idem, p. 16) Num segundo momento (entre 6500 e 6000 BP) a Estremadura e o vale do Sado vê desaparecer as comunidades mesolíticas, talvez integradas pelas comunidades neolíticas, devido a alterações climáticas, decréscimo de recursos fluviais e crescimento demográfico das populações neolíticas. No Algarve «...mantém-se o mesmo padrão de subsistência das comunidades neolíticas...» (idem, p. 16), baseado nos recursos naturais da região, mas parece ter ocorrido um crescimento demográfico das populações «...e uma expansão do território ocupado anteriormente...» (idem, p. 16). Na costa Alentejana (por volta de 6000 BP) as comunidades mesolíticas vêm chegar a cerâmica epicardial, e a perca do domínio absoluto que tinham até então. Quer na costa Alentejana quer no Algarve só a

introdução da pastorícia e da agricultura no milénio seguinte (5000 BP) parece ter alterado o padrão de subsistência que até então aí imperava.

Para o Litoral alentejano e Estremadura Zilhão (1998), defende a existência de autóctones e do difusionismo por parte de comunidades portadoras da totalidade do pacote neolítico.

Mariana Diniz (2007) apoiando-se no sítio da Valada do Mato refere que o processo de neolitização não se inicia com comunidades portadoras do pacote neolítico, mas sim é um processo de longa diacronia que se inicia nos finais do 6º ou inícios do 5º milénio a.C. e que só termina com a chegada das sociedades agro-metalúrgicas. Sintetizando, podemos dizer que Diniz aponta a existência de um dualismo e de miscigenação de componentes com diferentes origens culturais. O que para ela parece pacífico é o modelo dual, difusionismo e indigenismo. Propõe uma leitura alternativa ao modelo dual no território português, o de «...uma co-participação no processo de “colonos” e de “indígenas”, num fenómeno de neolitização...» (idem, p. 201). «...multilinear e resultado de diferentes mecanismos históricos...» (idem, p. 202). Assim, «...o fenómeno de neolitização percorreu variados caminhos marítimos e vias terrestres, ao longo dos quais se geraram múltiplos epicentros de miscigenação e mutação cultural...» (idem, p. 225), tendo para o efeito contribuído «...de formas diferenciadas “colonos” e “indígenas”...» (idem, p. 225).

Quanto a Manuel Calado (2000, p. 35-46), a sua abordagem sobre o processo de neolitização do Alentejo Central inicia-se com a génese do megalitismo. Aliando os dados disponíveis sobre povoamento neolítico e megalitismo, Calado propõe de forma esquemática, a aplicar ao Alentejo Central, alguns modelos em cinco linhas base. Dessas linhas base, destaca que essa ocupação ocorreu através de grupos portadores de cerâmica cardial, incisa e plástica, na altura em que se abandonaram os concheiros do Tejo e Sado, «...alimentada pelos respectivos efeitos demográficos, num ambiente de ruptura económica e cultural...» (idem, p. 40). Propõe para a localização dos povoados Neolíticos mais antigos uma completa relação com os antigos concheiros do Tejo e Sado, numa área territorial que não só contém a «...quase totalidade dos recintos megalíticos...» (idem, p. 40), mas seria o território de exploração dos autóctones (caça-recollecção) constituindo uma fronteira teórica, que seguiria «...as principais linhas naturais de trânsito (festo e cursos de água). Por outro lado, Calado «...com base na avaliação do potencial das áreas de captação de recursos...» (idem, p. 41) propõe para os construtores de menires uma predominância de actividade pastoril, e para os grandes

povoados “abertos” uma economia agrícola expressiva. Calado sintetiza a sua teorização com uma proposta de leitura diacrónica das diversas opções apresentadas para o Alentejo Central, ao longo do processo de neolitização, tendo em atenção as diversas opções territoriais face aos tipos de habitat; conjuntamente com todos estes factores, a existência de um processo paralelo de megalitização, ou de evolução megalítica, face ao binómio territórios-habitats, desde o Neolítico até ao Calcolítico. Define que os primeiros grupos neolíticos (ou em vias de neolitização), elegerão preferencialmente solos graníticos para habitat, enquanto no Calcolítico o povoamento muda para terrenos devolutos de solos xistosos.

Para a Estremadura e Alto Ribatejo, Zilhão (1998, p. 27-44) define a existência de populações autóctones e de difusionismo, tendo sido estas comunidades absorvidas por estes últimos.

Para o Alto Ribatejo Oosterbeek (1999), após tecer alguns considerandos em torno dos dados de Zilhão (1992) sobre a Gruta do Caldeirão, considera que, e ao invés de Zilhão, a neolitização teria sido um processo sem descontinuidades abruptas, resultando de diversos factores em que as diversas comunidades Mesolíticas, numa articulação conjunta optariam por determinados elementos do “pacote neolítico”, numa aceitação selectiva ou socialmente impostas em alguns casos. O tipo precário de habitats, contrariando assim o «modelo aldeão», é o exemplo claro de que a neolitização não teria sido um processo rápido, mas gradual, notório pela aceitação de parte do pacote, caso cerâmicas, pecuária e braceletes de *Glycymeris glycymeris*, marcando esse facto, tal como a arte rupestre mais um avanço da paisagem por via da actividade humana, do que devido a uma aceitação global do pacote, que implicaria uma mudança estrutural do modo de vida das populações mesolíticas.

Só a agricultura mudou o modo de vida e o tempo das comunidades. Fixou a população à Terra, alterou modos de vida, fraccionando parte da comunidade. Todo este processo teria sido efectuado lentamente pelas diversas comunidades mesolíticas, a que não seria alheio seguramente resistências, o que o modelo de habitats precários parece sugerir.

Também para o Alto Ribatejo, Alexandra Figueiredo (2006) na sua dissertação de doutoramento, defende que a neolitização dos grupos mesolíticos ocorreu num processo não-fechado, no qual as populações estariam abertas à adopção do “pacote neolítico”, particularmente as espécies domésticas, enquanto os restantes elementos artefactuais

seriam adoptados em termos selectivos por cada grupo consoante as necessidades, embora essa adopção não possa ser interpretada numa óptica de subsistência.

Para Trás-os-Montes e Alto Douro, Sérgio Monteiro-Rodrigues (2000) não aceita a tese difusionista como elemento de Neolitização do território porque não existe rotura, antes existem provas da continuidade de ocupação do interior do território desde o Paleolítico Superior até ao início do Neolítico Antigo (O Neolítico inicial de Trás-os-Montes e Alto Douro é definido pela camada 3, do sector VII do sítio do Prazo (5475-5330 a.C., cal 2 sigma). Perfilha assim a tese de S. O. Jorge, no sentido da existência de uma selecção por parte das comunidades mesolíticas do pacote neolítico, denotando a existência de sítios arqueológicos onde as populações que adoptaram a agricultura e a domesticação (Buraco da Pala), enquanto outros se baseavam na continuidade da prática da caça e da recollecção.

Para o Baixo Côa e segundo António Faustino Carvalho (1999), toda a Beira Alta e Trás-os-Montes se encontravam desocupados à época da implantação das primeiras comunidades neolíticas, logo, temos difusionismo para a área.

Maria de Jesus Sanches (2000, p. 181-200) numa abordagem ao Norte de Portugal refere que a adopção dos diversos elementos neolíticos dependeria das diversas comunidades. A «...”expansão” da economia agro-pastoril...» (idem, p. 195), deve-se a diversas modalidades e dependem «...das relações sócio-económicas...» (idem, p. 195) das diversas comunidades, assim como das «...relações intercomunitárias...» (idem, p. 195).

Esse processo deveria ter sido longo. Partindo da hipótese de que esse pacote, estaria ausente no Norte a sua origem ter-se-ia dado por difusão a partir de outras áreas onde a adoptaram, em momentos cronológicos anteriores. Não aponta para uma movimentação de populações, embora não ponha de lado essa hipótese, mas reafirma a «...transmissão de ideias, produtos e/ ou técnicas...» (idem, p. 196) entre as diversas comunidades, e de natureza diversa. Aponta o “modelo capilar” de S. O. Jorge como a melhor explicação para a absorção dos itens neolíticos pelas populações mesolíticas numa óptica de transmissão e assimilação inter-grupal. Essa adopção pelos diferentes habitats seria aleatória e dependeria do tipo de elementos presentes nesse pacote, mas também dependeria do tipo de relevo dos diversos territórios, velocidade de transmissão e

adopção que estariam dependentes das relações de comunidade para comunidade, razão provável «...das “anomalias” verificadas no Neolítico do Norte de Portugal...» (idem, p. 197).

Para o território Português segundo Susana Oliveira Jorge (Cit por Rodrigues, 2000, p.165), a Pré-História Recente do Território Português pode ser o resultado da «...aceitação desta “novidade neolítica” trazida do exterior através de um complexo cruzamento de contactos intergrupais que dispensam grandes movimentações populacionais...» (idem, p.165), assim como ser definida por «...um processo de selecção das denominadas “inovações neolíticas”, por parte das sociedades com uma economia baseada na caça e na recollecção. Nessas sociedades tais “inovações” (por exemplo a cerâmica, a pedra polida, ou até mesmo os cereais e os animais domésticos), poderiam mesmo adquirir uma dimensão mais do domínio simbólico (prestigiantes pela sua raridade) do que propriamente do domínio tecno-económico...» (idem, p.165). Ou seja estamos perante uma Neolitização indígena ou autóctone.

Segundo Cruz (2010) o Neolítico Cardial já não se restringe à faixa calcária, mas surge (embora sem datações) em Santa Margarida (Constância) e Salvador (Abrantes), «...o que não impede a possibilidade de um cenário onde grupos de produtores coexistem com grupos “conservadores” de caçadores-recolectores...» (idem, p. 294). Considera ainda a hipótese que a chegada dos primeiros colonos portadores do pacote neolítico (colonização marítima segundo Zilhão), ter sido efectuada pela via do rio Tejo e permitir em simultâneo essa presença na Gruta do Caldeirão e para Norte ao longo do Tejo até à região de Abrantes. Seria uma área não desabitada, mas possuiria um sem número de caçadores-recolectores que se vão aculturando, consoante as suas necessidades ou a produção se instala e triunfa. Assim, Cruz considera que a solução que melhor se adequaria à neolitização do território português, seria a via marítima Mediterrânica e Atlântica e em vez de estar limitada ao Maciço calcário, prosseguiria ao longo do Tejo até chegar ao Zêzere. Esta seria a explicação difusionista do processo de neolitização para um primeiro momento «...permitindo às populações mesolíticas o usufruto de informação que certamente ocorreria através de redes de comunicação já existentes...» (idem, p. 300). Uma outra solução que propõe é o do interior do território em que o pacote neolítico tivesse sido difundido através dos rios nos troços navegáveis e as linhas de festo de caminhos de pé posto (Sado-Tejo, Tejo-Guadiana, Tejo-Zêzere).

As soluções anteriores permitem assumir como possível «...a existência de um processo de aculturação dinâmica, por parte das comunidades autóctones, como reacção à existência das novas tecnologias neolíticas, independentemente da via que tomaram para se tornarem conhecidas...» (idem, p. 300). Quanto ao megalitismo considera que o seu início no Vale do Rio Zêzere está representado pela *Pedra da Encavalada*.

D1 Tese de Neolitização para Abrantes

A ausência de cereais selvagens e de animais domésticos na Europa e a inexistência de cabra entre a dieta alimentar dos concheiros de Muge (BICHO, 2009) logo nos aponta para uma outra origem desse elemento difusor que se encontra na crescente fértil no Mediterrâneo oriental (RODRIGUES 2011, p.17). Aí, entre o IX e o IV milénio a.C. verificou-se o surgir do primeiro processamento dos cereais selvagens, da domesticação de ovi-caprinos, da cerâmica, das primeiras aldeias e núcleos urbanos. Das primeiras cidades estado amuralhadas, dos primeiros códigos de conduta, da escrita, das primeiras grandes civilizações (URL: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Neol%C3%ADtico>). Parece-nos claro que a difusão quer por mar ou terra parece ter sido inevitável, para grupos na ânsia de atingirem novos territórios para lançarem a semente à terra, apascentarem o gado ovino e caprino. E o processo rápido chegou ao actual território português por volta do 6º/ 5º milénio a.C., tendo em atenção as datações dos sítios da Cabranosa, e Padrão, Algarve (DINIZ, 2007, p. 188 e 200).

Quanto a nós e em relação ao nosso concelho, dissemos atrás que o Ídolo do sítio da Jogada/Chã denota um claro difusionismo e miscigenação (exogamia) em meio megalítico (vd. Fig. 60). Isto parece-nos claro. No Povoado de Fontes dispomos de algumas datações absolutas: uma para o barro de revestimento (forno/ silo?) localizado no topo da camada C que são de 9.200±600 a.C., 8.900±600 a.C. e 9.300±600 a.C. e outra de 6.400±400 a.C. obtida do sedimento (CRUZ, 2010 p. 110 e 2011, p.12) e toda uma indústria macrolítica que se estende até ao Calcolítico com cerâmicas caneladas (CRUZ, 2011, p.34 e sgs.). No Povoado da Amoreira, uma datação absoluta sobre carvões da camada C deu uma datação de 7.460±120 BP, 6.706 – 6.157 cal B.C. 2 sigma, uma segunda por MAS forneceu a data de 10.230-10.150 BP, 8.280-8.200 cal B.C. 2 sigma, radiocarbono convencional 9.010± 40 BP (CRUZ, 1997 p. 301 e 2010 p. 139) e toda uma indústria macrolítica e uma eventual cronologia tardia do Bronze. Por outro lado, a erecção do menir da Medroa precede claramente o megalitismo funerário

final (fase 3 final), estando em consonância com o proto-megalitismo da fase 1 correspondente a fossas individuais em torno de um afloramento, tal o da *Pedra da Encavalada* (CRUZ, 2010, p.142-166). Parece-nos evidente que em Abrantes dispomos de uma Neolitização em que o difusionismo é evidente, e os autóctones teriam absorvido parte do “pacote Neolítico”, como cerâmicas decoradas do sítio de Fontes, ou as cerâmicas lisas e decoradas da *Pedra da Encavalada*. As populações autóctones, continuariam a ocupar os mesmos locais sazonais desde há milénios, numa clara exploração de um território já amplamente conhecido e deveriam ter absorvido progressivamente do “pacote Neolítico”, alguns elementos como machados e cerâmicas com carácter de uso utilitário ou apenas de carácter ritual. E isto se deveu a um impulso próprio ou porque no seu seio e por exogamia entraram elementos portadores do pacote neolítico. Isto é o que nos parece atendendo ao Ídolo do povoado da Chã/ Jogada, claramente de influência oriental. Todavia, semelhante mudança ter-se-ia instalado de modo progressivo desde o 6º ao 3º milénio, até que surgem os grandes povoados de altura com uma clara e forte componente agro-pastoril, nos quais o sistema agro-pastoril se encontra consolidado. Se retermos o olhar na indústria macrolítica (embora não vejamos qualquer utilidade prática nesta indústria em xisto-grauvaque, como a recolhida no Povoado de Fontes) e a sua longevidade, esta serviria perfeitamente para a actividade económica de caça, pesca e recollecção local dos grupos autóctones, o que vai de encontro à opinião de Cruz (idem, p. 283) de que na *Pedra da Encavalada* a economia dos seus construtores e utilizadores passaria pela recollecção, caça, pesca e pastorícia transumante, como o demonstram alguns dos artefactos recolhidos. A não existência de uma quebra abrupta na utilização da indústria macrolítica ou Tagana, denota um sistema económico sem grandes ou nenhuma roturas (e, como tal, um modo de vida não sedentário), embora haja a adicção de parte de elementos do “pacote Neolítico”, tais como cerâmicas lisas e decoradas. Não nos parece assim que os autóctones estivessem em vias de sedentarização ou num processo crescente de Neolitização. O facto de o Povoado de Fontes dispor de cerâmica do Neolítico Antigo evolucionado não implica uma neolitização dos grupos autóctones ou que eles estivessem em vias de neolitização, mas tão só uma apropriação de parte do pacote neolítico, para fins eventualmente rituais se os associarmos às rochas esgrafitadas (CRUZ, 2009). O mesmo poderia acontecer em relação à apropriação de machados, mós planas ou mesmo gado ovi-caprino, quando poderiam continuar numa base económica assente na caça, pesca e recollecção. A neolitização implica uma rotura com produção assente na base agro-pastoril e

sedentarização e isso não vimos nos primeiros tempos do embate com as comunidades difusionistas portadoras do pacote neolítico, embora nos pareça que essa consolidação possa já estar presente na fase Calcolítica dos grandes povoados de altura, como Santa Margarida, com pesos de tear, abundantes mós planas, ídolos de cornos e metalurgia comprovada apenas por pequenos cadinhos de fundição (BATISTA, 2004, estação 27, p. 89). Num primeiro momento, o que nos parece é que as populações provindas do Médio Oriente e portadoras do pacote neolítico (e aqui poderemos ver a chegada de várias comunidades em vários momentos cronológicos ao longo do tempo), aqui chegaram certamente pela via do Tejo, estabelecendo-se junto dele como no Povoado de Santa Margarida da Coutada e no Povoado de Salvador (BATISTA, 2004 e SILVA, BATISTA e GASPAR 2009). Os grupos autóctones continuaram vivendo como até então, explorando um amplo território, embora se possa ter efectuado o contacto intergrupar. É bem possível que só a partir do 5º/ 4º milénio a.C. que os autóctones tivessem assimilado parte do pacote neolítico como as cerâmicas, não num contexto funcional mas ritual. Estamos em crer que a Neolitização dos grupos autóctones se tivesse instalado gradualmente por vias da exogamia, que o mesmo é dizer por uniões de casamento de parte a parte. Por outro, talvez por verem uma mais-valia económica no modo de vida dos grupos portadores do pacote neolítico, que para além da agricultura dispunham de gado ovi-caprino. Era o gado ovi-caprino que lhes poderia constituir um maior proveito económico, para além da caça e pesca. Aqui poderemos ver o modelo trifásico como o resultante para a neolitização de toda esta área abrantina.

E) Discussão dos dados

Esta primeira intervenção no povoado da Medroa pôs a descoberto uma área de cabana e a poucos metros a Sul dista um menir.

As leituras que podemos retirar da EC1 são de que em dado momento cronológico, para a construção da cabana, foi aberto um cabouco ovalado na C4 até à C5, com 7,80 metros de comprimento por 5,30 metros de largura, oscilando entre 70/ 80 cm de largura de cabouco por 23/ 25 cm de profundidade. (vd. Figs 69 e sgs.)

A entrada da cabana está virada a Oeste e poderia ter um ligeiro corredor. O interior disporia de pelo menos um pequeno silo, perto da entrada. Na parte exterior a Oeste, a cerca de 2 metros, uma lareira certamente para confecção de alimentos. Na parte

exterior a Noroeste de contacto com a cabana duas estruturas ligeiramente aéreas, de função indeterminada e cuja cronologia não se afasta da EC1. O piso aponta para a C4 e C3 com ausência de seixos de quartzito. A Sul da cabana a cerca de 10 metros foi erguido um menir. Para a sua implantação foi aberto um covacho até à C5. O piso circundante era de C4 e ligeiro C3 com abundantes seixos de quartzite. Em volta do menir, e em feitio de leve mamoa foi deposta uma C3. Quando do abandono do local, o menir foi retirado apontando esse facto, quanto a nós, como de carácter ritual ou simbólico e não de qualquer intransigência religiosa.

Em termos de funcionalidade para o local tudo aponta no sentido de estarmos perante um “acampamento” que se desenvolve pela cumeada Oeste – Este. Perante o enquadramento da área é possível que este povoado, assim como o da Chã/ Jogada e Zambujeiro, fizessem parte de um conjunto cuja relação se mantinha com monumentos megalíticos envolventes, entre eles a *Pedra Encavalada*, o recinto megalítico do Alqueidão e arte rupestre (CRUZ, 2008), associada neste Vale do Baixo Zêzere.

Em relação ao alvéolo do menir a sua selagem foi para o preservar e esconder. A C3 a cobri-lo para o dissimular em relação à restante C3 do povoado. O retirar do menir, neste contexto, aponta para abandono do local. A selagem do interior do alvéolo com sedimento A, nitidamente de origem exterior define um carácter ritual na sua deposição. Quem pretendesse voltar ao mesmo local não iria retirar o menir, selar o alvéolo e dissimulá-lo com C3, para posteriormente efectuar o trabalho inverso, deixar o menir derrubado e a cabana à vista ou o que dela restasse.

Verificámos existir um carácter tencional de construção de uma mamoa circular em torno do menir com C3 como se verifica de Noroeste da Q6 para o Norte da Q1, esta apresenta uma variação de espessura entre 6 e 3 cm respectivamente. E de Norte da Q5 para Noroeste da Q2, respectivamente de 2 e 5 cm. Ou seja, a Este do alvéolo existia uma maior deposição sobre o alvéolo sendo a Oeste mais reduzida.

Assalta-nos algumas questões pertinentes que envolve todo este conjunto e suas funcionalidades e relação com o circundante da área.

É claro que a selagem do alvéolo com sedimento diferente comprovada pelo ph tem um carácter ritual. Mesmo a deposição do menir a Sul por queda e não arrastamento parece denotar também carácter ritual. Terá este facto algum significado? Não teria sido mais fácil arrastar o monólito, em termos de esforço e de gente, do que o elevar para o deixar cair na vertical? Será que este facto pode representar uma determinada forma de pensamento, que envolvia uma forma de religiosidade entre eles, a natureza e a terra?

Em História não se deve proceder a analogias (intra ou inter-continentais) ou a comparações com a vivência de populações residuais, que ainda hoje vivem á margem da globalização, porque podem não reflectir o passado longínquo do que foi a vivência das comunidades autóctones neolíticas do território português; como é o caso presente dos caçadores-recolectores Hadza, da África Central, que não têm religião e que estão em perigo de extinção porque os pastores-agricultores os vêem como grupo inferior, daí a ausência de laços de casamento entre eles, o que os poderá levar à extinção. (URL: https://pt.wikipedia.org/wiki/Povo_hadza). O que a Arqueologia Cognitiva discute são prováveis comportamentos e pensamentos, crenças ou mitologias (Universo ideológico), através dos diversos vestígios materiais. Para Colin RENFREW (1982, 2008) a arqueologia cognitiva envolve inferir sobre como as pessoas pensavam no passado, por meio da cultura material preservada. (URL: <https://translate.google.pt/translate?hl=ptPT&sl=es&u=http://www.que.es/blogs/201410170314-arqueologia-cognitiva.html&prev=search>

Nessa esteira (do pensamento cognitivo e baseado nos dados da escavação e indústria), pensamos que tenha sido bem provável que a selagem do alvéolo e deposição do menir possa ter um carácter ritual. Depositar no solo, é bem diferente de arrastar, Arrastar é ferir. Ferir neste caso poderia ser entendido como provocar dor desnecessária, logo contrária ao equilíbrio entre homem e natureza que se impunha e se tinha como desejável equilíbrio. Equilíbrio, sinónimo de prosperidade e equidade. Qualquer desequilíbrio da parte do homem teria o seu reflexo na acção futura da natureza, dos “deuses”. Esta probabilidade, não deixa todavia de constituir um pensamento paradoxal, para quem necessitava de sulcar a terra para semear. Mas este acto deveria então ser precedido de um culto prévio de apaziguamento, de oferta à terra, ao Sol aos deuses, para manter o equilíbrio e não sofrer o ímpeto futuro da natureza e dos deuses, (por exemplo, para os astecas do altiplano mexicano reconheciam um ser supremo, mas a quem davam pouca atenção, concentravam-se em deuses mais próximos dos humanos que se preocupavam com os seus assuntos (URL: <http://antropologiaced4guara.blogspot.pt/2014/12/deuses-e-deusas-mitologia-grega.html>)). Entramos aqui num pensamento cognitivo, em que a leitura que se pretende efectuar, se enraíza nos dados decorrentes da escavação, da aparente razão da contradição desses dados e do pensamento subjectivo que lhe poça estar subjacente. Um outro facto associado ao sedimento A do alvéolo são os seixos de quartzito. A sua

proveniência poderia vir ou do interior do rio Zêzere ou para Sul desta área, talvez para perto do Tejo ou afluentes. Mas qual o pensamento subjacente da associação de sedimento A e seixos de quartzito? Ora aqui poderemos ter duas leituras. Solo, sem seixos seria o mesmo que apenas depositar a parte e não o todo. E por outro, o seixo de quartzito, mesmo sem trabalho ou com rudimentos ou fracturas térmicas, podem bem expressar a importância deste nas comunidades locais da altura ou expressar um acto simbólico ou ritual cuja origem estaria na lembrança dos seus antepassados. Esta pode ser uma das bases que pode estar subjacente à razão da ocorrência de seixos talhados e lascas de anfíbolite, rolados ou não e aparentemente sem qualquer viabilidade de utilização, em povoados, tal como o de Fontes. Por esta facto, o “povoado” de Fontes, entraria mais no conceito de um local central ritual, mágico, do que propriamente um povoado, quais os de Santa Margarida, Cova dos Castanheiros, Souto e Maxial. Isto explicaria as diversas ocorrências, qualidade, quantidade, manufactura.

Agora resta o pensamento que envolve a retirada do menir e a colmatação do alvéolo.

O que representa o menir? Talvez o “Deus ou deuses imaginários ou da natureza ou algum antepassado (o Xamã?), de contorno antropomórfico indefinido, mas presente entre os homens? Eles trazem-no assim ao quotidiano, e mesmo sendo de pedra é uma representação viva e física. Esse elo entre homens e Deuses/ antepassados está ali representado, como propósito de adoração, proteção, submissão, necessidade para continuação da vida, das espécies de que se alimentavam e das colheitas que deles dependiam, fossem esses “Deuses” formas abstratas físicas ou conotados com o sol, lua. Haveria assim uma interdependência entre Deuses e homens, para que a caça abundasse, colheitas e mesmo para a fertilidade feminina no seio comunitário. Depor o Deus era provocar a sua ira. Depositar no solo e fechar com terra sagrada fértil da qual dependiam seria continuar a demonstrar que a comunidade continuava dependente e o elo entre Deuses e homens se mantinha. Esta parece-nos ser a leitura mais plausível, pois que marca o profundo ritualismo de que essas comunidades estavam embebidas, e da qual estavam supostamente dependentes para sobreviver. Sem caça, sem gado ovi-caprino, agricultura não sobrevivem, como sem água e sol as plantas não germinam. Sem alimento advém a fome, morte e esta põe em causa a sobrevivência da comunidade. Mesmo a deposição do sedimento A e seixos de quartzito, no interior do alvéolo, pode denotar que ambos são indissociáveis e como tal fazem parte do todo, o mesmo elo que se pretende entre Deuses e homens, mais que não seja pelos deuses mais preocupados com os assuntos humanos (URL:

<http://antropologiaced4guara.blogspot.pt/2014/12/deuses-e-deusas-mitologia-grega.html>). Retirar qualquer destes elementos do seu interior seria como que apenas

depositar a parte e com isso quebrar o elo com os Deuses. Além de que a terra poderia ser conotado com os homens e os seixos com os deuses, tal qual como a associação alvéolo e menir. Tudo faz parte do mesmo elo igualitário, seja a nível micro quanto macro cósmico e como tal inseparáveis, porque representam o devido equilíbrio. Não podemos descurar a hipótese de este Menir se tratar apenas um marco territorial, desfazendo assim qualquer campo teórico anterior. Bem pelo contrário, este Menir, assim como os restantes vestígios da área em que este se insere faz parte de todo um amplo conjunto, que engloba ambas as margens do Zêzere, incluído a Anta de Val da Lage (Tomar).

No interior da cabana, observou-se o que designamos por um “silo”, ainda selado por lajes de granito e travadas lateralmente por seixos de quartzito. A sua localização perto da entrada da cabana (Q13 C4 topo), assim como o facto da sua cobertura e o interior destituído de espólio ou outrem, leva-nos a concluir por uma intencionalidade ritual ou simbólica, o que vai de encontro à colmatação do alvéolo do menir.

Por outro lado qual a relação existente entre menir e cabana? A abertura da cabana a Oeste, para o por do Sol ao invés de para Sul terá algum significado cuja origem poderemos encontrar na mitologia do crescente fértil? Não é totalmente de descorar face ao ídolo da Chã/ Jogada nos remeter para um difusionismo e provável miscigenação (exogamia) de população oriunda do Médio Oriente, e não necessariamente absorção pelos autóctenes de comunidades portadoras do “Pacote Neolítico”. Será que os dados paleoambientais que confirmam a presença, nesta área durante o IV e III milénios de cereais, associado a *Arbustus unedo* com associação a Ericaceae e escassos *Quercus*, *Pinus*, *Alnus* e *Olea europaea* (OOSTERBEEK, CRUZ, REIS [et al.], 2000:104), expressa que estamos perante povoados com uma economia cerealífera? Não nos parece na Medroa que estejamos perante essa realidade. A exiguidade do espólio, sua diminuta importância mais nos aponta para espólio a inserir em qualquer monumento funerário que a constituir indústria para utilização quotidiana. Colocar a hipótese de estarmos perante um local inerente a uma economia baseada na pastorícia, também não melhora a questão da exiguidade do espólio.

Ainda nos assalta uma outra questão que envolve a “área habitacional”.

Uma área com 2000 anos de suposta presença humana contínua, era para deixar mais amplos vestígios no terreno. E aqui se alarga essa presença a mais buracos de poste e

ao mais diverso e significativo espólio. Estas questões são até bem pertinentes pois coloca-nos perante a funcionalidade do local. Mas, também nos remete para uma outra questão. Que tipo de ocupação envolveu o local, no espaço cronológico que decorreu entre 4000 a 2000 a.C.? Teria o local sido efetivamente ocupado desde 4000 a.C. ou este apenas se resumia ao Menir e a presenças esporádicas? Será a cabana a marcar o termino dessa ocupação por volta de 2000 a.C.? Por outro a questão da presença de cerâmica que aponta para o Neolítico antigo evolucionado em contextos Calcolíticos só pode reforçar a tese da sua presença neste contexto cronológico tardio e numa base de carácter ritual e não funcional. Aliás a sua presença fragmentária na Medroa, quanto na Pedra da Encavalada parece corroborar esse carácter ritual. Essa cerâmica é a resultante de um acto simbólico e deposição tencional, cuja base mental se pode associar ao culto ou lembrança dos antepassados, razão da sua ocorrência e da sua ampla diacronia nestes recintos? Quanto à cabana, parece-nos existir ainda um último factor a considerar. Esta teria sido reconstruída ao longo do tempo, ocupando sempre o mesmo espaço físico? A questão do reduzido espólio só pode ser então interpretado como uma utilização do local em determinada altura do ano. Aqui poderíamos apontar a hipótese para a ocupação sazonal, talvez para a primavera/ verão, até porque a disposição da cabana era para resistir durante o ano inteiro. Mas a sua função pode bem determinar não um carácter sazonal mas utilização esporádica consoante os enterramentos na área. Mas, aqui ainda teremos de alargar a nossa visão para o local de sua implantação, simultaneamente sobre um eixo viário de interior importante e toda uma área funerária a Norte e Oeste. O que nos parece evidente é a relação deste espaço com a Pedra Encavalada, pela cerâmica decorada e pela ponta de seta triangular que ocorreu também na Encavalada e no povoado da Chã/ Jogada. Ora estas cerâmicas decoradas e sua grande fragmentação, podem bem ser a resultante de uma acto simbólico/ ritual associado aos enterramentos.

Ainda em relação ao diverso espólio tivemos todo o cuidado de recolher mesmo alguma matéria lítica isenta de qualquer trabalho humano, mas que pelas suas características e inclusão clara nas camadas não revolvidas, não poderiam de modo algum serem dissociados do restante espólio. Neste âmbito se inserem alguns seixos de quartzito cujas fracturas termoclásticas apontam para uma acção directa ou indirecta, humana no meio.

- De entre o diverso espólio lítico recolhido que sofreu intervenção humana se destacam alguns seixos de fibrolite ou anfíbolite. São seixos de pequenas e médias

dimensões boleados e para ali trazidos. Pelas características destes seixos, com ausência de polimento e apresentando negativos de lascas dele extraídos, dificilmente poderiam ter ambos uma funcionalidade. As lascas não ofereceriam gumes cortantes e duradouros como os de quartzito.

- A indústria lítica macrolítica de quartzito e quartzito leitoso (conotada em meados do século passado com o *languedocense*), está presente na forma de núcleos e lascas.

- A pedra polida recolhida é rara e a que ocorreu está demasiado fragmentada, exceptuando um fragmento de machado de relativas dimensões (nº 54), mas mesmo este aponta para a possibilidade de ter sofrido uma fractura propositada. Ocorreram algumas lascas com vestígios de polimento corroborando a hipótese de estas fracturas serem resultantes de uma acção propositada e não inerentes a um factor de utilização ou uso.

- A indústria de sílex resume-se a lascas, esquirolas, lâminas, lamelas, chertes e uma ponta sob lasca (projecto de ponta de seta lanceolada). Alguma da indústria apresenta córtex primitivos que apontam também para a utilização de núcleos sob “forma de blocos” de sílex. Raramente esta indústria ultrapassa os 3 cm de comprimento e apresenta-se na quase totalidade fracturada. A diversa coloração interna do sílex observada é a negra, cinzentas escuras e claras, vermelhas, castanhas, amarelas e brancas opacas.

É uma indústria de pequenas dimensões. A utilização de chertes de seixos pode ter sido uma condicionante, mas o facto de se constatar indústria obtida de blocos de sílex, pode apontar para a existência, a par destes, de indústria de maiores dimensões, embora não constatadas. Existe um claro contraste entre esta indústria lítica e a observada em povoados de altura como St.^a Margarida da Coutada, Cova dos Castanheiros (Constância), Souto e Maxial (Abrantes) (BATISTA, 2004 e SILVA, BATISTA e CRUZ 2009). Exemplos são as lâminas de sílex lisas ou retocadas que ultrapassam os 10 cm de comprimento (BATISTA, 2004). Este tipo de indústria implica a origem de matéria-prima em blocos de sílex, que só existem em áreas calcárias.

- A indústria de quartzito hialino também está presente, embora mais raramente na forma de lamela, ou de pequenos núcleos de quartzito hialino e leitoso. Ocorreram dois cristais de rocha em quartzito hialino mesclado de leitoso, fracturados em uma das pontas.

- A indústria cerâmica recolhida em estratigrafia está representada por fragmentos

exíguos de bordos e paredes, lisas e algumas decoradas, apontando para formas esféricas, hemisféricas e carenadas de pequenas e médias dimensões.

Perante este parco espólio, longe estamos da qualidade e dimensões de espólio recolhido em povoados da área do Tejo e Zêzere. Mesmo pensando que estamos perante um reduzido núcleo familiar assalta-nos a questão do imenso tempo de ocupação do espaço.

Perante toda estes considerandos como deveremos interpretar a funcionalidade deste arqueossítio?

F) Considerações finais

Numa primeira análise sobre este arqueossítio talvez estivéssemos tentados a abordar o sítio como mais um povoado aberto no qual se ergueu em dado momento temporal um menir.

Mas a leitura efectuada é bem outra e tudo aponta estarmos perante um local inverso, cuja base fulcral assenta mais num contexto ritualizante do que mais propriamente de habitat, mesmo se encarado de carácter sazonal.

Os dados que nos levaram a essa conclusão são por demais evidentes de entre os diversos contextos observados. Indiciam toda uma forte componente ritual das comunidades da altura, votadas a uma vida dependente de um território, da água, da pesca e da caça. O elo relacional entre humanos e Deuses da natureza ou antropomórficos, também está fortemente implícito. A sobrevivência dessa comunidade dependia desse elo, e qualquer rompimento ou afrouxamento desse laço por parte dos homens, acarretaria inevitáveis consequências naturais, as quais era necessário que não ocorressem, dado porem em perigo a estabilidade comunitária dos vivos.

Vejamos os dados sumários que nos conduziram a esta leitura, aparentemente cognitiva, mas bem implícita na leitura que os dados materiais evidenciam.

Na área Sul, respeitante ao menir, a selagem do alvéolo, e o tipo de solo escolhido, denota todo um carácter ritual de apaziguamento entre homens e Deuses e a necessária continuação desse elo, pois a sua sobrevivência estaria dependente dos Deuses. A própria C3 que envolvia o menir pode bem representar a importância da fertilidade do solo pelos Deuses.

A Norte o negativo de cabana, a fogueira, o silo ainda selado e as estruturas adossadas

a Nor-Nordeste, poderão mais não ser que o reflexo de um conjunto arquitectural eminentemente humano, mas cujo valor real não seria habitacional, mas de culto ou de ritual de apoio à pré preparação espiritual ou mesmo do tratamento ou embelezamento dos corpos que em baixo seriam inumados.

A quebra propositada da indústria polida, sua escassez e mesmo de mós planas, também elas fracturadas, podem mais indiciar um carácter ritual do que propriamente uma quebra natural ou escassez derivada do facto de nos encontrarmos numa região com fracos recursos de solos de aptidão agrícola. A ampla diacronia do arqueossítio contrasta fortemente com a abundância material dos povoados de altura das vizinhanças do Tejo. O factor mesmo sazonal a aplicar ao sítio, por motivos de exploração do amplo território dos povoados do Tejo, não parece ser sobejamente claro, embora não improvável, mesmo tendo em conta o contexto fechado em que este “povoado” da Medroa se insere, tendo por base a periferia definida pela “arte rupestre”. Seria este um local de ritual e apoio aos enterramentos ou um local, que pela sua estratégia de implantação sobre a área megalítica a Norte, mais não seria que um local de vigilância?

Embora possam estar implícitos os dois conceitos, ou ambos em simultâneo, o facto é que tudo aponta estarmos perante um sítio cujo factor habitacional permanente não parece ser plausível ou mesmo de todo evidente, face à forte componente ritual ou simbólica presente. Por outro, os únicos dois sítios em cuja cerâmica decorada ocorre é neste local e na *Pedra da Encavalada*. É bem provável que a presença na *Pedra da Encavalada* dessa cerâmica tenha aqui sua origem.

Por tudo o que atrás dissemos concluímos que o arqueossítio da Medroa não seja uma área habitacional mas um local ritual e de apoio aos diversos enterramentos da área desde Vale Chãos à Encavalada.

G - BIBLIOGRAFIA

BATISTA, Álvaro - *Carta Arqueológica do Concelho de Constância*, Escora, Constância, 2004

BATISTA, Álvaro – Relatório do Povoado da Medroa – (Jogada), Aldeia do Mato – Abrantes, Tomar, 2008

BATISTA, Álvaro – O “Povoado” da Medroa (Jogada) – Aldeia do Mato – Abrantes. Breve Síntese sobre os resultados da escavação (2006/ 2007) – *Iº Congresso de Arqueologia do Alto Ribatejo, Homenagem a José da Silva Gomes*, ARKEOS 34, Tomar. Págs. 121-129, 2013

BATISTA, Álvaro - DEUSA OU DEUSES? UM IDOLO OCULADO/ SOLAR DE ABRANTES, Actas II e III Jornadas Internacionais do MIAA, Outubro. Págs. 147-159, 2013^a

BATISTA, Álvaro - O ÍDOLO DO POVOADO DA “JOGADA/CHÃ” ALDEIA DO MATO – ABRANTES, PowerPoint, apresentado em Mação, 2015

BATISTA, Álvaro e GASPAR, Filomena – “Dados Arqueológicos Inéditos a Norte do Concelho de Abrantes”, *ZAHARA*, Julho, ano 5, nº 9, 2007

BATISTA, Álvaro e CRUZ, Ana – Arte Rupestre no Concelho de Abrantes – Novo núcleo a norte do concelho, 2007-2008

BICHO, Nuno - Sistemas de povoamento, subsistência e relações sociais dos últimos caçadores -recoletores do Vale do Tejo, Estudos Arqueológicos de Oeiras, 17, Oeiras, Câmara Municipal, 2009, p. 133-156, 2009

BICHO, Nuno; STINER, Mary; LINDLY, Jonh; FERRING, C. Reid – O Processo de Neolitização na Costa Sudoeste, in 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, Actas, vol. 3 Neolitização e Megalitismo da Península Ibérica, Porto, ADECAP, 2000

BURBIDGE, C.I.; DIAS, M.I.; PRUDENCIO, M.I.; CARDOSO, G.; MARQUES, R.; FRANCO, D. - Sumário dos resultados da datação por luminescência de duas amostras de sedimento do preenchimento da câmara de um menir proveniente das escavações da Câmara Municipal de Abrantes - Medroa, Abrantes, Portugal, Junho.

Grupo de Geoquímica Aplicada & Luminescência no Património Cultural, ITN, 2010

CALADO, Manuel - Neolitização e Megalitismo no Alentejo central: uma leitura espacial, In *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular.vol 3*, ISBN 972-97613-4-5, Porto, 2000

CARDOSO, João Luís – *Leceia 1983-1993, “Escavações do povoado fortificado pré-histórico”*. Estudos Arqueológicos de Oeiras, número especial, 1994

CARVALHO, António Faustino – Os Sítios de Quebradas e de Quinta da Torrinha (Vila Nova de Foz Côa) e o Neolítico Antigo do Baixo Côa, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol 2, nº 1, 1999

CASTEL-BRANCO, Duarte - "Ante-plano territorial de ordenação urbanística do Norte do Ribatejo", *Revista Urbanização*, VI, Lisboa. (158-160); E.G.F. (1990: 1-2), 1971

CRUZ, Ana Rosa – O Povoamento no Vale do Nabão e seu Enquadramento (do Neolítico Inicial à Idade do Bronze) – Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Arqueologia pela Universidade do Minho, dactilografado, 1996

CRUZ, Ana Rosa – *Arkeos 3 Perspectivas em Diálogo – Vale do Nabão: Do Neolítico à Idade do Bronze*, Tomar, 1997

CRUZ, Ana Rosa - Relatório de Levantamento e decalque da Arte rupestre do Vale do Baixo Zêzere, 2008

CRUZ, Ana Rosa - Relatório da campanha de escavação da Mamoa 1 do Souto, 2008-2009

CRUZ, Ana Rosa - Relatório da campanha de escavação Do Povoado de Fontes, 2009

CRUZ, Ana Rosa – A Pré-História Recente no Vale do Baixo Zêzere – Um Olhar Diacrónico, 2010. Tese de Doutoramento, policopiado.

CRUZ, Ana Rosa - Relatório da Campanha de Trabalhos Arqueológicos em 2011 (relatório de Fontes), 2011

DINIZ, Mariana – O Sítio da Valada do Mato (Évora) Aspectos da Neolitização no interior/ Sul de Portugal, in *Trabalhos de Arqueologia*. vol. 48, ISBN 978-972-8662-32-5, IPA, Lisboa, 2007

FIGUEIREDO, Alexandra - *Complexo Megalítico de Rego da Murta. Pré-História Recente do Alto Ribatejo (Vº-IIº Milénio a.C.): Problemáticas e Interrogações*, - Dissertação de doutoramento vol. 1, 2 e vol. 2 anexo final, 2006

GOMES, Mário Varela – Arte Rupestre do Vale do Tejo, in *Arqueologia no Vale do Tejo*, IPPC, 1987

OOSTERBEEK, Luiz - *Continuidade e Descontinuidade na Pré-História estudo epistemológico da Arqueologia e da Pré-história IPT*, 1999

OOSTERBEEK, Luiz, CRUZ, Ana Rosa, REIS, Rui Pena, GARCIA, F. B., MARTÍ, E. A., MIGLIAVACCA, M. e MOZZI, P. – “Novos Dados Crono-Estratigráficos e Paleo-Ambientais do Pleistoceno e do Holoceno no Alto Ribatejo”, separata das *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. IX, *Contributos das Ciências e das Tecnologias para a Arqueologia da Península Ibérica*, ADECAP, Porto, 2000

RAPOSO, Luís - "Mustierense, Mustiero-Languedocense ou Languedocense?", *Arqueologia*, 14, 1986

RENFREW, Colin – *Towards na Archaeology of Mind*. Cambridge: University Press, 1982

RENFREW, Colin – Prehistory: The Making of the Human Mind, Modern Library, 2008.

RODRIGUES, Sérgio Monteiro – A Estação Neolítica do Prazo (Freixo de Numão – Norte de Portugal) No Contexto do Neolítico Antigo do Noroeste Peninsular. Algumas Considerações Preliminares, *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol 3. Porto, 2000

RODRIGUES, Sérgio Monteiro – Estação Pré-histórica do Prazo – Freixo de Numão – Estado Actual dos Conhecimentos, *CÔAVISÃO Cultura e Ciência nº 4* Ano de 2002, CM Vila Nova Foz Côa, 2002

RODRIGUES, Sérgio Monteiro – Pensar o Neolítico Antigo, Estudos Pré-Históricos, Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta, 16, 2011

SAMPAIO, Sofia Gama Caldas - Análise experimental do comportamento térmico de construções em terra, Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura, 2014

SANCHES, Maria Jesus - Reflexos Sobre o Povoamento do Neolítico Inicial do Norte de Portugal (VI-IV milénio a.C.); in *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol 3, Porto, 2000

SILVA, Carlos Tavares – Do Mesolítico ao Neolítico no Sul de Portugal: Para o Estudo das Estratégias de Subsistência, in *Homenagem a J.R. dos Santos Júnior*, coordenação de M. Conceição Rodrigues, volume 1, Lisboa., 1990

SILVA, Joaquim Candeias, BATISTA, Álvaro e GASPAR, Filomena – Carta Arqueológica do Concelho de Abrantes, edição cd, CMA, 2009

SOARES, Joaquina, SILVA, Carlos Tavares – “A transição para o neolítico na costa sudoeste portuguesa” in *Muita gente, poucas antas?: Origens, espaços e contextos do megalitismo* - *Actas do II Colóquio Internacional sobre megalitismo*, Lisboa, 2003

TOMÉ, Tiago - Tumulus 1 do Souto (Abrantes) – Análise preliminar dos restos humanos de um depósito de cremação em uma urna da Idade do Bronze, 2008-2009

ZILHÃO, João - A Passagem do Mesolítico ao Neolítico na Costa do Alentejo, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa vol 1, nº1, 1998

H) Anexos

H 1 Documentação fotográfica e H 2 Inventário do espólio da Medroa



Fig. 69 Área da cabana vista de Este



Fig. 70 Área da cabana vista de Norte



Fig. 71 Área da cabana vista de Sul



Fig. 72 Murete Este da cabana



Fig. 73 Área Norte da cabana e EI1 e 2



Fig. 74 Área Este da cabana Q 16, 19 e 20



Fig. 75 Pormenor da cabana Q20



Fig. 76 Pormenor da cabana Q16



Fig. 77 Área da cabana Sul. Pormenor Q21



Fig. 78 Pormenor Q22



Fig. 79 Pormenor da cabana a Oeste, entrada e silo 1



Fig. 80 Pormenor da cabana Q17



Fig. 81 Área do menir Q2



Fig. 82 Área do menir Q3



Fig. 83 Área do menir Q4 cobertura



Fig. 84 Menir visto de Norte



Fig. 85 Área do menir Q1



Fig. 86 Área do menir, Q4, estrutura incipiente



Fig. 87 Menir colocado no interior do alvéolo e estrutura incipiente



Fig. 88 Área em que o menir esteve deitado, Q1, 2, 3 e 4



Fig. 89 Pormenor do topo C4 da Q1. A Norte o alvéolo do menir



Fig. 90 Q5 e pormenor do alvéolo



Fig. 91 Q6 e o alvéolo



Fig. 92 O menir visto de Este

H 2 Inventário do espólio da Medroa

| | | | | POVOADO DA MEDROA | | | | | | | |
|-----------|-----------------|----------------|--------------|------------------------------------|--------------|---------------|----------|----------|--------------------|---------------------------|--------------------|
| | | | | INVENTÁRIO GERAL DO ESPÓLIO | | | | | | | |
| | | | | UTENSILAGEM | | | | | | INCLINAÇÃO | |
| Nº | Cerâmica | Líticos | Outro | DESCRIÇÃO | QUAD. | CAMADA | X | Y | COTAS REAIS | HORIZ. INCL. VERT. | OBSERVAÇÕES |
| 1 | | X | | fragmento machado p. polida | 4 | 1 topo | 0,74 cm | 1,5 m | 239,27 m | — | |
| 2 | X | | | fragmento cerâmico | 2 | 2 topo | 30 mm | 0,8 | 239,325 | — | |
| 3 | X | | | fragmento cerâmico | 2 | 2 topo | 1,58 | 0,88 | 239,38 | — | |
| 4 | | X | | Lasca de quartzito | 2 | 2 topo | 1,64 | 1,44 | 239,4 | — | |
| 5 | | X | | Lamela de sílex | 2 | 2 interior | 0,63 | 0,68 | 239,31 | — | |
| 6 | | X | | Núcleo quartzito | 2 | 2 interior | 0,8 | 0,6 | 239,33 | — | |
| 7 | X | | | Actual | 2 | 2 interior | 40 mm | 0,9 | 239,275 | — | |
| 8 | X | | | Fragmento bordo com asa | 4 | 2 topo | 0,15 | 0,41 | 239,2 | — | |
| 9 | | X | | Lamela de sílex | 4 | 2 topo | 0,23 | 0,83 | 239,22 | — | |
| 10 | X | | | Nódulo (?) | 2 | 2 interior | 0,13 | 0,83 | 239,25 | — | |
| 11 | | X | | Quartzo hialino | 2 | 2 interior | 0,65 | 0,82 | 239,29 | — | |
| 12 | | X | | Lasca de quartzito | 2 | 2 interior | 0,68 | 0,8 | 239,28 | — | |
| 13 | | X | | Quartzo leitoso | 2 | 2 interior | 0,65 | 0,93 | 239,29 | — | |
| 14 | | X | | Lasca de quartzito | 4 | 2 interior | 1,1 | 1,46 | 239,17 | — | |
| 15 | X | | | Fragmento cerâmico | 4 | 2 interior | 1,12 | 1,22 | 239,17 | — | |
| 16 | X | | | Fragmento cerâmico | 4 | 2 interior | 1,52 | 1,56 | 239,17 | — | |
| 17 | | X | | | 4 | 2 interior | 1,18 | 1 | 239,2 | — | |
| 18 | X | | | Fragmento cerâmico | 4 | 2 interior | 0,535 | 1,49 | 239,23 | — | |
| 19 | | X | | Lasca de quartzito | 4 | 2 base | 1,26 | 1,4 | 239,16 | — | |
| 20 | | X | | Lasca de quartzito | 4 | 2 interior | 0,49 | 1,74 | 239,22 | — | |

Quadro 1 Inventário do Espólio da Medroa

| | | | | UTENSILAGEM | | | | | | INCLINAÇÃO | |
|----|----------|---------|-------|-----------------------------|-------|------------|------|-------|-------------|--------------------|----------------------------------|
| Nº | Cerâmica | Líticos | Outro | DESCRIÇÃO | QUAD. | CAMADA | X | Y | COTAS REAIS | HORIZ. INCL. VERT. | OBSERVAÇÕES |
| 21 | | X | | Fragmento de enxó (?) | 2 | 2 interior | 1,9 | 0,13 | 239,31 | — | |
| 22 | | X | | Lasca de quartzito | 2 | 2 interior | 1,74 | 80 mm | 239,31 | — | |
| 23 | X | | | Fragmento bordo cerâmico | 2 | 2 base | 1 | 0,18 | 239,22 | — | Sobre e misturado leito seixos |
| 24 | | X | | Lasca de quartzito | 2 | 2 base | 1,7 | 0,56 | 239,22 | — | Sobre e misturado leito seixos |
| 25 | | X | | Lasca de sílex | 2 | 2 base | 1,6 | 0,7 | 239,25 | — | Camada terra sobre seixos C3 (?) |
| 26 | | X | | Núcleo quartzito leitoso | 2 | 2 base | 1,95 | 0,72 | 239,26 | — | Envolto seixos |
| 27 | | X | | Lasca de xisto | 2 | 2 base | 1,2 | 1 | 239,26 | — | Camada terra sobre seixos C3 (?) |
| 28 | | X | | Lasca de quartzito | 2 | 2 base | 1,5 | 0,93 | 239,26 | — | Camada terra sobre seixos C3 (?) |
| 29 | | X | | Lasca de sílex | 2 | 2 interior | 1,8 | 1,5 | 239,31 | — | Camada terra sobre seixos C3 (?) |
| 30 | | X | | Lasca de sílex | 2 | 2 interior | 1,33 | 1,94 | 239,33 | — | |
| 31 | | X | | Sílex | 4 | 2 base (?) | 0,96 | 1,76 | 239,2 | — | |
| 32 | X | | | Fragmento cerâmico | 2 | 2 interior | 0,8 | 1,4 | 239,32 | — | |
| 33 | | X | | Fragmento lâmina ? sílex | 2 | 2 base (?) | 1,82 | 80 mm | 239,255 | | |
| 34 | | X | | Lascas de quartzito hialino | 2 | 2 base | 1,84 | 0,8 | 239,25 | — | Sobre seixos |
| 35 | | X | | Fragmento de enxó (?) | 2 | 2 base | 1,43 | 1,28 | 239,245 | / | Sobre seixos |
| 36 | | X | | Seixo lascado, núcleos | 2 | 2 base | 1,6 | 1,64 | 239,22 | — | Sobre seixos |
| 37 | | X | | Lasca de sílex | 2 | 2 interior | 0,6 | 1,6 | 239,28 | — | |
| 38 | | X | | Lasca de sílex | 4 | 2 interior | 0,28 | 0,28 | 239,2 | — | Revolvido |
| 39 | | X | | Seixo lascado | 4 | 2 interior | 0,6 | 0,65 | 239,2 | — | Revolvido |
| 40 | X | | | Actual | 4 | 2 interior | 0,98 | 0,18 | 239,22 | — | Revolvido, Perto base |

Quadro 2 Inventário do Espólio da Medroa

| | | | | UTENSILAGEM | | | | | | INCLINAÇÃO | |
|----|----------|---------|-------|---------------------------|-------|------------|-------|------|-------------|--------------------|--------------------------------------|
| Nº | Cerâmica | Líticos | Outro | DESCRIÇÃO | QUAD. | CAMADA | X | Y | COTAS REAIS | HORIZ. INCL. VERT. | OBSERVAÇÕES |
| 41 | X | | | Actual | 4 | 2 interior | 0,9 | 0,8 | 239,28 | — | Revolvido, Perto base |
| 42 | X | | | Actual | 4 | 2 interior | 0,76 | 0,04 | 239,24 | — | Revolvido |
| 43 | X | | | Actual | 4 | 2 topo | 1,35 | 0,94 | 239,32 | — | |
| 44 | | X | | Lasca quartzo leitoso | 4 | 2 topo | 18,85 | 0,96 | 239,31 | — | Revolvido (?) |
| 45 | | X | | Núcleo de quartzo leitoso | 4 | 2 topo | 1,7 | 0,96 | 239,31 | — | Revolvido (?) |
| 46 | | X | | Lasca quartzo leitoso | 4 | 2 topo | 1,95 | 0,9 | 239,29 | — | Revolvido (?) |
| 47 | | X | | Lasca de xisto anfibólico | 4 | 2 interior | 1,3 | 0,87 | 239,265 | — | Revolvido (?) |
| 48 | | X | | Lasca (?) de sílex | 4 | 2 interior | 1,55 | 0,9 | 239,24 | — | |
| 49 | X | | | Actual | 4 | 2 interior | 1,6 | 0,04 | 239,28 | — | |
| 50 | X | | | Actual | 4 | 2 interior | 0,1 | 0,15 | 239,24 | — | |
| 51 | | X | | Lasca quartzo leitoso | 4 | 2 interior | 1,55 | 0,04 | 239,23 | — | |
| 52 | X | | | Actual | 4 | 2 interior | 0,93 | 1,65 | 239,18 | — | Revolvido |
| 53 | | X | | Seixo | 4 | 2 interior | 0,58 | 1,6 | 239,17 | — | |
| 54 | | X | | Machado de P. Polida | 4 | 4 topo | 0,76 | 0,53 | 239,14 | / | Envolto C3 Contêm pigmentação branca |
| 55 | | X | | Lasca de sílex | 4 | 4 topo | 1,1 | 0,44 | 239,15 | — | Envolto C3 |
| 56 | | X | | Lasca de quartzito | 4 | 4 topo | 1,68 | 1 | 239,19 | — | Envolto C3 |
| 57 | | X | | Lasca de sílex | 4 | 4 topo | 1,9 | 1,65 | 239,18 | — | Envolto C3 |
| 58 | X | | | Fragmento amorfo liso | 4 | 4 topo | 1,84 | 0,56 | 239,21 | — | Envolto C3 |
| 59 | X | | | Fragmento amorfo liso | 4 | 4 topo | 1,7 | 0,5 | 239,18 | — | Envolto C3 |
| 60 | X | | | Fragmento amorfo liso | 4 | 4 topo | 1,51 | 0,48 | 239,16 | — | Envolto C3 |

Quadro 3 Inventário do Espólio da Medroa

| | | | | UTENSILAGEM | | | | | | INCLINAÇÃO | |
|----|----------|---------|-------|----------------------------|-------|------------|------|------|-------------|--------------------|-------------|
| Nº | Cerâmica | Líticos | Outro | DESCRIÇÃO | QUAD. | CAMADA | X | Y | COTAS REAIS | HORIZ. INCL. VERT. | OBSERVAÇÕES |
| 61 | | X | | Lasca de quartzito | 4 | 4 topo | 1,85 | 0,08 | 239,18 | / | Envolto C3 |
| 62 | | X | | Cristal de quartzo hialino | 4 | 4 topo | 1,66 | 1,02 | 239,18 | / | Envolto C3 |
| 63 | | X | | Cristal de quartzo hialino | 4 | 4 topo | 1,66 | 0,06 | 239,18 | — | Envolto C3 |
| 64 | | X | | Núcleo de quartzito | 4 | 4 topo | 1,53 | 0,17 | 239,16 | — | Envolto C3 |
| 65 | | X | | Lasca de quartzito | 4 | 4 topo | 1,43 | 0,18 | 239,17 | — | Envolto C3 |
| 66 | | X | | Lasca de quartzito | 4 | 4 topo | 1,15 | 0,58 | 239,17 | — | Envolto C3 |
| 67 | | X | | Lasca quartzo leitoso | 4 | 4 topo | 1 | 0,09 | 239,14 | — | Envolto C3 |
| 68 | X | | | Fragmento com caneluras | 4 | 4 topo | 1,18 | 1,08 | 239,14 | — | Envolto C3 |
| 69 | | X | | Lasca sílex | 4 | 4 topo | 0,49 | 1,62 | 239,12 | — | Envolto C3 |
| 70 | | X | | Núcleo quartzo leitoso | 4 | 4 topo | 0,56 | 1,05 | 239,13 | — | Envolto C3 |
| 71 | | X | | Lasca de sílex retocada | 4 | 2 interior | 0,1 | 1,03 | 239,15 | — | |
| 72 | | X | | Seixo com fractura térmica | 4 | 4 topo | 0,4 | 1,16 | 239,19 | — | Envolto C3 |
| 73 | | X | | Lasca quartzo leitoso | 4 | 4 topo | 0,24 | 0,62 | 239,12 | — | Envolto C3 |
| 74 | | X | | Bigorna | 4 | 2 interior | 0,09 | 0,93 | 239,15 | — | |
| 75 | X | | | Amorfo | 1 | 2 interior | 1,98 | 1,95 | 239,28 | — | |
| 76 | X | | | Actual | 1 | 2 interior | 1,97 | 1,16 | 239,32 | — | |
| 77 | | X | | Lasca quartzo leitoso | 1 | 2 interior | 1,9 | 0,86 | 239,35 | — | |
| 78 | | X | | Lamela de sílex | 1 | 2 interior | 1,81 | 0,89 | 239,35 | — | |
| 79 | | X | | Lasca quartzo leitoso | 1 | 2 interior | 0,7 | 0,82 | 239,32 | — | |
| 80 | | X | | Esquírola de sílex | 1 | 2 interior | 0,7 | 0,95 | 239,3 | — | |

Quadro 4 Inventário do Espólio da Medroa

| | | | | UTENSILAGEM | | | | | | INCLINAÇÃO | |
|-----|----------|---------|-------|--------------------------------|-------|------------|------|------|-------------|--------------------|---------------|
| Nº | Cerâmica | Líticos | Outro | DESCRIÇÃO | QUAD. | CAMADA | X | Y | COTAS REAIS | HORIZ. INCL. VERT. | OBSERVAÇÕES |
| 81 | | X | | núcleo (?) | 1 | 2 interior | 0,23 | 0,97 | 239,25 | — | |
| 82 | | X | | Lasca de quartzito | 1 | 2 interior | 1,1 | 1,44 | 239,28 | — | |
| 83 | | X | | Núcleo (?) quartzito leitoso | 1 | 2 interior | 1,6 | 1,2 | 239,26 | — | Próximo base |
| 84 | | X | | Lasca de quartzito | 1 | 2 interior | 0,37 | 0,52 | 239,31 | — | |
| 85 | | X | | Furador (?) de sílex | 1 | 2 interior | 0,31 | 0,22 | 239,32 | — | |
| 86 | | X | | Lasca sílex | 1 | 2 interior | 1,88 | 0,74 | 239,37 | — | |
| 87 | X | | | Actual | 1 | 2 interior | 0,89 | 0,58 | 239,29 | — | |
| 88 | X | | | Parede | 1 | 3 base | 0,3 | 0,7 | 239,2 | — | |
| 89 | X | | | Parede | 1 | 3 base | 0,32 | 0,8 | 239,2 | — | |
| 90 | | X | | Lasca de quartzito | 1 | 3 base | 0,18 | 0,8 | 239,2 | / | |
| 91 | | X | | Lasca de quartzito | 1 | 3 base | 0,82 | 1,47 | 239,23 | — | |
| 92 | | X | | Lasca sílex | 1 | 3 base | 1,86 | 0,96 | 239,21 | — | Interior cova |
| 93 | | X | | Fragmento de anfibolito polido | 3 | 2 topo | 0,76 | 0,6 | 239,27 | — | |
| 94 | X | | | Amorfo | 3 | 2 topo | 1,05 | 0,3 | 239,31 | — | |
| 95 | X | | | Actual | 3 | 2 topo | 1,6 | 1 | 239,3 | — | |
| 96 | | X | | Sílex | 3 | 2 base | 0,2 | 0,55 | 239,13 | — | |
| 97 | | X | | Lasca anfibolito | 3 | 2 base | 0,13 | 0,38 | 239,13 | — | |
| 98 | | X | | Lâmina de sílex | 3 | 2 base | 0,19 | 0,6 | 239,12 | — | |
| 99 | | X | | Núcleo de sílex | 3 | 2 interior | 1,05 | 1,7 | 239,18 | — | |
| 100 | | X | | Lasca de sílex | 3 | 2 base | 1,1 | 0,4 | 239,14 | — | |

Quadro 5 Inventário do Espólio da Medroa

| | | | | UTENSILAGEM | | | | | | INCLINAÇÃO | |
|-----|----------|---------|-------|-----------------------------|-------|------------|------|------|----------------|-----------------------|-------------------------------|
| Nº | Cerâmica | Líticos | Outro | DESCRIÇÃO | QUAD. | CAMADA | X | Y | COTAS REAIS | HORIZ. INCL. VERT. | OBSERVAÇÕES |
| 101 | | X | | Lasca de quartzito | 3 | 2 base | 1,4 | 0,7 | 239,16 | — | |
| 102 | | X | | Lasca de sílex | 3 | 2 base | 1,3 | 0,9 | 239,15 | — | |
| 103 | | X | | Lasca de quartzito | 3 | 2 base | 0,8 | 1 | 239,15 | — | |
| 104 | X | | | Parede lisa | 5 | 2 base | 1,67 | 1,54 | 239,35 | — | Envolto e sob a C3 |
| 105 | | X | | Fragmento de sílex | 5 | 2 interior | 1,6 | 1 | 239,39 | — | No interior da C2 quase base |
| 106 | X | | | Lasca de sílex | 1 | 4 topo | 1,58 | 1,25 | 239,225 | — | Sobre os seixos do topo da C4 |
| 107 | X | | | Seixo lascado de anfíbolite | 6 | 2 topo | 1,7 | 0,28 | 239,35 | / | No início da camada |
| 108 | | X | | Parede | 6 | 2 interior | 0,25 | 1,00 | 239,4 | — | No interior da camada |
| 109 | X | | | Lamela/ furador de sílex | 6 | 2 interior | 1,5 | 0,4 | 239,33 | — | No interior quase na base |
| 110 | X | | | Lasca de sílex | 6 | 2 interior | 1,4 | 0,7 | 239,4 | — | No interior quase no topo |
| 111 | X | | | Lasca de sílex | 6 | 2 base | 1,9 | 1,9 | 239,37 | — | No interior quase na base |
| 112 | X | | | Lâmina de sílex | 6 | 2 base | 0,5 | 1,9 | 239,39 | — | No interior quase na base |
| 113 | | X | | Parede decorada canelado | 6 | C3 | 0,1 | 1,2 | 239,35 | I | Envolto na C3 |
| 114 | X | | | Lasca de sílex | 6 | 2 base | 0,5 | 0,5 | 239,29 | — | Assente na C3 envolto |
| 115 | | X | | amorfo | 6 | 2 base | 0,9 | 0,9 | 239,34 | — | Assente na C3 |
| 116 | | X | | amorfo | 7 | 2 interior | 0,06 | 0,35 | 239,72 | — | Quase topo C3 |
| 117 | X | | | Fragmento lâmina de sílex | 7 | 2 interior | 0,75 | 0,35 | 239,75 | — | |
| 118 | | X | | Parede | 7 | 2 base | 0,7 | 0,17 | 239,72 | — | |
| 119 | | X | | Bordo | 7 | 2 base | 1,06 | 0,09 | 239,72 | — | |
| 120 | | X | | Parede | 7 | 2 base | 0,8 | 0,65 | 239,72 | — | |

Quadro 6 Inventário do Espólio da Medroa

| | | | | UTENSILAGEM | | | | | | INCLINAÇÃO | |
|-----|----------|---------|-------|------------------------------|-------|------------|------|------|-------------|--------------------|-------------|
| Nº | Cerâmica | Líticos | Outro | DESCRIÇÃO | QUAD. | CAMADA | X | Y | COTAS REAIS | HORIZ. INCL. VERT. | OBSERVAÇÕES |
| 121 | X | | | Lasca de quartzo leitoso | 7 | 2 base | 1,7 | 0,3 | 239,73 | — | |
| 122 | X | | | Lasca de quartzito | 7 | 2 base | 1,3 | 0,7 | 239,74 | — | |
| 123 | X | | | Lasca de quartzito | 7 | 2 base | 1,3 | 1,24 | 239,74 | — | |
| 124 | X | | | Lasca de sílex | 8 | 2 interior | 0,12 | 0,4 | 239,73 | — | |
| 125 | X | | | Lasca de sílex | 8 | 2 interior | 0,25 | 1,2 | 239,75 | — | |
| 126 | X | | | Lasca de sílex | 8 | 2 interior | 0,3 | 1,7 | 239,75 | — | |
| 127 | X | | | Fragmento de lamela de sílex | 8 | 2 interior | 0,2 | 1,5 | 239,75 | — | |
| 128 | | X | | Fragmentos cerâmicos | 8 | 2 interior | 0,9 | 1,1 | 239,76 | — | |
| 129 | X | | | Lasca de quartzito | 8 | 2 interior | 1,1 | 1,1 | 239,76 | — | |
| 130 | X | | | Lâmina de sílex | 8 | 2 base | 1,25 | 0,67 | 239,7 | — | |
| 131 | | X | | Amorfo | 8 | 2 base | 1,48 | 1 | 239,72 | — | Assente C3 |
| 132 | X | | | Lasca de quartzo leitoso | 8 | 2 base | 1,3 | 1,15 | 239,72 | — | Assente C3 |
| 133 | | X | | Paredes lisas | 9 | 2 base | 1,9 | 1,9 | 239,71 | — | Assente C3 |
| 134 | X | | | Lasca de sílex | 9 | 2 base | 1,8 | 1,7 | 239,71 | — | Assente C3 |
| 135 | X | | | Lâmina de sílex | 9 | 2 base | 1,93 | 1,6 | 239,71 | — | Assente C3 |
| 136 | | X | | Cerâmica lisa | 9 | 2 base | 1,87 | 1,03 | 239,68 | — | Assente C3 |
| 137 | | X | | Cerâmicas lisas | 9 | 2 base | 1,91 | 0,98 | 239,68 | — | Assente C3 |
| 138 | X | | | Lasca de sílex | 9 | 2 base | 1,6 | 0,83 | 239,68 | — | Assente C3 |
| 139 | | X | | Cerâmica lisa | 9 | 2 base | 1,5 | 0,84 | 239,69 | — | Assente C3 |
| 140 | X | | | Lasca de quartzo leitoso | 9 | 2 base | 1,2 | 0,6 | 239,69 | — | Assente C3 |

Quadro 7 Inventário do Espólio da Medroa

| | | | | UTENSILAGEM | | | | | | INCLIN AÇÃO | |
|-------|----------|---------|-------|------------------------------|-------|----------|------|------|----------------|--------------------------|--|
| Nº | Cerâmica | Líticos | Outro | DESCRIÇÃO | QUAD. | CAMADA | X | Y | COTAS REAIS | HORIZ. INCL. VERT. | OBSERVAÇÕES |
| 141 | | X | | Cerâmica lisa | 9 | 2 base | 1,27 | 0,44 | 239,69 | — | Assente C3 |
| 142 | | X | | Cerâmicas lisas | 9 | 2 base | 0,1 | 1,4 | 239,71 | — | Assente C3 |
| 143 | X | | | Fragmento de lâmina de sílex | 10 | 2 A base | 1,82 | 1,68 | 239,75 | — | No bordo da cova, topo |
| 143 A | X | | | Núcleo de sílex | 10 | 2 A base | 0,3 | 0,9 | 239,69 | — | No bordo da cova, topo |
| 144 | | X | | Amorfo | 10 | 2 A base | 1,03 | 0,35 | 239,69 | — | No bordo da cova, topo |
| 145 | X | | | Núcleo de sílex | 10 | 2 A base | 0,5 | 0,08 | 239,71 | — | No bordo da cova, topo |
| 146 | | X | | Amorfo | 10 | 2 A base | 0,45 | 0,43 | 239,71 | — | No bordo da cova, topo |
| 147 | X | | | Lasca de sílex | 10 | 2 A base | 1,88 | 0,22 | 239,72 | — | No bordo da cova, topo |
| 148 | | X | | Amorfo | 10 | 2 A base | 1,92 | 0,3 | 239,72 | — | No bordo da cova, topo |
| 149 | X | | | Lasca (?) de sílex | 10 | 2 A base | 0,8 | 1,65 | 239,74 | — | No bordo da cova, topo |
| 150 | | X | | Amorfo | 10 | 2 A base | 0,85 | 1,65 | 239,74 | — | No bordo da cova, topo |
| 151 | X | | | 2 lamelas de quartzo leitoso | 10 | 2 A base | 0,4 | 1,2 | 239,72 | — | No bordo da cova, topo |
| 152 | X | | | Bordo | 10 | 2 A base | 1,2 | 1,9 | 239,72 | — | No bordo da cova, topo |
| 153 | X | | | Amorfos | 10 | 2 A base | 1,2 | 1,85 | 239,72 | — | No bordo da cova, topo |
| 154 | | X | | Lasca de sílex | 10 | C 2 | 1,67 | 0,9 | 239,7 | — | Sobre a estrutura no bordo da cova, topo |
| 155 | | X | | Lasca de quartzo leitoso | 10 | 2 A base | 1,85 | 0,4 | 239,68 | — | Interior da 2 A base, terras do buraco |
| 156 | X | | | Amorfo | 10 | 2 A base | 1,85 | 0,35 | 239,68 | — | Interior da 2 A base, terras do buraco |
| 157 | X | | | Amorfo | 10 | 2 A base | 1,95 | 0,9 | 239,68 | — | Rente topo C3, bordo da cova |
| 158 | X | | | Cerâmica decorada com pega | 10 | 2 A base | 1,67 | 0,8 | 239,66 | / | Topo C4 na orla do buraco |
| 159 | X | | | Amorfo | 10 | C3 topo | 1,93 | 0,7 | 239,66 | — | Topo C3 (debaixo da 2 A base) |
| 160 | X | | | Amorfo | 10 | C3 topo | 1,78 | 0,66 | 239,66 | — | Topo C3 (debaixo da 2 A base) |

Quadro 8 Inventário do Espólio da Medroa

| | | | | UTENSILAGEM | | | | | | INCLIN AÇÃO | |
|-----|----------|---------|-------|-------------------------------------|-------|---------|------|------|----------------|--------------------------|---|
| Nº | Cerâmica | Líticos | Outro | DESCRIÇÃO | QUAD. | CAMADA | X | Y | COTAS REAIS | HORIZ. INCL. VERT. | OBSERVAÇÕES |
| 161 | X | | | Amorfo | 10 | C3 topo | 0,96 | 1,8 | 239,68 | — | Topo C3 (debaixo da 2 A base) |
| 162 | | X | | Lasca de sílex | 10 | 2 base | 1 | 1 | 239,64 | — | Interior da estrutura circular |
| 163 | | X | | Núcleo de quartzo leitoso | 10 | 2 base | 1,05 | 1 | 239,64 | — | Interior da estrutura circular |
| 164 | | X | | Lasca de quartzito | 10 | 2 base | 1,05 | 1,49 | 239,66 | / | Interior da estrutura circular |
| 165 | X | | | Amorfo | 10 | 2 base | 1,43 | 1,5 | 239,66 | — | Interior da estrutura circular |
| 166 | X | | | Amorfo | 10 | 2 base | 1,71 | 1,53 | 239,66 | — | Interior da estrutura circular |
| 167 | X | | | Amorfo | 10 | 2 base | 1,83 | 1,53 | 239,66 | — | Interior da estrutura circular |
| 168 | X | | | Amorfo | 10 | 2 base | 1,85 | 1,1 | 239,65 | — | Interior da estrutura circular |
| 169 | | X | | Lasca de sílex | 10 | 2 base | 1,82 | 1,07 | 239,65 | — | Interior da estrutura circular |
| 170 | X | | | Amorfo | 10 | 2 base | 1,66 | 1,46 | 239,65 | — | Interior estrut. Circ., topo terra fofa |
| 171 | X | | | Amorfo | 10 | 2 base | 1,49 | 1,42 | 239,65 | — | Interior estrut. Circ., topo terra fofa |
| 172 | X | | | Amorfo | 10 | 2 base | 1,53 | 1,07 | 239,6 | — | Interior estrut. Circ., topo terra fofa |
| 173 | X | | | Amorfo | 10 | 2 base | 1,1 | 0,9 | 239,6 | — | Interior estrut. Circ., topo terra fofa |
| 174 | X | | | Bordo decorado com caneluras | 10 | 2 base | 1,07 | 1,47 | 239,63 | — | Interior estrut. Circ., topo terra fofa |
| 175 | X | | | Fragmento bojo com decoração incisa | 20 | 4 topo | 0,35 | 1,13 | 239,72 | / | Em cima da cabana |
| 176 | | X | | Lasca de sílex (junto anterior) | 20 | 4 topo | 0,35 | 1,15 | 239,72 | — | Orla exterior da cabana |
| 177 | X | | | cerâmica decorada(?) | 20 | 4 topo | 1,7 | 0,62 | 239,75 | — | Em cima da cabana |
| 178 | X | | | decorada espinha peixe | 14 | 4 topo | 0,72 | 1,27 | 239,75 | — | Em cima da cabana |
| 179 | X | | | com decoração de caneluras | 14 | 4 topo | 1,35 | 1,95 | 239,78 | — | No interior do buraco de poste 10 |
| 180 | X | | | Amorfo liso | 19 | 4 topo | 0,14 | 1,2 | 239,76 | — | Na orla e buraco da cabana |

Quadro 9 Inventário do Espólio da Medroa

| | | | | UTENSILAGEM | | | | | | INCLINAÇÃO | |
|-----|----------|---------|-------|--|-------|--------|------|------|---------------|--------------------|------------------------------|
| Nº | Cerâmica | Líticos | Outro | DESCRIÇÃO | QUAD. | CAMADA | X | Y | COTAS REAIS | HORIZ. INCL. VERT. | OBSERVAÇÕES |
| 181 | X | | | Amorfo liso | 19 | 2 base | 0,8 | 1,2 | 239,79 | — | Em cima da cabana / silo |
| 182 | X | X | | Diversa cerâmica e lâmina de sílex | 19 | 2 base | 1,46 | 0,4 | 239,78 | — | Em cima da cabana / silo |
| 183 | | | X | Carvão junto silo | 13 | 4 topo | 1,8 | 0,05 | 239,67 | — | |
| 184 | X | | | Cerâmica decorada | 13 | 2 base | 1,29 | 0,65 | 239,73 | — | Em cima da parede do silo |
| 185 | | X | | Lasca de quartzito | 13 | 2 base | 1,31 | 0,66 | 239,73 | — | Em cima da parede do silo |
| 186 | | X | | Fragmento de machado (?) | 13 | 4 | 1,15 | 1,7 | 239,7 | — | Ligeira cova a N do silo |
| 187 | | X | | Ponta de seta de sílex | 13 | 4 | 1,55 | 1,4 | 239,68 | — | Na ligeira cova |
| 188 | | X | | Lamela de quartzo hialino | 22 | 2 base | 1,65 | 0,15 | 239,64 | — | Em cima do muro da cabana |
| 189 | X | | | Carenado com decoração canelada | 14 | 2 base | 1 | 1,8 | 239,82 | — | No bordo do murete da cabana |
| 190 | X | | | Nódulo revestimento buraco de poste | 13 | 4 | | | 239,63 | — | Interior do buraco de poste |
| 191 | | X | | Lasca, interior BP 4 | 13 | 4 | | | 239,63 | — | Lasca eolizada, prov topo C5 |
| 192 | X | | | Frag. Cerâmico BP 6 | 21 | 4 | | | 239,62 | — | Interior do BP 6 |
| 193 | | X | | Lasca de quartzito no BP 6 | 21 | 4 | | | 239,62 | — | Interior do BP 6 |
| 194 | | X | | Ponta/ furador de sílex | 22 | 2 base | 1,3 | 1,5 | 239,61 | — | Em cima cabana |
| 195 | X | | | Nódulo de cerâmica de revestimento (?) | | 2 base | 0,7 | 1 | 239,73 | — | Em cima cabana |
| 196 | | X | | Fragmento de lâmina de sílex | | 2 base | 0,5 | 0,2 | 239,73 | — | Em cima cabana |
| 197 | | | X | Ocre (?) | | | | | 239,25/ 27 | — | no topo da C4 |

Quadro 10 Inventário do Espólio da Medroa